



Destino
Siciliano

Part II



Destino Siciliano

Part II

Por: Vitor Alves Felismino

Um homem que não protege sua família não merece chamá-la de sua.

— Renzo Pegorino

I

Famiglia

A cidade estava fria naquela manhã. O vento cortava as ruas de Manhattan, levando consigo o cheiro de chuva e o som dos carros passando apressados. Os prédios altos lançavam sombras escuras sobre as calçadas molhadas. Pessoas bem vestidas caminhavam em direção à Catedral de St. Patrick, no coração da Quinta Avenida.

A catedral se erguia imponente, com sua fachada gótica e suas torres que pareciam tocar o céu. As portas de madeira maciça estavam abertas, e fiéis entravam em silêncio, respeitando a solenidade do lugar. Lá dentro, os bancos de carvalho estavam quase todos ocupados. O cheiro de incenso impregnava o ar. O altar era iluminado por velas grossas, e a luz que passava pelos vitrais criava tons coloridos sobre o mármore do chão.

O padre subiu ao púlpito e abriu o livro sagrado. Ele respirou fundo antes de começar a leitura. Sua voz ecoou pela catedral, firme e sem pressa.

— Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Harmon Tate estava de joelhos no chão de um galpão escuro. Suas mãos tremiam. O cano frio de um revólver encostou na parte de trás de sua cabeça. O tiro foi seco e preciso. Seu corpo caiu para frente, o rosto batendo contra o concreto. O sangue escorreu lentamente ao redor dele.

— Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Ezekiel Rhodes estava no cais, os pés amarrados a um bloco de concreto. Dois homens seguravam seus braços. Ele tentou gritar, mas uma das mãos tapou sua boca. Foi empurrado para trás. O corpo atingiu a água escura e desapareceu. Ele se debatia, mas logo os movimentos cessaram.

— Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Luther Mayfield estava sentado em um restaurante vazio. O garçom fechou as cortinas. Um homem se aproximou dele por trás e passou uma lâmina afiada contra sua garganta. Ele tentou levantar as mãos, mas o sangue jorrou rapidamente. Seu corpo tombou para o lado.

— Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Virgil Carter estava dentro de um carro estacionado em um beco. Acendeu um cigarro e olhou pelo espelho retrovisor. O vidro estourou com o impacto da bala. O projétil atravessou sua cabeça, espalhando fragmentos de osso e massa encefálica pelo painel. Seu corpo ficou caído contra o volante, o cigarro ainda aceso entre os dedos.

— Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Theodore Garrison estava em seu escritório. Sobre a mesa, um revólver carregado. Ele olhou para os dois homens diante dele, que nada disseram. Pegou a arma com as mãos trêmulas e levou à têmpora. Fechou os olhos. O disparo foi alto. Seu corpo caiu para trás, derrubando os papéis da mesa.

— Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

A porta de uma casa foi arrombada. Jonas Ricks tentou se levantar da cama, mas foi agarrado e arrastado para fora do quarto. Sua esposa gritou. Dois tiros no peito silenciaram qualquer reação. Seu corpo caiu no chão do corredor.

— Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Um homem andava apressado em uma rua escura. Seus olhos se moviam de um lado para o outro. Sabia que estava sendo seguido. Tentou correr, mas mãos fortes o puxaram para dentro de um beco. Um golpe de faca abriu sua barriga. Ele caiu de joelhos. Outro golpe atravessou sua costela. O terceiro foi direto no pescoço. Seu corpo desabou.

— Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

A missa continuava. Os fiéis ouviam em silêncio.

E, sentado no banco de madeira, um homem de terno escuro ouvia em silêncio. Os cabelos grisalhos penteados para trás. O rosto marcado pelo tempo, mas os olhos ainda tão frios quanto outrora.

Renzo Pegorino fez o sinal da cruz.

E a missa continuou.

A grande catedral de Nova York estava lotada. O som do órgão preenchia o espaço imenso, suas notas graves reverberando entre os vitrais coloridos. O cheiro de incenso pairava no ar, misturando-se ao perfume das velas acesas no altar.

Era uma missa para os mortos.

Renzo Pegorino estava sentado na primeira fileira, vestido de preto. Seu rosto marcado pelo tempo permanecia imóvel, os olhos fixos no altar. A luz das velas projetava sombras sobre suas feições duras. Ao seu lado, **Ferdinand "Ferdie" Pegorino**,

seu filho, mantinha a postura rígida, as mãos entrelaçadas sobre o colo.

O padre subiu ao púlpito, sua voz ecoando pela nave.

– *Requiem aeternam dona eis, Domine...*

Renzo permaneceu em silêncio. Ele não estava ali por qualquer um. Estava ali por **Packie**.

A missa estava apenas começando quando **Antonio Basilio** se aproximou discretamente, abaixando-se ao lado de Renzo.

– Don Pegorino...

Renzo não desviou o olhar do altar.

– O que foi?

Antonio hesitou por um instante antes de continuar em voz baixa:

– Precisam falar com o senhor. É urgente.

Renzo inspirou devagar, mantendo a expressão inalterada. Depois de um momento, virou-se para seu filho.

– Ferdie, fique.

O rapaz apenas assentiu, sem questionar.

Renzo se levantou com calma, ajustou o paletó e seguiu Antonio pelos corredores laterais da catedral. O som da missa continuava atrás dele, cada palavra do padre se perdendo enquanto ele se afastava em direção à saída lateral.

Quando os enormes portões de madeira se fecharam atrás deles, o barulho das ruas de Nova York tomou conta. O vento frio cortava a cidade, e a vida lá fora seguia seu curso, indiferente à missa, indiferente aos mortos.

Renzo Pegorino caminhou com passos firmes pelo corredor lateral da catedral, os sapatos ecoando no piso de mármore. Antonio Basilio o guiou para fora, onde o vento cortante de Nova York os envolveu. Do lado de fora, à sombra da catedral, **Giorgio Calabrese** e **Joe** já o aguardavam.

Giorgio acendeu um cigarro com um isqueiro dourado, soltou a fumaça no ar frio e falou com a voz baixa e controlada:

— Os principais cabeças do *The Marlon Syndicate* já eram.

Joe, sempre mais direto, completou:

— Harmon Tate, Ezekiel Rhodes, Luther Mayfield, Virgil Carter, Theodore Garrison, Jonas Ricks... Todos mortos.

Renzo pegou um lenço do bolso e limpou os cantos da boca antes de responder. Seu tom era calmo, sem pressa, mas carregado de autoridade.

— Ótimo.

Guardou o lenço, ajeitou o paletó e voltou o olhar para Giorgio.

— Avise ao senhor Leopold que os marginais que invadiram sua casa e violentaram sua esposa estão mortos. Diga para ele ficar tranquilo.

Giorgio assentiu, puxando mais um trago do cigarro.

Renzo continuou, com um tom mais pesado:

— E lembre-o de que está em dívida comigo.

Joe e Giorgio trocaram olhares rápidos antes de assentirem. Eles sabiam o que aquilo significava.

Renzo respirou fundo, ouvindo ao longe o cântico da missa que ainda acontecia dentro da catedral. Seus olhos percorreram a cidade ao redor, os prédios altos, os carros que passavam lentamente na rua coberta por uma fina camada de neve suja. Nova York seguia seu curso, indiferente ao que acontecia nas sombras.

Ele ajeitou o paletó com calma, passando as mãos pelo tecido escuro, e então voltou o olhar para Giorgio e Joe.

— Façam como eu disse. E não me incomodem mais esta noite.

Sem esperar resposta, Renzo girou sobre os calcanhares e caminhou de volta para a catedral. Subiu os degraus de mármore sem pressa, as mãos nos bolsos do sobretudo. Ao empurrar as portas pesadas de madeira, o cheiro de incenso e velas voltou a envolvê-lo.

Lá dentro, o padre ainda rezava, e os fiéis acompanhavam em silêncio. Ferdinand, sentado no mesmo banco de antes, olhou para o pai por um instante antes de voltar a fitar o altar.

Renzo se sentou ao lado do filho e cruzou os dedos sobre o colo. Sua expressão era serena, mas seus olhos estavam vazios, frios. Ele inclinou a cabeça levemente para trás, fechou os olhos por um instante e respirou fundo.

A missa continuava.

II

Justiça

Gaspare Tramonti sempre acreditou na América. Trabalhou duro, poupou cada centavo e criou sua família com princípios. Mas agora, em 1955, estava sentado no escritório de Don Pegorino, o homem que ele evitou por anos. Seu rosto, marcado pelo tempo, pela dor e pela humilhação, estava voltado para o chão.

O escritório era imponente, abafado pelo cheiro de tabaco e couro. A escrivaninha de madeira escura parecia sólida como uma fortaleza, e atrás dela, Don Renzo Pegorino observava Gaspare com olhos que já tinham visto tudo. O velho mafioso segurava um charuto entre os dedos, sem pressa para levá-lo à boca. Ele não gostava de ser apressado.

O silêncio era pesado. Ao redor da sala, seus homens de confiança estavam atentos, como cães de guarda: Joe, de braços cruzados, encostado na parede; Santoro Ruggieri, afundado no sofá, com um copo de uísque na mão; Giorgio Calabrese e Carlo Santorelli, imóveis como estátuas, analisando cada movimento. Marco Leone afiava uma pequena navalha com desinteresse, enquanto Raffaele

Bellucci apenas observava, sempre calado, mas sempre atento.

— Senhor Pegorino — começou Tramonti, a voz embargada. — Eu acreditei na América. Dei minha vida por este país. Ensinei meu filho a ser um homem honrado, um cidadão. Mas ele... ele não é americano como os outros. — Seu rosto tremeu de raiva e dor. — No dia do meu aniversário, ele saiu... não sei pra onde, nem com quem, mas enganaram ele, armaram para o meu garotinho...

Houve um murmúrio de indignação entre os presentes. Giorgio Calabrese se remexeu na poltrona, Carlo Santorelli cerrou os punhos, mas Don Pegorino permaneceu imóvel, seus olhos escuros fixos no homem diante dele.

— Fui à polícia, como um bom americano — continuou Tramonti. — Eles o prenderam como um animal. O juiz o condenou a sete anos, inafiançável. — A voz de Tramonti falhou. Ele inclinou-se para frente, implorando. — Quero justiça, Don Pegorino. Meu menino não pode ficar lá.

O chefe da família Pegorino inspirou lentamente o ar pelo nariz. Depois, sem pressa, ergueu uma mão e acariciou o queixo. Por um longo instante, ficou em silêncio. Então, falou, com uma voz grave e compassada:

— Gaspare... Meu velho amigo. — Ele soltou um suspiro longo, deixando a fumaça do charuto escapar lentamente. Seus dedos tamborilaram na mesa. — Amigo... Essa palavra me faz pensar.

Gaspare sentiu um arrepio percorrer a espinha. Pegorino raramente falava sem propósito.

— Eu sou um homem que valoriza certas coisas — continuou o Don, ajeitando-se na cadeira. — Família, respeito, consideração... Sabe o que mais eu valorizo, Gaspare? Lealdade.

O silêncio voltou, e Gaspare sabia que era sua vez de falar. Mas as palavras não vinham.

Pegorino inclinou-se para frente, os olhos semicerrados.

— Onde estava você no meu aniversário?

Gaspare sentiu o estômago se revirar.

— Don Pegorino, eu...

— Não. Não me dê desculpas. Você não veio. Não mandou um recado. Nem uma garrafa de vinho, nem um cartão. Nada. Gaspare abaixou a cabeça.

— Eu sei que errei.

Pegorino sorriu, mas não era um sorriso de alegria.

— Mas agora... agora você precisa de mim. Agora você se lembra de mim.

Gaspare respirou fundo, sabendo que precisava ir direto ao ponto.

— Don Pegorino... Meu filho... Ele foi acusado injustamente.

O sorriso de Pegorino desapareceu. Ele encostou-se na cadeira e cruzou os dedos sobre a barriga.

— Acusado do quê?

— Assassinato. Mas ele não fez isso. Eu juro pela minha vida. A sala ficou em silêncio.

— Gaspare — disse Pegorino, lentamente. — Eu sou um homem razoável. Mas você diz que seu filho é inocente... e eu devo simplesmente acreditar?

Gaspare sentiu um nó na garganta.

— Don Pegorino, eu fui à polícia. Fui aos tribunais. Eles não querem ouvir. Ele foi jogado na prisão como um cachorro sarnento. Os verdadeiros culpados estão soltos, rindo. Eu não sei mais o que fazer.

Pegorino estudou Gaspare por um longo momento.

— Acredita na justiça, Gaspare?

Gaspare hesitou.

— Eu... acreditava.

Pegorino assentiu lentamente.

— Eu entendo.

Ele olhou para Giorgio Calabrese.

— Descubra quem está por trás dessa acusação. Se for um erro, conserte. Se não for... bem, vamos encontrar uma solução.

Giorgio assentiu.

Pegorino voltou seu olhar para Gaspare.

— Eu vou ajudar você. Mas um dia, Gaspare... um dia eu vou precisar de você. E quando esse dia chegar, você não vai hesitar.

Gaspare sentiu o peso do pacto que acabava de fazer.

— Sim, Don Pegorino.

O Don acenou com a cabeça, dispensando-o.

Seus negócios nunca paravam. E agora, Gaspare estava em sua dívida.

— Obrigado, Don Pegorino. Obrigado. — puxando a mão de Renzo e a beijando.

O chefe da família Pegorino puxou lentamente sua mão de volta e se ergueu da cadeira. Os outros homens se levantaram junto com ele.

— Mas não hoje. Nem amanhã. Um dia, quem sabe, esses vagabundos que armaram para o seu filho sentirão sua dor. E quando isso acontecer, será como se Deus mesmo tivesse feito justiça. — Ele sorriu, um sorriso sem alegria. — Até lá, você será paciente.

Tramonti assentiu, secando as lágrimas. Don Pegorino fez um gesto e Santoro Ruggieri o acompanhou até a saída.

Quando a porta se fechou, o velho chefe olhou para seus homens e disse, com voz calma:

— Giorgio, cuide disso. Tente negociar, ofereça dinheiro, proteção.

Giorgio Calabrese assentiu, sem dizer uma palavra.

A reunião terminou. Don Pegorino sentou-se novamente e, com um longo suspiro, fechou os olhos por um momento. O aniversário de seu netinho ainda estava acontecendo. Mas, mesmo em um dia de festa, os negócios nunca terminavam.

No grande jardim da mansão Pegorino, a festa de aniversário continuava. Música, risadas e conversas preenchiam o ambiente. Convidados bem-vestidos brindavam ao pequeno menino, enquanto garçons circulavam com bandejas de bebidas e pratos finos.

Don Pegorino saiu do escritório, caminhando lentamente até a área principal da recepção. Homens lhe cumprimentavam com respeito, beijando sua mão, enquanto as mulheres sorriam e murmuravam palavras gentis.

Ele encontrou Marco Leone próximo ao bar, conversando com alguns associados menores.

— Marco — chamou Don Pegorino, e o brutamontes virou-se de imediato.

— Don Pegorino.

— Certifique-se de que nosso amigo Tramonti chegue em casa em segurança. E fique de olho nos filhos da puta que incriminaram o garoto dele. Quero saber onde respiram, onde dormem. E então, vamos decidir o que fazer.

— Claro, Don Pegorino. — Marco acenou discretamente para dois homens próximos, que logo saíram do jardim.

Don Pegorino caminhou até a mesa onde sua família se reunia. Sua esposa, vestida elegantemente, sorria enquanto ajudava o neto a apagar as velas. Seus filhos estavam ao redor,

conversando, rindo. Para ele, essa era a verdadeira riqueza: família, respeito, tradição.

Ele ergueu seu netinho enquanto soprava as velas.

A família sorria e comemorava, e Don Pegorino sorriu, satisfeito. Ele sabia que, enquanto sua família estivesse protegida, sua vida teria significado.

A música suave preenchia o grande jardim da mansão Pegorino, onde o perfume do vinho envelhecido misturava-se ao aroma dos pratos requintados servidos pelos garçons impecavelmente vestidos. O aniversário de seu neto era um evento digno da família Pegorino: uma celebração grandiosa, mas discreta.

Após apagar as velas, Renzo Pegorino, o Don da família, caminhava entre os convidados com a serenidade de um rei em seu palácio. Vestia um terno impecável, escuro como a noite, com um lenço escarlate de seda no bolso. Sua presença impunha respeito sem precisar de palavras. Um simples olhar seu podia fazer um homem se encolher ou se encher de orgulho.

Ao longe, viu sua esposa, Emilia, elegantemente vestida, conversando com algumas mulheres da alta sociedade. Ela era a única pessoa cuja opinião ele realmente levava em consideração, a única que conhecia o homem por trás do Don. Próximo a ela, seus filhos riam e conversavam, enquanto o neto, e seus amigos corriam entre as mesas, alheios ao mundo de poder e violência que os cercava.

A festa continuou. As risadas das crianças se misturavam ao tilintar de taças e ao burburinho das conversas. Mas Renzo sabia que mesmo na celebração, os negócios nunca paravam. Santoro Ruggieri, um de seus homens mais antigos e de confiança, aproximou-se discretamente. Seu rosto trazia a expressão séria de quem trazia notícias.

— Don Pegorino, posso ter uma palavra? — perguntou em voz baixa.

Renzo assentiu, entregando sua taça para um garçom. Caminhou lentamente até um canto mais reservado, onde Santoro esperava.

— O que foi? — perguntou o Don, mantendo os olhos na festa.

— Os homens seguiram os sujeitos que armaram para o filho de Tramonti. Encontramos dois deles em um bar em Little Italy. Estavam rindo e bebendo como se nada tivesse acontecido. O terceiro... bem, o terceiro sumiu. Mas temos um nome. — Santoro pausou antes de dizer. — Domani. Vinnie Domani.

Renzo esfregou o queixo, pensativo. O nome lhe era familiar. Domani era um pequeno peixe que achava que podia nadar entre tubarões. Era aliado de alguns policiais corruptos e gostava de fazer favores para políticos sujos. Não era homem de confiar, e agora havia se metido onde não devia.

— Traga ele até mim. Vivo. — Renzo ordenou, com a calma de quem decide o destino de um homem sem hesitação.

— E os outros dois?

Renzo ponderou por um momento. Eles não importavam. Eram apenas peões no jogo.

— Diga a Giorgio para mandar um recado. Algo que os faça entender que mexeram com a família errada. Mas nada de muito espalhafatoso. Não quero que vire conversa de rua.

Santoro assentiu e se retirou, deixando Renzo sozinho por um instante.

Ele olhou para a festa, observando os rostos dos convidados, os risos das crianças, a tranquilidade de sua esposa. Naquela noite, ele era apenas um homem cercado pela família. Mas no dia seguinte, os negócios continuariam. Como sempre.

Ele respirou fundo e voltou para a celebração. Pegou o neto no colo e o girou no ar, ouvindo as gargalhadas da criança.

Naquele instante, Renzo Pegorino não era um Don. Era apenas um avô.

Mas no fundo, ele sabia: um dia, aquele menino herdaria tudo — o nome, o legado e o peso de ser um Pegorino.

III

Festança Part I

A música vibrava no jardim da mansão Pegorino. O aroma de carne assada, alho e vinho pairava no ar, misturado ao cheiro doce dos charutos cubanos. Homens de ternos escuros e mulheres vestidas com elegância ocupavam cada canto do jardim iluminado, conversando em tom baixo, rindo, brindando. A festa de aniversário do pequeno Luca Pegorino era mais do que uma celebração familiar — era um evento onde respeito era demonstrado, alianças eram reforçadas, e lealdades eram lembradas.

Don Renzo Pegorino caminhava lentamente pelo jardim, seu terno preto impecável, o lenço de seda dobrado no bolso, os sapatos lustrados refletindo a luz das lanternas penduradas. Sua presença era magnética. Ele não precisava levantar a voz para que todos soubessem que estava ali. Com um pequeno aceno de cabeça, um olhar calculado, fazia com que cada homem no local se sentisse visto, respeitado — ou, se necessário, temido.

Ele começou sua jornada pela festa cumprimentando **Giovanni Bianchi**, o velho padeiro italiano do Five Points. Giovanni estava ali com sua esposa, uma mulher pequena de

cabelo grisalho e olhos brilhantes. Ele se curvou levemente ao ver o Don se aproximar.

— Don Pegorino, buon compleanno para seu neto. Trouxemos um panettone especial para ele.

Renzo sorriu, colocou uma mão no ombro do padeiro e disse em um tom baixo, mas firme:

— Giovanni, você alimenta esta cidade com suas mãos. Eu te respeito por isso. Se precisar de qualquer coisa... qualquer coisa, me procure.

O velho padeiro fez uma reverência discreta e apertou a mão do Don com humildade.

Renzo seguiu, parando ao lado de **Moishe Abramson**, o alfaiate judeu que vestia os homens mais poderosos de Nova York. Um homem magro, de óculos redondos e bigode fino, segurava uma taça de vinho tinto.

— Moishe, este terno que você fez para mim... perfeito como sempre. Minhas roupas duram mais do que alguns homens dessa cidade.

Moishe riu baixinho, ajeitou os óculos no nariz e respondeu:

— Don Pegorino, enquanto eu tiver mãos para costurar, o senhor sempre vestirá o melhor.

Renzo tocou levemente o rosto do alfaiate, um gesto de apreço.

Mais à frente, **Giuseppe Romano**, dono do maior mercado italiano de Little Italy, estava sentado à mesa, cercado por seus filhos. Quando viu Renzo se aproximar, levantou-se imediatamente.

— Don Pegorino! Que honra estar aqui. Meus filhos falam que queriam conhecer o bom homem que nos alimentou quando precisamos.

Renzo pegou um dos meninos no colo e bagunçou seu cabelo.

— Seu pai é um homem bom, trabalha duro. Um dia, se vocês forem metade do homem que ele é, ficarão bem nesta vida.

Giuseppe sorriu, emocionado. Ele sabia que aquelas palavras significavam proteção.

Renzo continuou sua caminhada e encontrou **Marco Brandette**, um dos pescadores que abasteciam os restaurantes da cidade. Marco era um homem robusto, de braços fortes, vestindo um terno que parecia apertado demais para seu corpo.

— Marco, ainda jogando aqueles peixes enormes na mesa da mamãe?

Marco riu alto, batendo no próprio peito.

— Se minha mãe não tivesse peixe fresco todo dia, eu já estaria dormindo com os peixes de verdade, Don.

Renzo riu baixinho e apertou seu ombro.

Em seguida, parou ao lado de **Enzo Conti**, um violinista cego que tocava nas feiras de Little Italy. O velho homem, de cabelos brancos desgrenhados, segurava seu violino com carinho, os dedos correndo pelas cordas mesmo sem tocá-las.

— Enzo, sua música faz essa cidade respirar. Você me faz lembrar da minha infância.

O velho sorriu, apontando para onde sabia que Renzo estava.

— Don Pegorino, minha música só existe porque o senhor permite que eu toque. Isso é mais do que um cego poderia pedir.

Renzo tocou levemente a mão do violinista e seguiu adiante.

A próxima mesa estava ocupada por **Rafael Ortega**, um imigrante espanhol que vendia frutas na feira. Um homem magro, de pele marcada pelo sol, que se levantou respeitosamente.

— Don Pegorino, se não fosse pelo senhor, eu nunca teria conseguido meu espaço no mercado. A minha família agradece.

Renzo pegou uma maçã da mesa, girou-a entre os dedos e disse:

– Você é um homem trabalhador, Rafael. O trabalho duro precisa ser recompensado.

Ao fundo, viu **Freddy Caruso**, um jovem mecânico que trabalhava nas oficinas do bairro. Freddy usava um terno simples, ainda com um leve cheiro de graxa.

– Freddy, ainda deixando as mãos sujas de óleo?

Freddy riu, um pouco envergonhado.

– Don Pegorino, um homem precisa sujar as mãos para ganhar a vida.

Renzo assentiu, satisfeito.

– Um homem que não suja as mãos não é um homem de verdade.

E então, por fim, encontrou-se com **Pasquale Ricci**, um velho advogado que lidava com a burocracia dos negócios da família. Ricci era magro, de cabelos ralos, segurando um copo de uísque com as duas mãos.

– Pasquale, como vai sua esposa? Ainda te faz dormir no sofá?

O advogado sorriu.

– Don Pegorino, se eu disser que não, estarei mentindo.

Renzo deu um leve tapa em seu rosto, um gesto de afeto.

– Pelo menos você tem uma esposa. Isso já é uma sorte.

A festa continuava. Risadas, música, conversas baixas. Renzo Pegorino fez seu caminho por entre as mesas, cumprimentando um por um, fortalecendo laços. Não importava se era um alfaiate, um mecânico ou um advogado – todos recebiam seu respeito. E todos sabiam que este respeito era valioso.

Afinal, nesta cidade, ser visto por Don Pegorino significava estar protegido. E estar protegido era a única coisa que realmente importava.

A mansão Pegorino pulsava com vida. O grande jardim iluminado por centenas de luzes douradas transbordava de

convidados. Homens e mulheres riam, dançavam, brindavam. Garçons deslizavam entre a multidão com bandejas de champanhe, vinho e charutos cubanos. A música era alta, mas não estrondosa; um fundo elegante que permitia que as conversas fluíssem sem esforço.

Renzo Pegorino, imponente em seu terno negro de corte perfeito, movia-se pelo meio da multidão como um rei entre súditos. Ele não se apressava. Sempre que passava, as pessoas paravam o que estavam fazendo para cumprimentá-lo. Algumas beijavam sua mão, outras apertavam seu ombro com respeito.

Entre os cidadãos comuns, mesclados à festa, estavam os verdadeiros donos da cidade—ou pelo menos aqueles que Renzo permitia que tivessem poder.

O primeiro a se aproximar foi **Juiz Alfredo Marchesi**, um homem corpulento, de cabelos grisalhos, que segurava um copo de uísque envelhecido. Assim que viu Renzo, sorriu largamente e estendeu a mão.

— Don Pegorino! Uma festa magnífica, como sempre!

Renzo segurou a mão do juiz e apertou suavemente, mantendo-a por um instante a mais.

— Alfredo... um juiz como você merece um pouco de alegria.

Eu sei o peso que a justiça coloca em seus ombros.

O juiz riu, mas um leve suor formava-se em sua testa.

— Bom, fazemos o que podemos...

Renzo inclinou-se ligeiramente, sua voz baixa, quase um sussurro.

— Você sempre tomou decisões justas, Alfredo. Mas me diga... algum dia eu te pedi algo que não fosse razoável?

O juiz piscou rapidamente.

— Não, Don Pegorino. Nunca.

Renzo deu um tapinha leve em sua mão.

– Então, continue assim, meu amigo. Justiça... justiça verdadeira.

Ele se afastou antes que o juiz pudesse responder, deixando-o ali, imóvel, segurando o copo com uma tensão que não tinha antes.

Ao atravessar a festa, um homem magro, de rosto anguloso e óculos finos, aproximou-se. **Promotor Giovanni Riccardi.** Diferente do juiz, ele não parecia relaxado.

– Don Pegorino...

Renzo sorriu calorosamente e pousou a mão sobre o ombro do homem, conduzindo-o para um canto menos movimentado, mas ainda dentro da festa.

– Giovanni, minha mulher me disse que viu sua filha tocando piano no concerto do colégio. Tocou como um anjo, disse ela.

O promotor tentou sorrir, mas seu rosto estava tenso.

– Sim... sim, Don Pegorino. Ela tem talento.

Renzo apertou um pouco mais o ombro do promotor.

– Uma pena se algo afastasse um pai tão amoroso da vida dela.

O ar ao redor de Riccardi pareceu ficar mais pesado.

– Eu... eu entendo, Don Pegorino.

Renzo sorriu e deu um tapinha no rosto do promotor.

– Isso é o que gosto em você, Giovanni. Inteligente.

Deixou-o ali, bebendo em grandes goles seu uísque para disfarçar o tremor das mãos.

O Don então avistou um velho amigo entre os convidados.

Capitão Dominic Rizzo, um policial robusto, de bigode grosso, que usava um terno, mas cujo porte denunciava sua vida inteira na força policial. Ele veio ao encontro de Renzo e apertou sua mão com firmeza.

– Don Pegorino. Uma festa linda.

Renzo inclinou a cabeça, avaliando o homem.

— Tranquilidade é uma dádiva, Dominic. Mas eu ouço rumores... O novo comissário quer mudanças.

O policial suspirou, ajeitando o colarinho.

— O comissário é um homem ambicioso, Don. Mas não se preocupe. Ele tem... outras preocupações no momento.

Renzo deu um leve tapa no rosto do policial, num gesto de camaradagem.

— Bom homem. A cidade precisa de estabilidade, Dominic. Homens como nós garantem isso.

Seguiu então até **Senador Robert Calloway**, um dos poucos convidados que não era italiano. Calloway era elegante, de cabelos prateados e sorriso treinado. Ele se levantou assim que Renzo se aproximou.

— Don Pegorino, agradeço pelo convite. Uma bela festa.

Renzo puxou o senador pelo braço, conduzindo-o para perto da fonte no centro do jardim, onde os risos e o barulho da festa eram abafados pelo som da água corrente.

— Robert, você e eu nos entendemos. Você sabe como essa cidade funciona.

O senador manteve o sorriso, mas engoliu seco.

— Espero nunca desapontá-lo, Don Pegorino.

Renzo pousou a mão sobre seu ombro.

— Eu sei que não vai. Você tem uma bela carreira pela frente... e eu estarei aqui para garantir que ela siga o caminho certo.

O senador assentiu lentamente.

Renzo voltou ao centro da festa. O silêncio foi se espalhando aos poucos. Os músicos ainda tocavam, os garçons ainda serviam, mas os olhos estavam todos nele. Ele ergueu o copo, chamando atenção.

— Meus amigos... esta cidade é grande. Mas não seria nada sem homens de valor. Homens como vocês. Que garantem

que as coisas funcionem... que a justiça prevaleça... que a lei seja aplicada da maneira correta.

Os convidados murmuraram em aprovação, brindando em uníssono.

Renzo olhou ao redor, seus olhos pousando em cada um dos presentes, um por um.

— Eu sempre fui um homem de palavra. Se um de vocês precisar de algo... algo justo... saberá onde me encontrar.

O brinde foi feito. As conversas retornaram, as músicas continuaram. Mas naquela noite, uma coisa ficou clara para todos ali.

A cidade de Nova York não pertencia ao prefeito, nem ao governador.

Ela pertencia a Renzo Pegorino.

IV

Festança Part II

A mansão Pegorino vibrava com a energia de uma festa que era mais do que apenas uma celebração; era um evento cuidadosamente planejado para reafirmar poder, alianças e lealdade. As luzes douradas refletiam nas taças de cristal, e a música suave flutuava sobre as conversas abafadas. O aroma de charutos cubanos misturava-se ao perfume caro das mulheres bem-vestidas.

Anthony Pegorino movia-se pelo jardim como um general inspecionando suas tropas. Não com arrogância, mas com o ar calculado de um homem que sabia o peso do sobrenome que carregava. Seu terno era impecável, os sapatos reluziam sob as luzes, e seu cabelo estava penteado para trás como o de seu pai. Ele não precisava se apressar. O respeito se conquistava com presença, não com velocidade.

A primeira parada foi ao lado de **Rodolfo Callistri**, um magnata do setor imobiliário, de cabelos ralos e uma barriga que denunciava anos de jantares opulentos. O homem abriu um sorriso largo ao vê-lo.

— Ah, o jovem Pegorino! Você está cada vez mais parecido com seu pai.

Anthony inclinou a cabeça, aceitando o elogio.

— Espero aprender tanto quanto ele, senhor Callistri. Meu pai sempre me disse que a cidade precisa de fundações fortes. E o senhor entende bem disso.

Callistri soltou uma risada gutural, mas seus olhos brilharam com cautela. Ele sabia que aquilo não era apenas uma conversa trivial. Anthony continuou sua caminhada antes que o homem tivesse tempo de se acomodar demais.

Próximo a um dos terraços, encontrou **Harold Whitaker**, um senador que, ao contrário da maioria dos presentes, não era italiano. Sua postura ereta e a maneira como mantinha os punhos cerrados denunciavam que ele não estava totalmente confortável ali. Anthony parou ao seu lado e sorriu.

— Senador Whitaker, espero que esteja aproveitando a noite. O político virou-se para ele e tentou parecer relaxado.

— É uma bela festa, senhor Pegorino. Seu pai é um anfitrião incomparável.

Anthony pegou um copo da bandeja de um garçom, girando o líquido âmbar lentamente.

— Meu pai sempre diz que o verdadeiro poder não está em quem governa, mas em quem mantém a cidade funcionando. O senhor entende isso, não é?

Whitaker umedeceu os lábios antes de assentir.

— Naturalmente.

Anthony sorriu, dando um tapinha em seu ombro antes de seguir adiante.

No canto do salão, **Héctor Rivas**, um empresário latino que dominava parte da importação da cidade, conversava com um grupo de homens. Ele ergueu o copo quando viu Anthony se aproximando.

— Senhor Pegorino, uma surpresa vê-lo circulando sozinho. Anthony sorriu, pegando um charuto e acendendo-o.

— Meu pai me ensinou que um homem precisa conhecer aqueles que caminham ao lado dele. E aqueles que caminham atrás.

Rivas soltou uma risada curta.

— Sabedoria de um verdadeiro líder.

Anthony não respondeu. Apenas soprou a fumaça do charuto lentamente, olhando o homem nos olhos até que ele desviasse o olhar primeiro.

Seguiu adiante, cumprimentando discretamente **Raymond O'Connell**, um comissário de polícia que mantinha um sorriso de aparência relaxada, mas que esfregava os dedos nervosamente no copo de uísque. Mais à frente, passou ao lado de **Dominic Fabbri**, um advogado de rosto pálido e olhar astuto, que ergueu uma sobrancelha ao vê-lo. Anthony apenas lhe lançou um olhar calculado e seguiu seu caminho. Cada conversa, cada olhar, cada aperto de mão era um ensaio para o futuro. Seu pai ainda era o Don. Mas Anthony Pegorino estava se preparando para o dia em que ele teria que carregar esse título.

E aquela noite havia sido o primeiro passo para isso.

Anthony Pegorino movia-se com a mesma cadência de seu pai, um homem acostumado a ser observado, avaliado, medido a cada passo. Ele sabia disso e aceitava o peso daquela expectativa como um fardo inevitável. Seu sobrenome não permitia hesitação.

Após circular pelos homens que detinham influência na cidade, garantindo que cada um deles o visse, que cada um deles sentisse o peso de sua presença, Anthony desviou do centro da festa e rumou para uma parte mais reservada do jardim, onde a luz era mais suave e os risos das mulheres soavam mais livres.

Ali, sentada em um banco de madeira esculpida, estava sua esposa, **Vivianne**, uma mulher de traços finos, vestido de

seda azul e olhos que carregavam tanto ternura quanto inteligência. Ao seu lado, o pequeno **Luca**, seu filho de quatro anos, ainda com bochechas infantis e cabelos castanhos levemente desgrenhados, vestindo um pequeno terno que fazia dele a miniatura perfeita do pai.

Anthony diminuiu o passo ao se aproximar, um instinto natural de suavizar sua presença ao se aproximar dos dois. Enquanto diante dos outros ele carregava a postura de um líder, ali, perante sua família, ele permitia-se outra face.

— Meu príncipe, o homem mais importante da noite — disse, agachando-se diante do filho e tocando suavemente seu rosto. Luca sorriu e correu para os braços do pai, que o ergueu sem esforço. Anthony apertou o menino contra o peito, inalando o cheiro infantil de sabonete e leve perfume que Vivianne sempre colocava nele.

— Você se divertiu? — perguntou, ajustando a pequena gravata borboleta do filho.

Luca assentiu, animado.

— Mamãe me deixou comer três pedaços de bolo.

Anthony lançou um olhar para Vivianne, que apenas sorriu e deu de ombros.

— Ele faz aniversário só uma vez por ano.

Anthony soltou uma risada baixa, aquela risada discreta e contida que apenas ela conhecia. Ele sentou-se ao lado da esposa, com Luca no colo, e passou a mão suavemente pelos cabelos do menino.

— Quando eu tinha sua idade, seu avô me dava de presente um pequeno envelope com dinheiro e dizia: ‘Guarde. Um homem sempre precisa estar preparado para o amanhã’.

Luca inclinou a cabeça, franzindo o cenho.

— Eu também vou ganhar um envelope?

Vivianne balançou a cabeça e suspirou.

— Ele tem quatro anos, Anthony.

O marido sorriu.

— Não se preocupe, Vivi. Hoje ele ganha brinquedos. Mas um dia... um dia ele entenderá que um Pegorino nunca deve depender de ninguém além da própria família.

Vivianne suspirou, mas havia um brilho suave em seus olhos. Ela sabia quem havia escolhido como marido. Sabia o futuro que seu filho teria.

Anthony segurou a mão dela, os dedos longos envolvendo os dela com firmeza e carinho.

— Você está cansada?

Ela sorriu levemente.

— Um pouco. Mas nada que um pouco de vinho e uma boa música não curem.

Anthony beijou a mão dela com respeito e suavidade, como vira seu pai fazer com sua mãe tantas vezes ao longo da vida.

— Então esta noite será perfeita para você, minha rainha.

Vivianne segurou o rosto do marido por um instante, olhando em seus olhos.

— Você é tão parecido com ele...

Anthony não precisou perguntar a quem ela se referia.

O peso de um nome, de um legado, de um império... tudo isso estava sobre seus ombros. Mas ali, naquela parte reservada do jardim, onde o riso de seu filho preenchia o ar e sua esposa descansava ao seu lado, por um breve momento, ele permitiu-se sentir apenas o que era mais importante.

A família.

V

Alguém Voltou

A música mudou. O burburinho da festa continuava, os brindes, os risos, as conversas de negócios mascaradas como amenidades. Mas, entre tudo isso, algo mais profundo, mais íntimo, começou a acontecer.

Os músicos começaram a tocar uma canção antiga, uma melodia que pertencia a outro tempo, outra era. *“Parla più piano”* preencheu o ar, sua melodia suave e melancólica contrastando com o luxo da noite. Era uma canção que falava de amor, de promessas feitas sob sussurros, de sentimentos que resistiam ao tempo.

Renzo Pegorino caminhou lentamente entre os convidados, o copo de uísque ainda em sua mão, mas esquecido. Seu olhar atravessou o salão até encontrá-la.

Emilia.

Ela estava sentada em um dos sofás de veludo, conversando com algumas das senhoras da alta sociedade. Seus cabelos, outrora castanhos como o mogno, agora eram prateados, arrumados com elegância. Havia um brilho nos olhos dela, um brilho que nem o tempo, nem as dificuldades da vida ao lado de um homem como Renzo haviam apagado.

Quando ela percebeu o marido se aproximando, sorriu.

— Renzo...

Ele se inclinou levemente, pegando sua mão com delicadeza.

— Mia cara.

As outras mulheres recuaram discretamente, sabendo que, naquele momento, nada importava além dos dois.

Renzo se ajoelhou um pouco, trazendo os lábios até a mão dela e beijando-a com reverência, como fazia quando eram jovens.

— Você está linda esta noite, *amore mio*.

Ela riu suavemente, tocando o rosto dele com carinho.

— Você sempre diz isso, mesmo quando não é verdade.

Ele sorriu, seus olhos carregando a mesma admiração de quando a conheceu, há tantas décadas.

— Sempre será verdade.

O Don segurou sua mão com firmeza, mas com delicadeza, e se ergueu.

— Dance comigo.

— Renzo... — ela hesitou, rindo, olhando ao redor. — Com toda essa gente aqui?

Ele inclinou a cabeça levemente, os olhos profundos e seguros.

— E daí? Esta é a minha casa. Você é a minha mulher. Eles vão ver um homem dançando com a rainha da sua vida.

Os olhos dela brilharam de emoção. Ela nunca resistia quando ele falava daquele jeito.

Renzo a puxou suavemente e a levou até o centro do jardim, onde o piso de mármore refletia as luzes douradas da noite.

Os convidados começaram a notar, afastando-se um pouco para dar espaço. Alguns sussurraram, outros sorriram.

E então, ele segurou Emilia como se segurasse algo sagrado. Sua mão forte e calejada deslizou pela cintura dela, enquanto seus dedos entrelaçavam-se aos dela. Ele conduziu com segurança, sem hesitação, movendo-se no ritmo da música.

O mundo ao redor deles desapareceu.

Eles se moviam juntos como se o tempo não tivesse passado, como se ainda fossem aquele jovem casal, dançando em uma praça, sem medo do futuro. O sorriso de Emilia era puro, seus olhos brilhavam como estrelas. Renzo, um homem que tantos temiam, que comandava uma cidade inteira com um simples olhar, naquele momento, era apenas um marido apaixonado. Os convidados assistiam, encantados. Ali, diante deles, estava o verdadeiro Don Pegorino. Não o chefe. Não o rei do submundo. Mas o homem que amava sua esposa como no primeiro dia.

Emilia riu, sentindo-se jovem novamente.

— Você ainda sabe dançar, *vecchio*.

Renzo sorriu e girou-a levemente, trazendo-a de volta para perto de si.

— Eu só danço assim porque tenho a melhor parceira do mundo.

Ela encostou a cabeça no peito dele, fechando os olhos por um momento, sentindo seu cheiro, o calor do seu corpo.

— Eu te amo, Renzo.

Ele beijou seus cabelos brancos, segurando-a firme.

— Eu te amo mais, *mia cara*. Sempre.

A música continuava, a festa continuava, mas naquele momento, para Renzo e Emilia, nada mais existia além um do outro.

O tempo parecia ter parado para Renzo e Emilia. A música envolvia os dois, cada nota carregando décadas de lembranças, promessas e sacrifícios. Enquanto dançavam, seus olhares se encontravam como se ainda fossem aqueles jovens de outrora — ele, um rapaz destemido e ambicioso, ela, a mulher que havia conquistado seu coração e se tornado a rainha de sua vida.

Os convidados observavam, alguns sorrindo discretamente, outros com olhares respeitosos. Mesmo os mais cínicos da política e do submundo sabiam que aquele momento era sagrado. Renzo Pegorino, o homem que controlava juízes e senadores, que mantinha Nova York sob sua sombra, não era apenas um Don. Ele era um marido devotado.

Enquanto dançavam, Emilia deslizou os dedos pelo rosto dele, sentindo a pele marcada pelos anos, pelas noites sem dormir, pelas guerras que ele havia travado para manter sua família segura.

— Você se lembra da nossa primeira dança, Renzo? — perguntou ela, um sorriso nostálgico nos lábios.

Ele sorriu, fechando os olhos por um breve momento, como se sentisse o aroma daquelas noites quentes na Sicília, décadas atrás.

— Como eu poderia esquecer? — murmurou. — Você usava aquele vestido azul claro, seus cabelos presos com uma fita branca. Eu me lembro de cada detalhe.

Ela riu suavemente.

— Eu estava tão nervosa. Você já era um homem forte, com aquele jeito sério... e eu só era uma menina tola, achando que nunca teria sua atenção.

Ele a puxou para mais perto, seu olhar intenso.

— Você sempre teve minha atenção, Emilia. Desde o primeiro momento em que te vi, eu soube. Eu soube que você seria minha esposa.

Ela suspirou, emocionada, e descansou a cabeça contra o peito dele. O coração de Renzo ainda batia firme, ainda era o mesmo homem que prometera protegê-la de tudo, custasse o que custasse.

— Você me deu uma vida, Renzo — sussurrou ela. — Uma vida que eu nunca poderia ter sonhado.

Ele segurou o rosto dela com as mãos firmes, olhando nos olhos que conhecia tão bem.

— Você me deu uma razão para construir essa vida. Para lutar. Para vencer. Sem você, eu não seria nada além de um homem perdido.

Ela sorriu, tocando a cicatriz no queixo dele, um traço de um passado violento que ele nunca falava, mas que ela conhecia bem.

— Você sempre foi forte, Renzo. Mas comigo, você aprendeu a ser um homem completo.

Ele beijou sua testa com reverência, um gesto que dizia tudo sem precisar de palavras.

A música foi diminuindo, e os dois ainda se mantinham abraçados, sem se importar com os olhares ao redor. Era como se estivessem sozinhos no mundo.

Quando finalmente se afastaram um pouco, Renzo segurou a mão dela e a beijou com ternura.

— *Amore mio*, eu dançaria com você todas as noites pelo resto da minha vida.

Ela sorriu, emocionada, e apertou a mão dele com carinho.

— E eu sempre direi sim.

Os convidados aplaudiram, alguns de forma contida, outros de maneira mais calorosa. Para muitos ali, aquela cena era um lembrete de que, apesar de tudo, Renzo Pegorino era um homem que nunca havia esquecido o que realmente importava.

Afinal, reis podem ter reinos, mas sem uma rainha ao seu lado, eles não são nada.

Renzo Pegorino afrouxou o colarinho da camisa e se jogou numa cadeira ao lado de sua esposa, Emilia, soltando um suspiro pesado. O suor escorria pela testa e sua respiração ainda estava levemente ofegante. Ele pegou um lenço do bolso interno do paletó e enxugou o rosto antes de lançar um

olhar divertido para Emilia, que abanava o próprio rosto com uma mão enquanto segurava uma taça de vinho com a outra.

— *Mio Dio*, mulher... Nós não temos mais idade pra dançar tanto — ele brincou, ainda recuperando o fôlego.

Emilia riu, levando a mão ao peito de forma teatral.

— *Ah, Renzo*... Fale por você. Eu ainda poderia dançar a noite toda!

Renzo arqueou uma sobrancelha e segurou a mão da esposa com carinho, acariciando seus dedos finos e elegantes.

— Então talvez na próxima festa eu deixe algum dos rapazes dançarem com você, e eu fico aqui bebendo vinho e observando — disse ele, fingindo uma expressão cansada.

Emilia apertou a mão dele com firmeza, seus olhos brilhando de um jeito que lembrava os tempos em que eram apenas dois jovens apaixonados nos salões de baile de Nápoles.

— *Idiota*, você sabe que só gosto de dançar com um homem — sussurrou, com um sorriso cúmplice.

Renzo sorriu, e naquele momento, por mais poderoso que fosse, por mais homens que estivessem sob seu comando, ele era apenas um marido apaixonado ao lado da mulher que estivera com ele por toda a vida.

Mas então, um movimento na entrada do jardim chamou sua atenção. Um dos homens de confiança da família se aproximou e se inclinou ao seu ouvido.

— *Don Pegorino*... *O senhor tem uma surpresa.*

Renzo franziu as sobrancelhas e olhou para Emilia, que percebeu a mudança imediata no rosto do marido.

— O que foi, Renzo? — perguntou ela, curiosa.

Antes que ele pudesse responder, uma voz surgiu atrás deles, forte, cheia de juventude e confiança.

— *Papà!*

O tempo pareceu parar. Todos os membros da família que estavam próximos se viraram ao mesmo tempo, e ali, parado na entrada do jardim, estava **Paulie Pegorino**.

Vestindo um terno bem cortado, sem gravata, os cabelos bem alinhados, Paulie carregava um sorriso no rosto, mas seus olhos demonstravam inteligência e sagacidade. Depois de **cinco anos** estudando Direito em uma das melhores universidades do país, ele estava de volta. E ninguém sabia que ele viria.

A primeira a reagir foi **Emilia**, que soltou um grito emocionado e levou as mãos ao rosto antes de correr até o filho mais novo.

— *Mio figlio! Mio figlio!* — exclamou, com a voz embargada.

— *Paulie!* Meu Deus, por que você não nos avisou?

Paulie riu, abraçando a mãe com carinho, beijando seu rosto como se estivesse de volta de uma longa guerra.

— Eu queria fazer uma surpresa, *Mamma*. Eu não podia perder a festa.

Os tios, primos e outros membros da família se aproximaram para saudá-lo, apertos de mão firmes, abraços calorosos e algumas palmas nas costas, como se quisessem testar sua resistência. **Anthony Pegorino**, o irmão mais velho, chegou logo depois da mãe, um sorriso largo no rosto.

— *Fratellino!* — Anthony o abraçou com força, quase levantando-o do chão. — *Porca miseria*, você ficou ainda maior!

— A faculdade alimenta bem os alunos, *Tony* — Paulie brincou, rindo.

Anthony deu um soco de leve no braço do irmão.

— *Che cazzo!* A faculdade alimenta bem ou você fugiu das aulas de ginástica? — disse, brincando, mas com um brilho nos olhos que mostrava verdadeiro orgulho.

Renzo, que havia permanecido sentado observando a cena, finalmente se levantou. Caminhou até o filho com passos firmes, sua presença abrindo espaço na multidão sem que precisasse dizer uma palavra. Paulie se endireitou ao ver o pai se aproximando.

O Don parou diante dele e o fitou nos olhos por um instante, um silêncio solene se instalando ao redor. Então, Renzo abriu os braços.

Paulie sorriu e o abraçou. Renzo o segurou firme, como se estivesse testando a força do filho, e murmurou algo em seu ouvido.

— Você fez bem, *figlio mio*. Você fez muito bem.

Paulie sentiu o peso das palavras do pai. Não era apenas um elogio. Era um reconhecimento.

Mas nem todos compartilhavam do mesmo entusiasmo. **Ferdinand Pegorino**, o irmão do meio, observava a cena de longe. Seu sorriso era **contido**, quase ensaiado. Ele mantinha os braços cruzados enquanto todos cercavam Paulie, comemorando seu retorno.

Anthony percebeu a hesitação do irmão e cutucou seu ombro.

— Você não vai dar um abraço no Paulie?

Ferdinand piscou, como se voltasse à realidade, e caminhou lentamente até o irmão mais novo.

— *Paulie...* — disse, forçando um sorriso. — Você nos pegou de surpresa.

— Essa era a ideia — Paulie respondeu, ainda sorrindo.

Ferdinand o abraçou, mas o fez rapidamente, sem o mesmo entusiasmo dos outros.

— Bem-vindo de volta — disse, e se afastou.

Paulie percebeu o tom, o olhar, a hesitação. Mas não disse nada. Ele sempre soube interpretar Ferdinand.

Aquela noite era uma noite de festa. E nada estragaria o momento.

Renzo ergueu a mão e chamou a atenção de todos.

— *Mio figlio voltou para casa* — sua voz ecoou pelo jardim. — Isso merece um brinde.

As taças foram erguidas, e os Pegorino brindaram.

Mas no fundo da multidão, **Ferdinand ficou em silêncio, observando, pensando.**

VI

Negócios

A sala de Renzo Pegorino era ampla e ornamentada com o luxo sutil de um homem que não precisava ostentar. O mobiliário de madeira nobre era escuro, sólido, e o ar era pesado com o aroma de charuto e couro envelhecido. Atrás da imensa mesa de mogno, uma grande janela dava vista para a cidade, seus arranha-céus erguendo-se como monólitos de concreto e vidro.

Dentro da sala, os homens de confiança de Renzo encontravam-se em posições distintas, cada um revelando algo sobre si. Giorgio Calabrese estava sentado à direita de Renzo, girando um anel de ouro entre os dedos enquanto observava tudo com um olhar atento e cínico. Antônio Basílio, encostado na parede, mantinha um charuto apagado entre os lábios. Joe, jogava impacientemente com um canivete entre os dedos, seu terno ligeiramente desalinhado.

À esquerda de Renzo, Anthony Pegorino observava atentamente, absorvendo cada detalhe. O filho do Don mantinha as costas eretas e as mãos cruzadas sobre os joelhos, os olhos estudando os movimentos do pai como se cada gesto fosse um ensinamento. Carlo Santorelli, de expressão fria e olhar de águia, conferia a hora em um relógio de bolso antes

de dar um aceno para Marco Leone, que fazia anotações discretas em um caderno pequeno.

A porta se abriu. Um dos homens do lado de fora assentiu, permitindo a entrada do primeiro visitante da noite.

O homem que entrou era magro, de pele morena e traços marcados pela vida dura. Vestia um terno gasto, puído nos cotovelos, e os sapatos, embora polidos, revelavam rachaduras no couro. Ele entrou hesitante, os olhos movendo-se rapidamente pelo ambiente, como um rato que entra em uma catedral.

Renzo Pegorino não disse nada de imediato. Ele observou. Deixou o homem sentir o peso do silêncio, do ambiente, da expectativa. Finalmente, cruzou os dedos sobre a mesa.

— Raul Espinosa, não é?

O homem assentiu nervoso, limpando o suor da testa com um lenço.

— Sim, Don Pegorino... eu... eu vim pedir sua ajuda.

Renzo inclinou a cabeça levemente.

— Ajuda. — A palavra soou pesada, quase irônica. Ele trouxe seu charuto, soltando a fumaça lentamente antes de continuar. — Todo homem que entra nesta sala precisa de ajuda. Mas o que me interessa é... o que você tem para oferecer em troca?

Raul engoliu em seco.

— Minha filha... *Marisol*... ela tem oito anos. Está muito doente. Os médicos dizem que, sem a cirurgia, ela não vai chegar até o fim do mês.

Renzo não desviou o olhar.

— E quanto custa a vida da sua filha?

Raul abaixou a cabeça.

— Setenta mil dólares.

Antes que Renzo dissesse algo, Marco Leone já havia conferido suas anotações.

— Setenta e três mil, com as taxas e despesas do hospital.

Renzo Pegorino bateu os dedos levemente sobre a mesa.

— E por que você veio até mim, Raul? Você não votou nos políticos que prometeram cuidar dos pobres?

Raul piscou, surpreso com a pergunta. Ele hesitou antes de responder.

— Sim... mas... eles não fizeram nada.

Renzo soltou um riso baixo, quase sem humor.

— Eles nunca fazem.

Silêncio.

— Você terá o dinheiro pela manhã.

Os olhos de Raul se arregalaram, e ele quase tropeçou sobre as palavras.

— Don Pegorino... eu...

Renzo ergueu a mão, interrompendo-o.

— Mas um homem nunca recebe algo sem dar algo em troca.

Raul fechou a boca.

— O que... o que devo fazer?

Renzo se recostou na cadeira, olhando diretamente nos olhos do homem.

— Apenas... lealdade.

Raul assentiu repetidamente, como um condenado que acabara de receber um indulto.

— Sempre, Don Pegorino. Sempre.

Renzo fez um gesto discreto com a mão, e Carlo Santorelli se levantou, conduzindo Raul para fora da sala.

O silêncio se instalou novamente.

A porta se abriu novamente. Desta vez, um homem de porte imponente entrou com confiança. Juiz Malcolm St. Clair, um magistrado federal afro-americano, vestindo um terno cinza impecável, abotoado no segundo botão, e um relógio suíço discreto, mas claramente caro. Seus passos eram firmes, e ele

mantinha o queixo erguido, transmitindo um ar de autoridade.

Ele olhou ao redor da sala, observando os rostos que o encaravam. Finalmente, seus olhos pousaram em Renzo Pegorino.

— Don Pegorino.

Renzo assentiu levemente.

— Juiz St. Clair... um prazer recebê-lo.

O juiz sentou-se, cruzando as pernas e ajeitando os punhos da camisa.

— Preciso de... uma proteção.

Renzo observou-o por um instante, como se pesasse as palavras.

— Um homem no seu cargo precisa de muitas proteções.

O juiz assentiu, cruzando os dedos sobre o colo.

— Tenho recebido ameaças. Estou presidindo um caso importante... e certos elementos não querem que eu prossiga. Renzo soltou a fumaça do charuto lentamente, estudando cada movimento do homem à sua frente.

— E por que veio até mim, juiz?

O magistrado hesitou por um breve momento.

— Porque sei que a verdadeira ordem desta cidade não está na prefeitura. Está aqui.

Renzo sorriu levemente, mas não disse nada.

— Quero seguranças. Quero saber que, se alguém tentar algo, haverá... consequências.

Renzo virou-se para Giorgio, que apenas assentiu levemente.

— Isso pode ser feito. Mas, um dia, talvez eu precise que a lei seja interpretada da maneira correta.

O juiz respirou fundo.

— Entendido.

Ele se levantou. Antes de sair, virou-se e disse:

— Sempre admirei sua... maneira de manter a cidade organizada, Don Pegorino.

Renzo não respondeu. Apenas observou enquanto ele saía.

O penultimo visitante era Lucas Ortega, dono de uma pequena loja de ferragens. Ele entrou de cabeça baixa, o boné amassado nas mãos.

— Don Pegorino... eu não sei como dizer isso...

Renzo esperou.

— Um grupo... começou a me cobrar para operar na minha própria loja. Primeiro, foi duzentos dólares por mês... agora já está em mil...

Renzo olhou para Antônio Basílio, que tragava seu charuto com calma.

— Quem são?

— Uns garotos novos... se chamam Los Olvidados. Dizem que não respondem pra ninguém.

Anthony Pegorino, que até então apenas observava, não pôde esconder um leve franzir de cenho. Um grupo operando sem permissão?

Renzo ficou em silêncio por um momento, então virou-se para Joe.

— Vá até a loja do Sr. Ortega amanhã. Se esses garotos forem até lá... eduque-os.

Joe sorriu de lado, guardando o canivete no bolso.

— Do jeito certo?

Renzo apenas assentiu.

Lucas, visivelmente aliviado, apertou as mãos de Renzo com gratidão.

Quando ele saiu, a porta foi fechada. Renzo se recostou na cadeira, olhando para Anthony.

— E então, meu filho? O que aprendeu esta noite?

Anthony segurou o próprio queixo por um instante.

– Que todos, de mendigos a juízes, precisam de algo... e que o homem que pode fornecer isso governa a cidade.

Renzo sorriu levemente.

– Um dia, isso será seu fardo. Até lá... observe.

O jovem Pegorino assentiu.

A cidade era deles.

A porta do escritório de Renzo Pegorino se abriu mais uma vez. A luz suave do ambiente realçou o homem que entrava, um contraste gritante com o juiz de terno refinado que acabara de sair.

Este homem era Ciro Vasilis, um grego de meia-idade, de feições duras e um olhar cheio de urgência. Sua roupa era simples, um casaco de lã sobre uma camisa amassada, como se tivesse vindo correndo. Seu cabelo preto estava desarrumado, e as mãos calejadas mostravam que era um trabalhador. Ao entrar, ele hesitou, encarando os homens na sala, até que seus olhos pousaram em Renzo Pegorino.

– Don Pegorino... Obrigado por me receber.

Renzo ergueu a mão levemente, um gesto de calma.

– Se você veio até mim, é porque acredita que posso te ajudar. – Ele tragou o charuto e soltou a fumaça lentamente.

– Então fale, Ciro. Qual o problema?

Ciro respirou fundo, como se estivesse reunindo coragem.

– Don Pegorino... o Banco Commerciale quer tirar meu restaurante. Dizem que estou devendo, mas não devo tanto assim. Aquele gerente, o Kovalsky, ele... ele está me pressionando. Disse que, ou eu pago o que ele quer, ou minha licença vai sumir.

Renzo encostou-se lentamente na cadeira, observando o homem.

– E por que você acha que ele faria isso?

Ciro olhou para os lados, nervoso.

— Eu ouvi que ele tem negócios com aqueles russos da Bratva... estão comprando propriedades, lavando dinheiro. Meu restaurante é pequeno, mas está bem localizado. Ele quer que eu quebre... pra eles tomarem.

Um silêncio se instalou na sala.

Giorgio Calabrese foi o primeiro a se mexer, soltando um leve resmungo e ajustando a postura. Marco Leone rabiscava alguma coisa em seu caderno. Joe inclinou-se para frente, com um sorriso discreto. Antônio Basílio tragava seu charuto em silêncio.

Renzo ficou em silêncio por um momento, apenas olhando Ciro. Depois, seu olhar pousou em Anthony Pegorino.

— Você ouviu isso, Anthony?

Anthony assentiu.

— Sim, papai.

Renzo girou o charuto entre os dedos lentamente.

— Isso me parece uma grande falta de respeito.

— Sim, senhor. — Anthony respondeu com a voz firme.

Renzo olhou para os outros homens ao redor da sala, então voltou os olhos para o filho.

— Essa cidade foi construída em cima do respeito. No nosso mundo, quando há um problema, conversamos. Um Don não resolve tudo com violência. Ele negocia. Ele mantém a paz.

Anthony assentiu novamente, atento a cada palavra.

Renzo então virou-se para Ciro.

— Eu vou te ajudar. Mas você me pertence agora, entendeu?

O grego assentiu rapidamente.

— Sim, Don Pegorino.

Renzo recostou-se na cadeira e apontou para Anthony.

— Meu filho vai cuidar disso.

A sala ficou em silêncio. Anthony ficou imóvel por um instante.

— Eu?

Renzo apenas olhou para ele.

— É um bom teste pra você. Vá até esse Kovalsky. Fale com ele. Veja até onde ele quer chegar. E faça ele entender... que certas linhas não devem ser cruzadas.

Anthony engoliu em seco. Ele sentiu os olhares de Giorgio, Marco, Carlo e Joe sobre ele.

— Quer que eu vá sozinho?

Renzo pegou o charuto e apagou-o lentamente no cinzeiro.

— Claro que não. Você leva o Carlo e o Marco com você. Mas a conversa... essa é sua. Se você vai ser Don um dia, precisa aprender que um homem resolve os problemas com palavras antes de recorrer às armas.

Anthony respirou fundo.

— Sim, papai. Eu vou cuidar disso.

Renzo observou o filho por um instante, então esboçou um sorriso sutil, de aprovação.

— Boa. Agora vá.

Anthony se levantou. Marco Leone fechou seu caderno e Carlo Santorelli se ergueu, ajeitando o paletó.

Enquanto eles saíam, Renzo Pegorino os observava, tranquilo. Porque, no fim, ele sabia que o filho estava pronto.

VII

Aprendizagem

O Cadillac Fleetwood preto, um símbolo de luxo e respeito, estava estacionado na enorme garagem da mansão dos Pegorino. O carro, impecavelmente polido, refletia a luz das luminárias douradas, enquanto Anthony Pegorino caminhava em direção a ele, seguido de perto por Marco Leone e Carlo Santorelli.

Os dois veteranos da família conversavam entre si como velhos amigos, enquanto Anthony mantinha um semblante tenso.

— Pô, garoto, você tá branco. — Carlo riu, batendo no ombro do mais jovem. — Parece que vai cagar nas calças.

— Não enche o saco, Carlo. — Anthony resmungou.

Marco abriu a porta do passageiro e entrou, rindo.

— Relaxa, moleque. É só um bicho-papão do banco, não um cara com uma metralhadora.

Carlo entrou no banco do motorista e Anthony sentou no banco de trás. Mas antes que pudessem sair, dois homens apareceram, andando calmamente em direção ao Cadillac.

Gaetano Morelli e Silvio Ventura.

Dois soldados da família, não tão velhos quanto Marco e Carlo, mas veteranos o suficiente para terem feito suas marcas na organização.

Gaetano Morelli era um homem alto, de uns quarenta e poucos anos, cabelo escuro penteado para trás e um bigode bem cuidado. Sua expressão era sempre séria, mas quem o conhecia sabia que ele tinha um humor afiado e uma paciência curta. Ele vestia um terno cinza escuro, com um lenço vinho no bolso do peito.

Silvio Ventura, por outro lado, era mais jovem, talvez uns trinta e sete, com um sorriso constante no rosto e um olhar vivo e afiado. Ele era do tipo que falava rápido e ria fácil, mas também era perigoso. Usava um casaco de couro escuro, e seus olhos sempre estavam atentos a tudo ao redor.

— E aí, rapazes? — Gaetano Morelli abriu um sorriso discreto.

— Parece que vamos fazer um passeio, hein?

— É o que parece. — Silvio entrou no carro no banco do passageiro, batendo no painel. — Vamos nessa, antes que Anthony desmaie aqui atrás.

— Vocês são todos uns filhos da puta, sabiam? — Anthony cruzou os braços, sem humor para as brincadeiras.

Os caras riram.

Carlo deu a partida, e o motor do Cadillac ronronou suavemente enquanto saíam da garagem e pegavam a estrada.

A estrada era longa, iluminada pelos postes espaçados e pelas luzes vermelhas de outros carros. O silêncio do início da viagem foi rapidamente quebrado por Silvio, que nunca conseguia ficar calado por muito tempo.

— E aí, Anthony, o que você vai falar pra esse babaca do Kovalsky?

Anthony exalou devagar.

— Vou fazer ele entender que o restaurante do Ciro não está à venda. Que ele precisa voltar atrás nessa palhaçada.

Marco riu, acendendo um cigarro.

— Garoto, você tem que aprender uma coisa sobre esses caras... Eles só entendem duas línguas: dinheiro e medo. Você vai dar qual delas pra ele?

— Se eu puder resolver sem violência, melhor. — Anthony respondeu, firme.

Carlo olhou pelo espelho retrovisor, um sorriso zombeteiro no rosto.

— Olha só! Já tá falando que nem o velho.

Silvio inclinou-se para trás, olhando para Anthony com um sorriso.

— Sabe, eu gosto disso. Renzo era igual. Sempre preferia resolver no papo. Mas, se o papo não funcionasse...

Ele fez um gesto com a mão, como se segurasse uma pistola invisível e atirasse.

Anthony revirou os olhos.

— Eu sei disso, Silvio. Mas eu não sou meu pai.

Gaetano, que estava mais calado, finalmente falou.

— E tá tudo bem. Ninguém tá pedindo pra você ser ele. Mas você carrega o nome Pegorino. As pessoas esperam algo de você.

O carro ficou em silêncio por um instante.

Marco Leone virou-se para trás e olhou diretamente para Anthony.

— E nós estamos aqui pra garantir que você consiga fazer isso do seu jeito. Certo, Carlo?

Carlo assentiu, sem desviar os olhos da estrada.

— É isso aí, garoto. A gente tá contigo.

Anthony suspirou e olhou pela janela, a cidade passando rapidamente ao lado de fora.

Ele sabia que aquilo era um teste. Sabia que seu pai estava vendo se ele tinha o que era preciso para um dia assumir tudo aquilo.

E agora não tinha mais volta.

O Cadillac continuava seu percurso pelas ruas iluminadas, o ronco do motor preenchendo os pequenos silêncios entre as conversas. Lá fora, a cidade respirava com seu ritmo próprio – faróis, pedestres, becos escuros e vitrines brilhantes. Mas dentro do carro, Anthony Pegorino não conseguia se desprender de um único pensamento.

Ele passou a mão pelo rosto, respirou fundo e murmurou:

– Nem me despedi do meu filho... nem da minha mulher.

Houve um silêncio breve. Carlo olhou pelo retrovisor, percebendo a expressão fechada de Anthony.

– Relaxa, moleque. Você vai tá de volta antes deles sentirem sua falta.

Anthony balançou a cabeça devagar, olhando para a escuridão além da janela.

– É, eu sei... mas eu gosto de sempre me despedir deles.

Marco Leone deu uma tragada no cigarro e soltou a fumaça devagar.

– Porra, mas que drama, hein? – Ele sorriu. – Vai ali falar com um cara metido a esperto, dar uns apertos e pronto. Você já volta.

– Não é isso... – Anthony esfregou as mãos, como se tentasse dissipar a inquietação. – Eu só... sinto saudade deles.

Silvio Ventura virou-se no banco da frente, olhando para Anthony com um meio sorriso.

– Tá apaixonado que nem no primeiro dia, hein, playboy?

Os caras riram baixinho, mas Anthony não sorriu. Seu olhar estava perdido na cidade que passava lá fora.

– Estava pensando neles no escritório. O tempo todo.

Gaetano Morelli, que até então não tinha se metido na conversa, finalmente falou, sua voz rouca e grave cortando o ambiente:

— Isso é bom, garoto.

Anthony o encarou pelo espelho retrovisor.

— É?

Gaetano assentiu devagar.

— Os homens que esquecem da família se perdem.

Um silêncio pairou no carro. Marco deu um leve soco no ombro de Anthony.

— Então, para de fazer essa cara de viúva triste. Resolve logo essa porra e volta pra casa.

Carlo, mantendo os olhos na estrada, sorriu de canto.

— Digo mais: quando você voltar, leva flores pra sua mulher. Você vai estar no clima.

Silvio riu.

— Ah, olha só! Carlo Santorelli, poeta e conselheiro matrimonial. Quem diria?

— É sério. — Carlo deu de ombros. — Mulher gosta dessas coisas. Chega em casa, pega o moleque no colo, diz que sentiu saudade...

— Eu sempre digo. — Anthony murmurou, mais para si mesmo.

— Então continua assim. — Gaetano resmungou. — Seu pai sempre disse que os homens mais perigosos são aqueles que lutam por algo que amam.

Anthony absorveu aquelas palavras em silêncio.

O carro seguiu em frente, e a cidade parecia ainda maior ao redor deles.

O Cadillac preto deslizou pelas ruas da cidade como um fantasma, refletindo as luzes da noite em sua lataria brilhante. Anthony Pegorino dirigia em silêncio, seus olhos fixos na estrada, enquanto Carlo Santorelli, Marco Leone, e os dois

novos seguranças, Silvio Ventura e Gaetano Morelli, ocupavam o carro ao seu lado.

A tensão estava lá, mas ninguém falava sobre isso. Em vez disso, os homens tentavam manter a viagem leve.

Marco Leone, sentado no banco da frente, virou-se para Anthony e abriu um sorriso.

— E aí, garoto? Nervoso?

Anthony manteve a expressão séria, mas não negou.

— Não estou acostumado a resolver esse tipo de coisa sozinho.

— Você não está sozinho. — Carlo respondeu, do banco de trás, cruzando os braços. — Estamos todos com você. Mas a conversa... essa é sua.

— É, e você já viu seu pai fazer isso mil vezes. — Silvio Ventura acrescentou, inclinando-se para frente. — É só seguir o exemplo dele. Firme, educado... mas deixando claro que não aceita desaforo.

Anthony assentiu, ainda encarando a estrada.

— É o que eu planejo fazer.

— Mas olha só, se precisar que a gente quebre alguma coisa pra reforçar o ponto... — Gaetano Morelli brincou, dando um leve soco na palma da mão.

Os caras riram, mas Anthony manteve-se sério.

— Se eu for resolver isso com violência, não vou ser melhor do que esse Kovalsky.

Carlo sorriu e balançou a cabeça.

— Boa resposta. Seu pai ficaria orgulhoso.

O carro seguiu seu caminho, atravessando a cidade. O restaurante de Ciro ficava num bairro movimentado, rodeado por lojas e pequenas empresas. Mas, ao se aproximarem, perceberam que o local estava quase vazio, um mau sinal.

Anthony estacionou em frente ao estabelecimento. O letreiro iluminado tremeluzia fracamente. O lugar, que deveria estar cheio, tinha apenas algumas poucas mesas ocupadas.

— Isso já diz muita coisa. — Marco murmurou, observando a fachada.

Os homens desceram do carro. Anthony ajustou o terno, respirou fundo e entrou.

O Encontro com Kovalsky

Dentro do restaurante, Ciro os esperava nervoso, enxugando as mãos num pano de prato. Assim que viu Anthony e seus homens entrarem, apressou-se em cumprimentá-los.

— Senhor Pegorino... obrigado por vir.

Anthony apenas assentiu e olhou ao redor.

No fundo do restaurante, sentado em uma mesa como se fosse o dono do lugar, estava Viktor Kovalsky. Ele era um homem alto e forte, com cabelos loiros curtos e uma cicatriz ao longo do maxilar. Vestia um terno caro, mas sua postura era desleixada, como se não precisasse se importar com respeito. Dois de seus homens estavam ao lado dele, musculosos e sérios.

Kovalsky levantou os olhos e deu um pequeno sorriso ao ver Anthony se aproximar.

— Ah, e quem é esse? — Ele perguntou em um inglês carregado de sotaque eslavo.

Anthony parou diante dele, mantendo a postura ereta.

— Meu nome é Anthony Pegorino.

O sorriso de Kovalsky cresceu um pouco.

— Ah... Pegorino. O filho. — Ele cruzou os braços. — E o que o filho do grande Don Pegorino quer comigo?

Anthony puxou uma cadeira e sentou-se sem pedir permissão, mantendo o olhar fixo no homem à sua frente. Seus homens ficaram de pé ao redor da mesa, atentos.

— Vim conversar sobre Ciro.

Kovalsky ergueu uma sobrancelha.

— Ciro? Ah... o restaurante.

Ele olhou de canto para Ciro, que permanecia quieto. Depois voltou os olhos para Anthony, com um sorriso divertido.

— E por que você se importa com isso?

Anthony não hesitou.

— Porque ele faz parte da minha família agora.

O sorriso de Kovalsky diminuiu um pouco. Ele estudou Anthony por um momento, como se estivesse tentando avaliar o jovem

O sorriso de Kovalsky sumiu completamente. Ele se recostou na cadeira, encarando Anthony com olhos frios. O restaurante parecia mais silencioso agora, como se até os poucos clientes presentes sentissem a tensão no ar.

— Família? — Kovalsky repetiu, balançando a cabeça. — Sempre essa palavra... Família. Vocês italianos adoram essa palavra.

Anthony manteve a postura firme, mas sentia uma pontada de insegurança no peito. Ele sabia que a Bratva carregava ressentimentos profundos por tudo que Renzo Pegorino havia feito ao longo dos anos — negócios frustrados, territórios disputados, humilhações veladas. E Kovalsky, sendo um dos rostos dessa organização, não esconderia seu desdém.

O russo inclinou-se ligeiramente para frente, apoiando os braços na mesa.

— Me diz, garoto... Você realmente acha que pode vir aqui, sentar-se à minha mesa e me dizer o que fazer?

Anthony respirou fundo, tentando encontrar sua voz, mas antes que pudesse responder, sentiu um leve toque no ombro. Marco Leone, ao seu lado, falou baixinho, apenas para ele ouvir:

— Calma. Controle o ritmo. Não se apresse. Deixe ele falar e depois responda no seu tempo.

Anthony assentiu quase imperceptivelmente e então endireitou a postura.

— Não estou aqui para te dizer o que fazer, Kovalsky. Estou aqui para resolver um problema. Meu pai me ensinou que sempre há um caminho para o entendimento.

Kovalsky soltou uma risada seca e irônica.

— "Entendimento"? — Ele repetiu, zombeteiro. — E o que você pode me oferecer, garoto? Respeito? Palavras bonitas? Isso não vale nada na minha mesa.

Anthony apertou os punhos sob a mesa, sentindo o desprezo do russo pesar sobre ele. De relance, viu Carlo cruzar os braços e dar um sorrisinho.

— Esse cara tá só testando você. — Carlo murmurou, quase como um incentivo.

Anthony respirou fundo. Ele não podia cair na provocação.

— Se você não quer falar de respeito, vamos falar de dinheiro.

— Ele disse, retomando o controle. — Ciro não te deve tanto quanto você diz. Então, me diga... o que realmente está acontecendo aqui?

Kovalsky estreitou os olhos e por um segundo ficou em silêncio. Então, ele riu de novo, mas dessa vez, sem humor.

— Você quer saber o que está acontecendo? Eu vou te dizer. Ele bateu a palma da mão na mesa, fazendo um dos copos tremer.

— O que está acontecendo é que seu pai passou anos metendo o nariz onde não devia. E agora, você quer que a gente finja que nada disso importa? Que esqueçamos o passado e sigamos em frente como bons amigos?

O tom dele era carregado de rancor, e Anthony sentiu a tensão aumentar.

— Isso aqui não tem nada a ver com meu pai. — Anthony tentou argumentar.

— Tem tudo a ver com ele! — Kovalsky rosnou. — Você é só mais um moleque que acha que pode tomar o lugar do velho. Mas me escuta bem, Pegorino... Você pode usar o nome da sua família o quanto quiser, mas isso não significa que tem o mesmo peso que seu pai tem.

O silêncio na mesa ficou pesado. Marco e Carlo trocaram olhares. Silvio e Gaetano, os outros dois seguranças, continuaram sérios, observando cada movimento dos russos. Anthony sentia o coração acelerar.

Kovalsky cruzou os braços, balançando a cabeça com um sorriso de puro desdém.

— Sabe qual é o problema de vocês, Pegorino? Vocês ainda acham que mandam nessa cidade.

Anthony permaneceu em silêncio, mas sentia o sangue ferver. Ele sabia que responder na mesma moeda poderia piorar a situação.

O russo soltou um suspiro exagerado e murmurou algo com um tom carregado de desprezo:

— Ty prosta shyenók, katoryy dumaet, shto on volk.

Anthony franziu a testa. Ele não fazia ideia do que aquilo significava, mas o tom zombeteiro era evidente. Marco Leone, ao seu lado, cerrou os dentes, e Carlo soltou um riso nasalado, como se já estivesse esperando esse tipo de provocação.

— E o que isso quer dizer? — Anthony perguntou, tentando não demonstrar insegurança.

Kovalsky sorriu de canto.

— Significa que nossa conversa acabou, garoto. Não temos mais nada a discutir. Agora saia do meu restaurante.

Anthony ficou imóvel por um instante. Ele queria dizer algo, qualquer coisa, mas percebeu que qualquer resposta só daria ao russo mais munição para rir da sua cara. Então, sem mais uma palavra, ele se levantou, ajeitou o paletó e caminhou até a saída.

Carlo e Marco o seguiram, sem dizer nada, mas assim que saíram para a rua fria, Marco deu um tapinha leve no ombro de Anthony.

— Ei, não esquenta com isso. O filho da puta já entrou nessa reunião decidido a te humilhar.

Anthony manteve o olhar fixo no chão enquanto caminhava até o carro. Ele sentia um peso esmagador no peito. Ele fracassou. Kovalsky não apenas recusou a negociação, como também deixou claro que não levava Anthony a sério.

Carlo, já encostado no carro, acendeu um cigarro e soltou a fumaça devagar.

— Escuta, moleque... — Ele começou, em um tom mais leve.

— Isso não foi uma derrota. Foi um aviso. O russo quer que você se sinta um merda, mas é isso que eles fazem. Eles provocam, te testam. Você não pode deixar isso entrar na sua cabeça.

Anthony se encostou no carro, cruzando os braços.

— Mas ele me desrespeitou na minha cara. Como meu pai lidaria com isso?

Marco sorriu de canto.

— Seu pai? — Ele olhou para Carlo, que também riu baixinho.

— Renzo Pegorino teria mandado quebrar os ossos desse desgraçado um por um.

— Mas Renzo é Renzo. E você é você. — Carlo completou.

Anthony suspirou, ainda sentindo o gosto amargo do fracasso.

— O que a gente faz agora?

Marco jogou o cigarro no chão e pisou nele.

— Agora? Agora a gente volta pra casa. Mas não pense que isso acabou. Porque eu te garanto, Kovalsky pode rir agora... mas ele não vai rir por muito tempo.

Anthony assentiu lentamente, mas o gosto da humilhação ainda estava lá. Sem dizer mais nada, ele abriu a porta do carro e entrou, enquanto os outros faziam o mesmo.

O motor roncou, e o carro desapareceu na noite fria.

O silêncio dentro do carro era pesado. Anthony olhava para a cidade passando pela janela, os olhos fixos nos postes e nas placas que se misturavam às luzes noturnas. A voz de Kovalsky ainda ecoava na sua mente, junto com aquele maldito tom de deboche.

Ele suspirou e esfregou o rosto com as mãos.

— Quero ir pra casa.

Marco, que dirigia, lançou um olhar rápido pelo retrovisor e assentiu.

— Tá bom, garoto. Vamos te deixar em casa.

Carlo, no banco do passageiro, olhou para trás e sorriu.

— Mas quando a gente te deixar lá, nós quatro vamos dar um jeito de fazer você ganhar uns pontos com a patroa.

Anthony franziu a testa, confuso.

— O que você tá falando?

Marco riu baixinho, já pegando o embalo da conversa.

— A gente vai comprar um buquê enorme pra sua mulher e entregar na sua casa mais tarde. Aí falamos que foi você que mandou. Como se fosse aquela surpresa que você queria fazer.

Carlo deu outro tapinha no ombro de Anthony.

— Assim, quando você chegar, fica tranquilo, curte a noite com ela e com seu moleque. E depois, do nada, chega um presente seu, sem ela esperar. Um detalhe bonito. Você sabe que mulher gosta dessas coisas.

Anthony piscou algumas vezes, processando. Ele estava tão preso na frustração da reunião com Kovalsky que nem tinha pensado nisso.

— Vocês fariam isso?

Carlo bufou, fingindo indignação.

— Mas é claro, porra! Você acha que a gente ia deixar você chegar em casa de mãos abanando depois de um dia desses?

Marco assentiu, mantendo a atenção na estrada.

— A gente viu você crescer, Anthony. Você pode ser o chefe amanhã, mas hoje ainda é aquele moleque que corria pelo jardim da mansão Pegorino de fralda e tudo.

Os outros dois mafiosos que estavam no carro, Domenico e Vanni, também riram, mesmo sem conhecer Anthony por tanto tempo como Marco e Carlo.

Anthony sorriu, pela primeira vez naquela noite.

— Obrigado, de verdade.

Carlo acenou com a mão, despreocupado.

— Que nada. Só escolhe uma floricultura que você gosta, que a gente resolve o resto.

Anthony pensou por um instante e então disse o nome de uma floricultura que sempre comprava flores para a esposa. Marco assentiu e fez uma anotação mental.

— Fechado. Agora relaxa, garoto. Vai pra casa, abraça sua mulher, beija seu filho e esquece essa merda de Kovalsky por hoje.

Anthony suspirou, sentindo parte do peso em seus ombros aliviar. Ele ainda sentia a humilhação daquela noite, mas, pelo menos, sabia que não estava sozinho.

VIII

Vida Boa

A vizinhança onde Anthony morava era tranquila, um bairro de classe média alta, longe do brilho ostentoso de grandes mansões, mas ainda assim seguro e confortável. A casa era espaçosa, com um pequeno jardim na frente e luzes suaves iluminando a entrada. Não era uma fortaleza como a de seu pai, mas era um lar — e era isso que importava.

Quando Marco estacionou o carro na calçada, Anthony já conseguia ver, pela janela da sala, o vulto de Vivianne andando de um lado para o outro. O coração dele apertou. O peso da conversa com Kovalski ainda estava sobre seus ombros, mas, ao ver aquele reflexo familiar, algo dentro dele se aqueceu.

— Chegamos. — Marco disse, desligando o motor.

Anthony respirou fundo e pegou o cartãozinho com o nome da floricultura, entregando-o para Carlo.

— Não esquece. Quero que ela ache que fui eu que mandei.

Carlo pegou o cartão e deu um leve tapa no ombro de Anthony, com um sorriso discreto.

— Relaxa, garoto. A gente cuida disso.

— Vai ser um buquê bonito. A gente vai fazer você parecer um maldito poeta romântico. — Marco acrescentou, rindo. Anthony sorriu de canto, balançando a cabeça. A lealdade daqueles caras ia além dos negócios. Eles realmente se importavam.

Ele saiu do carro, ajeitou o paletó e subiu os degraus da entrada. Assim que girou a maçaneta, ouviu o som de passinhos apressados no piso de madeira.

— PAPÁÁÁ!

Luca, seu filho de quatro anos, veio correndo pela sala com os bracinhos abertos. Anthony mal teve tempo de reagir antes de pegá-lo no colo, levantando-o no ar.

— Olha só quem tá acordado! Não era pra você estar dormindo, rapazinho?

Luca riu alto, abraçando o pescoço do pai com força.

— Eu queria esperar você! Mamãe deixou!

Antes que Anthony pudesse dizer qualquer coisa, sentiu outro abraço. Vivianne envolveu-o com os braços, apertando-o contra si.

— Você demorou. — ela murmurou contra o ombro dele.

Anthony soltou um longo suspiro.

— Eu sei, amor. Mas agora tô aqui.

Vivianne afastou-se só o suficiente para olhar nos olhos dele.

— Comeu alguma coisa?

Ele sorriu de leve.

— Ainda não. Mas tô morrendo de fome.

Ela puxou-o pela mão.

— Então vem. Fiz aquele seu prato favorito.

Anthony nem hesitou. Colocou Luca no chão, bagunçou os cabelos do garoto e seguiu Vivianne até a cozinha. A mesa estava posta com um prato de massa fumegante e uma taça de vinho esperando por ele.

Eles jantaram juntos, conversando sobre coisas simples. Luca contava animado sobre um desenho que fez na escola, Vivianne falava sobre o dia dela, e Anthony apenas ouvia, absorvendo cada detalhe. Por um momento, os problemas da noite pareciam distantes.

Depois do jantar, foram para a sala. Luca pegou seus brinquedos e se jogou no tapete, espalhando carrinhos e bonecos. Anthony, ainda de paletó e camisa social, deitou-se no chão ao lado do filho, brincando com ele.

— Papai, você vai dormir cedo hoje?

Anthony riu.

— Se sua mãe deixar, talvez eu fique acordado mais um pouco.

Vivianne, sentada no sofá, sorriu.

— Desde que você não durma no sofá de novo.

Anthony olhou para ela com um sorriso preguiçoso.

— Prometo que dessa vez eu subo pra cama.

A noite seguiu assim. Simples, tranquila, genuína.

Ali, na casa dele, Anthony não era um Pegorino. Não era um mafioso. Não era o filho de um dos homens mais poderosos da cidade.

Era apenas um marido e um pai.

E, por mais que o mundo lá fora tentasse puxá-lo para outra realidade, naquele momento, isso era tudo o que importava.

A sala estava mergulhada em uma tranquilidade que Anthony gostaria de guardar para sempre. O noticiário passava na TV, mas ninguém prestava atenção. O ar tinha um cheiro agradável, uma mistura de lavanda do difusor que Vivianne gostava e o perfume adocicado de Luca, ainda com resquícios de xampu infantil nos cabelos.

Anthony estava no chão, sentado com as costas apoiadas no sofá, enquanto Luca se aninhava entre suas pernas, empurrando um carrinho de brinquedo pelo tapete. O menino

ria sozinho, mergulhado no seu próprio mundo, a inocência protegendo-o de tudo que existia do lado de fora daquela casa.

Vivianne, aconchegada no sofá com uma manta fina sobre as pernas, observava os dois com um sorriso de satisfação. Ela adorava esses momentos, onde o mundo parecia parar, onde nada mais importava além deles três juntos.

— Você tá muito quieto, amor. — disse Vivianne, olhando Anthony com curiosidade.

Ele piscou algumas vezes, saindo de seus devaneios, e sorriu de canto.

— Só cansado, querida. Hoje foi um dia longo.

Vivianne inclinou-se ligeiramente para frente e estendeu a mão, acariciando o rosto dele com suavidade.

— Então amanhã você dorme até tarde. Eu cuido do Luca.

Ele segurou a mão dela e a beijou, sentindo seu toque quente contra os lábios.

Foi então que ouviu.

Um som seco. Metálico. Do lado de fora.

Anthony ergueu a cabeça de repente, os sentidos em alerta.

— O que foi isso? — perguntou Vivianne, franzindo o cenho.

Anthony não respondeu. Sua respiração ficou pesada, e ele virou a cabeça em direção à porta da frente. O silêncio que veio depois foi ainda pior.

Outro barulho. Algo tilintando contra o vidro.

E então —

O mundo explodiu.

O primeiro disparo estilhaçou a janela ao lado da TV.

O segundo acertou a parede acima do sofá, soltando uma chuva de pedaços de gesso.

E então veio o inferno.

Uma rajada de balas atravessou a casa com força brutal, o barulho ensurdecedor engolindo tudo. O vidro se

despedaçou, os móveis se estouraram como se fossem de papel.

— ABAIXA! — Anthony gritou, agarrando Luca e o jogando no chão, cobrindo-o com o próprio corpo.

Vivianne soltou um grito de desespero e tentou correr para trás do sofá. Mas o tempo não estava do lado dela.

A primeira bala acertou sua coxa, atravessando-a com um impacto seco. Ela caiu de joelhos, gritando. O segundo tiro atingiu suas costelas, um barulho úmido e abafado saindo de sua boca. Vivianne, ainda caída atrás do sofá, tentou se mover, mas uma bala perfurou sua omoplata

Anthony tentou se arrastar até ela, mas foi interrompido por outra explosão —

O coquetel molotov.

A garrafa atravessou o vidro e estourou no tapete, espalhando chamas rapidamente. O cheiro de gasolina queimando dominou o ar, a fumaça começando a subir.

Luca chorava debaixo do pai, tremendo, os olhinhos arregalados de puro terror.

— Papá...?

Foi quando veio a segunda rajada.

Uma bala atravessou a bochecha de Vivianne, jogando sua cabeça para trás em um estalo horrível. O sangue espirrou contra a parede. Ela arfou, os olhos piscando em choque, a vida esvaindo-se rapidamente.

Outro tiro. No peito.

Ela caiu para trás, os olhos fixos no nada.

Sem vida.

Anthony engasgou, um soluço preso na garganta. Mas o pesadelo estava longe de acabar.

— Papai! — Luca gritou, sua voz fina e desesperada.

E então, uma bala perfurou seu bracinho, fazendo-o gritar de dor.

Anthony se virou num reflexo, tentando cobrir o filho, mas foi tarde demais.

Outro tiro.

Atravessou a barriguinha dele.

— Luca! Não, não, não! — Anthony choramingou, segurando-o nos braços.

O menino tossiu, sangue escorrendo pelos lábios. Ele ainda estava consciente, mas seu corpo tremia violentamente.

E então veio outro disparo.

E mais um.

E mais um.

Cada tiro rasgava sua carne, fazendo seu pequeno corpo se contorcer nos braços do pai.

Até que não se moveu mais.

O mundo de Anthony se despedaçou.

Mas não houve tempo para dor.

Uma bala atravessou o ombro dele, o jogando para trás. Outra atingiu sua perna. O sangue escorria em rios pelo tapete.

Os assassinos não queriam que sobrasse nada.

Mais tiros.

Anthony sentiu o impacto no peito.

Os pulmões ardiam. O sangue preenchia sua garganta.

Ele tossiu, tentando respirar, mas não conseguia mais.

A fumaça do incêndio enchia a casa. O calor era insuportável.

A vida se esvaía lentamente.

Seus olhos caíram sobre os corpos de Vivianne e Luca.

E então, tudo escureceu.

IX

De Don pra Pai

A madrugada estava silenciosa na mansão Pegorino. Apenas o som do relógio na parede preenchia o grande escritório, onde o Don permanecia acordado. A luz fraca do abajur iluminava a madeira escura da mesa e os papéis espalhados sobre ela.

Renzo Pegorino escrevia algo com calma, seus dedos segurando a caneta com precisão. Seus olhos, marcados por anos de responsabilidades e decisões pesadas, percorriam o documento. Ele sempre foi um homem metódico, alguém que pensava três passos à frente. Mas, naquela noite, sua mente estava dispersa.

Lá fora, o vento batia nas janelas, uivando suavemente. A mansão estava mergulhada no sono. Ferdinand dormia no quarto de hóspedes, Paulie provavelmente roncava no seu, e Emilia, sua esposa, repousava tranquilamente na suíte principal. Ele sabia que deveria estar ao lado dela, mas algo o impedia de descansar.

Um aperto estranho cresceu em seu peito.

Uma dor leve, mas incômoda.

Ele apoiou a caneta e passou a mão pelo rosto. Seus olhos se fecharam por um instante.

Uma sensação ruim.

Ele respirou fundo, tentando afastá-la. Talvez fosse cansaço. Talvez fosse apenas o peso dos anos, das responsabilidades, das escolhas. Ele havia perdido muitos amigos, irmãos de guerra, mas sempre manteve o rosto impassível. Porque um Don não pode demonstrar fraqueza.

Mas agora, sentado ali, sozinho na madrugada, sentia um vazio que não sabia explicar.

Então, a campainha tocou.

O som quebrou o silêncio da casa, ecoando pelos corredores. Renzo franziu o cenho. Olhou para o relógio. Era tarde demais para qualquer visita.

Apertando os lábios, levantou-se devagar, pegando seu robe de seda e caminhando para a entrada. Suas mãos já estavam fechadas em punhos antes mesmo de abrir a porta.

Quando o fez, encontrou Carlo e Marco.

Os dois estavam pálidos. O cheiro de fumaça e pólvora ainda grudava neles. O olhar de ambos estava pesado, sombrio.

Renzo sentiu seu coração parar.

— O que aconteceu? — Sua voz saiu firme, mas dentro dele, algo já sabia a resposta.

Marco não conseguiu falar. Apenas abaixou a cabeça.

Foi Carlo quem respirou fundo e disse:

— Don... É sobre o Anthony.

O mundo ficou suspenso por um segundo.

— O quê?

— Ele... ele tá morto, Don. — Carlo forçou as palavras, como se fosse difícil demais dizê-las. — Mataram ele. Mataram a Vivianne. Mataram o Luca.

Renzo congelou.

A respiração parou. O coração pareceu errar uma batida.

E então, o silêncio se rompeu.

— NÃO!

O grito saiu brutal, cortando a casa como uma lâmina.

O Don cambaleou para trás, como se tivesse sido atingido por um soco no peito. Suas pernas falharam, e ele segurou-se na parede para não cair.

— Não... não... — Sua voz agora era um sussurro trêmulo, incrédulo.

Os olhos se encheram de lágrimas, e ele piscou várias vezes, como se recusasse a aceitar a realidade.

— Meu filho... meu neto...

Os joelhos cederam. Ele caiu no chão, as mãos tremendo ao agarrar o próprio peito.

— Meu Deus...

Carlo e Marco não disseram nada. Apenas ficaram ali, imóveis, assistindo o Don Pegorino ruir diante deles.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto enrugado do velho mafioso. Seu peito arfava pesadamente, como se tentasse puxar um ar que já não existia.

Ele ergueu a cabeça, os olhos vermelhos e úmidos, e sua expressão mudou.

A dor se transformou.

Seu rosto agora era de fúria.

Um ódio silencioso, profundo, assassino.

O Don Pegorino olhou para Carlo e Marco, sua voz saindo baixa, mas carregada de um veneno mortal.

— Quem fez isso?

O silêncio depois daquela pergunta foi pesado.

Carlo e Marco abaixaram a cabeça.

— A gente não sabe, Don. — Carlo disse, hesitante. — Quando a gente chegou lá... já era tarde.

— A casa tava um inferno. — Marco completou. — Fogo, bala, sangue pra todo lado... Não tinha ninguém vivo. E ninguém por perto também. Só o cheiro de pólvora e morte.

Renzo Pegorino fechou os olhos com força.

Seus punhos se apertaram tanto que os nós dos dedos ficaram brancos. Seu peito subia e descia pesadamente. O velho mafioso parecia um homem que tinha acabado de perder tudo.

Porque ele tinha.

Seu filho. Sua nora. Seu neto.

Ele não sentia apenas dor. Era algo maior, mais profundo. Um buraco escuro se abrindo dentro dele.

Os olhos dele começaram a se encher de lágrimas de novo, mas dessa vez ele não as conteve. Uma lágrima grossa escorreu pelo rosto, seguida de outra, e outra. Ele não chorava há anos. Mas agora, não conseguia segurar.

— Meu menino... meu menino... — a voz dele saiu embargada, quase irreconhecível.

Ele pressionou as mãos contra o rosto, sufocando um soluço violento.

A casa, antes silenciosa, começou a ganhar vida.

Passos no andar de cima.

A porta do quarto principal se abriu.

Emilia Pegorino apareceu na escada, usando um robe de seda. Seus cabelos grisalhos estavam soltos, e o rosto dela mostrava um misto de confusão e preocupação.

— Renzo? — a voz dela era sonolenta.

Então, ela viu Carlo e Marco parados na entrada. Viu o marido ajoelhado no chão, tremendo.

Ela franziu a testa.

— O que houve?

Antes que alguém respondesse, Paulie apareceu logo atrás dela, coçando os olhos. Ele ainda usava a camisa aberta e as calças do dia anterior, claramente sem entender o que estava acontecendo.

— O que tá pegando? — Ele resmungou. — Que merda de barulho é esse?

Ferdinand, ao lado dele, estava mais alerta. O ex-sicário, mesmo recém-acordado, já sentiu que algo estava errado. Ele viu o Don Pegorino de joelhos no chão. Viu os rostos pálidos de Carlo e Marco.

E entendeu.

— Não... — Ferdinand sussurrou.

Paulie olhou pra ele, confuso.

— Não o quê?

Mas então ele também percebeu.

O silêncio, a tensão.

O rosto de Renzo.

Paulie desceu as escadas lentamente, sem nem perceber que Emilia também estava seguindo, seus passos hesitantes.

Foi ela quem perguntou primeiro, a voz trêmula.

— Renzo... o que aconteceu?

O Don Pegorino olhou pra ela.

E desabou.

— Mataram o Anthony. Mataram a Vivianne. Mataram o Luca.

O mundo parou.

Paulie piscou, como se não tivesse entendido.

— Quê?

Ferdinand abaixou a cabeça, fechando os olhos por um instante. Ele não disse nada.

Emilia, por outro lado, ficou imóvel.

Então, deu um passo pra trás.

Depois outro.

A mão dela foi até a boca, os olhos arregalados, lacrimejando.

— Não... não...

A voz dela foi ficando mais alta, mais trêmula.

Ela cambaleou, agarrando o corrimão da escada para não cair.

— Não! Não!

Paulie ainda estava paralisado. A ficha parecia não cair.

Mas quando caiu...

— Filha da puta! — Ele berrou, chutando a parede com força, tão forte que rachou o reboco. — Filha da puta!

Os olhos dele se encheram de lágrimas de raiva, e ele puxou os próprios cabelos, andando de um lado pro outro como um animal enjaulado.

— Eles mataram o garoto... eles mataram o garoto! — Ele repetia, quase sem fôlego.

Ferdinand não se mexia. Apenas encarava o chão, como se já tivesse visto aquilo antes. Como se já soubesse que esse tipo de tragédia sempre chegava, mais cedo ou mais tarde.

Mas isso não tornava mais fácil de engolir.

E então, Emilia gritou.

Um grito longo, profundo, desesperado.

Ela desabou no chão da escada, chorando incontrolavelmente.

— Meu menino... meu neto... — ela repetia, soluçando.

Renzo Pegorino a olhou, ainda ajoelhado no chão. Ele queria ir até ela, segurá-la, dizer que tudo ficaria bem.

Mas não ficaria.

Nada nunca mais ficaria bem.

O Don Pegorino, o homem mais poderoso da cidade, estava arruinado.

E alguém ia pagar por isso.

Renzo Pegorino ficou sentado, imóvel. O charuto entre seus dedos queimava lentamente, a fumaça subindo em espirais no ar parado da madrugada. Mas ele não tragava. Nem parecia notar.

A notícia ainda pulsava em sua cabeça como um tambor distante, surdo, insistente.

Seu filho estava morto. Sua nora estava morta. Seu neto estava morto.

Ele piscou devagar, tentando absorver a informação. Era como se uma parte do mundo ao seu redor tivesse

desmoronado sem aviso. Como se uma parede invisível tivesse desabado sobre ele, esmagando-o lentamente, sem pressa.

Carlo e Marco ainda estavam ali, parados na porta, sem saber se deviam falar mais alguma coisa. Ferdinand olhava para o chão, os braços cruzados. Paulie, ao contrário, andava de um lado para o outro, os punhos cerrados, a respiração pesada.

— Nós temos que fazer alguma coisa. — Paulie rosnou, quebrando o silêncio.

Renzo não respondeu.

— Pai.

Nada.

— Pai! A gente não pode deixar isso barato! Quem fez isso tem que pagar na mesma moeda!

O Don Pegorino fechou os olhos por um instante. Inspirou fundo.

— E acha que trazer mais morte vai mudar alguma coisa? — Sua voz saiu baixa, cansada.

Paulie parou.

— O que quer dizer com isso?

Renzo finalmente se virou para ele. Seus olhos estavam fundos, marcados por noites mal dormidas e pelo peso da idade. Mas não havia fúria ali. Só um abismo escuro de tristeza.

— Quero dizer que meu filho está morto. Minha nora. Meu neto. Eles não vão voltar, Paulie. Nem se eu mandar arrancar os olhos de quem fez isso. Nem se eu mandar incendiar a casa deles, como fizeram com Anthony.

Paulie apertou a mandíbula, incrédulo.

— Então a gente só vai... aceitar isso?

Renzo desviou o olhar.

Aceitar.

Não era questão de aceitar.

Era questão de saber que nada do que ele fizesse traria Anthony de volta.

Ele já tinha vivido tempo o bastante para saber como essas coisas funcionavam. Tinha visto filhos de outros homens morrerem. Tinha visto velhos chefes destruídos pela dor, transformando luto em ódio. E no final... nada daquilo adiantava.

A violência nunca acabava.

Ele já estava cansado.

Muito cansado.

— Eu só quero enterrar meu filho.

Aquela frase caiu como uma pedra na sala.

Paulie desviou o olhar, apertando os punhos. Carlo e Marco trocaram olhares discretos, sem saber o que dizer. Ferdinand fechou ainda mais a expressão.

Renzo passou a mão pelo rosto, exausto.

— Eu não vou compactuar com vingança.

Paulie riu, um riso seco, incrédulo.

— Eles mataram o Anthony.

Renzo não respondeu.

— Mataram o Luca, pai.

O Don Pegorino fechou os olhos com força. O nome do neto era o golpe final.

Ele se levantou devagar, caminhou até a janela e ficou olhando para a escuridão do lado de fora.

Seu filho estava morto. Seu neto.

— Vocês podem ir. — Ele murmurou.

Carlo e Marco assentiram, respeitosos. Paulie hesitou por um momento, mas depois saiu, bufando de raiva.

Quando a sala ficou vazia, Renzo Pegorino finalmente deixou o peso da dor cair sobre seus ombros.

E ali, sozinho, no silêncio da madrugada, o Don Pegorino chorou.

A sala ainda cheirava a fumaça de charuto e ao perfume amadeirado que impregnava os móveis de couro da mansão Pegorino. O relógio marcava quase quatro da manhã, mas ninguém parecia pensar em dormir. A raiva fervia no ar, e Paulie era o que mais sentia o calor.

Ele andava de um lado para o outro, os olhos injetados, os punhos cerrados. Carlo e Marco estavam quietos, tentando não provocar ainda mais o Don. Ferdinand observava tudo, impassível, com os braços cruzados.

Renzo Pegorino, por outro lado, permanecia sentado. Seus dedos pressionavam as têmporas, como se tentasse conter a dor que latejava dentro dele.

Paulie explodiu:

— Então a gente só vai deixar isso passar? Eles foderam com a nossa família, pai! Você quer que a gente fique parado?

Renzo ergueu os olhos lentamente para o filho. Seu olhar não era de raiva. Era de algo muito mais profundo. Algo que Paulie ainda não entendia.

— E o que você quer que eu faça? — A voz do Don era fria, quase calma. Quer que eu mande todo mundo pra rua atirando feito idiotas? Quer que eu jogue gasolina no fogo?

Paulie respirou fundo, mas não conseguiu conter a fúria.

— Não é sobre jogar gasolina no fogo! É sobre mostrar que a gente não abaixa a cabeça!

Renzo bufou, passando a mão pelo rosto.

— Você acha que eu nunca passei por isso antes, Paulie?

Paulie engoliu seco.

— Eu vi amigos meus morrerem. Eu vi meu pai morrer. E eu fiz uma promessa há muitos anos...

Renzo se levantou devagar, como se cada movimento carregasse o peso de décadas. Seu olhar encontrou o de Paulie, e ali havia algo que o filho nunca tinha visto antes: uma exaustão profunda, um desgaste que ia além do físico.

— Eu jurei que nunca mais veria um membro da minha família morrer. Nunca mais.

Paulie olhou para o pai com descrença.

— Pai, o Anthony...

— Está morto. — A voz de Renzo foi cortante. — E nada que a gente fizer vai trazer ele de volta. Nada. Você entende isso? O silêncio foi pesado.

Paulie cerrou os dentes.

— Mas a gente pode fazer justiça.

Renzo estreitou os olhos.

— Justiça?

Ele deu um riso seco, amargo.

— Isso aqui não é justiça, Paulie. Isso aqui é o que sempre foi: sangue chamando sangue.

Paulie não recuou.

— E você acha que eles vão parar? — Ele apontou para a porta, como se os inimigos estivessem ali fora. Se a gente não fizer nada, isso só vai continuar. Eles vão continuar achando que podem pisar na gente.

Renzo ficou em silêncio por um momento. Depois, suspirou.

— Ouça bem o que eu vou dizer, Paulie.

Ele deu um passo à frente, a sombra da luz amarelada da sala projetando seu rosto cansado, mas ainda imponente.

— Se for para fazer alguma coisa... será tão inteligente, tão cuidadoso, que eles nem vão perceber que foi uma vingança.

Paulie arregalou os olhos.

— Pai...

Renzo ergueu a mão, silenciando-o.

— Eles acham que podem destruir a nossa família. Eu não vou deixar isso acontecer. Mas eu não sou um moleque descontrolado que reage com raiva e gritaria.

Ele olhou nos olhos do filho.

— Se eu for atrás deles, Paulie... eu vou fazer direito.

O silêncio dominou a sala novamente. Carlo e Marco se entreolharam. Ferdinand soltou um suspiro pesado.

Paulie não disse nada. Mas o brilho nos olhos dele mudou.

Renzo Pegorino olhou para cada um deles, um por um.

— Agora vão. Eu preciso pensar.

E sem dizer mais nada, ele voltou a se sentar.

O Don estava em luto. Mas também estava planejando.

X

Meu Garoto

O quarto ainda estava escuro quando Renzo Pegorino abriu os olhos. O relógio no criado-mudo marcava 5h47 da manhã. Ele não precisava de despertador. Há décadas seu corpo simplesmente sabia a hora de acordar.

Demorou alguns segundos antes de se levantar. O colchão afundava sob seu peso, os ossos protestavam quando ele se movia. Seus joelhos não eram mais os mesmos. Nem seus ombros. A idade cobrava seu preço.

Virou-se para o lado e viu Emilia, deitada, os olhos fechados, mas sem descanso no rosto. Ela não dormira de verdade. O travesseiro estava molhado de lágrimas secas, os lençóis enrugados de tanto que se mexera à noite.

Renzo inclinou-se e beijou sua testa. A pele dela estava fria. Não como gelo, mas fria de um jeito que só uma mãe de luto pode estar.

Ele se ergueu devagar e foi até o banheiro. Abriu a torneira e deixou a água correr um pouco antes de lavar o rosto. O espelho revelou um homem que não via há muito tempo. Os olhos fundos, o cabelo mais branco do que grisalho. Rugas profundas na testa, sulcos marcados ao redor da boca. Por um instante, viu algo a mais no reflexo. Algo que não gostou.

Respirou fundo. Fez a barba com movimentos lentos, cuidadosos. Enxaguou a lâmina na pia, escutando o som metálico contra a porcelana. Vestiu um terno escuro, ajustando a gravata com gestos automáticos. Pegou o relógio de bolso, presente de seu pai, e colocou-o no colete.

No corredor, sentiu o cheiro de café vindo da cozinha. Ouvia vozes ao longe. Paulie e Ferdinand já estavam acordados.

Ferdinand segurava a xícara de café entre os dedos, girando-a levemente sem beber. Seus olhos observavam Paulie com uma expressão difícil de decifrar, algo entre desinteresse e divertimento cruel.

Paulie estava inclinado sobre a mesa, ainda fervendo de raiva. Os dedos tamborilavam contra a madeira polida, impacientes, enquanto ele murmurava para si mesmo.

— Se o pai não vai fazer nada, eu vou.

Ferdinand soltou um riso baixo, abafado, como se achasse aquilo adorável.

— Você? Vai agir pelas costas dele? O advogado da família? O certinho, o protegido, aquele que sempre esteve na barra da saia do velho?

Paulie travou o maxilar, os olhos faiscando.

— Pelo menos eu faço alguma coisa. Não fico sentado feito um parasita esperando a herança cair no colo.

Ferdinand apertou a alça da xícara. Um leve tremor percorreu sua mão antes de ele pousá-la com calma de volta no pires.

— Engraçado. Você fala como se fosse especial, como se tivesse lutado pelo seu lugar. Mas você nunca precisou lutar por nada, não é, Paulie? O pai sempre teve um plano para você. "O garoto vai estudar, vai ser advogado, vai manter tudo limpo para a família." Você nunca teve que provar seu valor. Nunca teve que competir.

Paulie deu um riso amargo.

— Ah, entendi. Isso é inveja? Você queria que o pai tivesse mandado você para a faculdade? Você acha que teria conseguido?

Ferdinand inclinou-se um pouco para frente, os olhos faiscando, mas o sorriso ainda nos lábios.

— Eu acho que teria feito melhor que você. Mas o pai nunca me deu essa chance, deu?

Paulie abriu a boca para retrucar, mas Ferdinand o cortou.

— E Anthony... ah, Anthony. O príncipe. O escolhido. O herdeiro. O pai só tinha olhos para ele. Você nunca percebeu? Não importava o que você fizesse, nunca importava o que eu fizesse, tudo sempre voltava para Anthony. Ele era o único que realmente importava para o velho.

Paulie cerrou os punhos.

— E agora ele está morto.

Ferdinand sorriu, frio.

— Pois é. E agora o pai está sem um sucessor. Mas veja só... ele ainda não olhou para você, Paulie. E também não olhou para mim.

Paulie não respondeu. Algo no tom de Ferdinand o fez se calar. Ele não queria admitir, mas sabia que era verdade. Renzo Pegorino, mesmo depois da morte de Anthony, ainda não havia dito quem assumiria seu lugar.

O silêncio foi quebrado pelos passos do Don se aproximando. Ferdinand pegou um pedaço de pão, mastigando lentamente, como se estivesse saboreando sua vitória pessoal.

— Vamos, senta direitinho, Paulie. O pai tá vindo.

Paulie continuou imóvel, ainda encarando o irmão. Algo dentro dele dizia que aquela conversa ainda não havia terminado.

Renzo Pegorino caminhava com passos pesados pelo corredor de mármore frio. Os vitrais das janelas projetavam sombras distorcidas no chão, a luz do sol da manhã entrando fraca,

esparsa, como se o próprio dia hesitasse em começar. O cheiro do café recém-passado se misturava ao perfume amadeirado dos móveis antigos, ao leve odor do charuto queimada que ainda impregnava as cortinas.

Ele ajeitou a lapela do robe escuro e respirou fundo antes de abrir a porta da sala de jantar.

Paulie e Ferdinand estavam à mesa.

Paulie mexia o café sem realmente prestar atenção, os olhos baixos, os lábios pressionados. Ferdinand, ao contrário, estava inclinado para trás na cadeira, com um pedaço de pão entre os dedos, mastigando lentamente, com uma calma que beirava o desrespeito. O jornal dobrado ao lado do prato ainda cheirava a tinta fresca.

Renzo entrou sem pressa, sem dizer nada de imediato. O som abafado de seus sapatos contra o tapete foi suficiente para fazer Paulie se encolher ligeiramente. Ferdinand nem levantou os olhos.

O Don puxou a cadeira na cabeceira da mesa e se sentou com um suspiro, ajeitando os punhos da camisa. Pegou o guardanapo, dobrou-o com precisão e repousou sobre o colo. Só então falou:

— Então, é assim que falam do próprio pai agora?

Paulie quase derramou o café ao ouvir aquilo.

Ferdinand, ao contrário, apenas ergueu os olhos, com um meio sorriso.

— Bom dia pra você também, pai.

Renzo o ignorou. Pegou a xícara, levou-a aos lábios e tomou um gole. Fez um pequeno estalo com a língua.

— O café está bom hoje.

Paulie pigarreou, inquieto.

— Pai, eu... eu não quis dizer...

— Quis, sim. — Renzo cortou, colocando a xícara de volta no pires com um leve tilintar. — Você quis dizer exatamente o que disse.

Paulie baixou a cabeça.

Ferdinand segurava o pão entre os dedos como se nada tivesse acontecido. Partia pequenos pedaços, passando-os lentamente na manteiga, levando-os à boca sem pressa.

— O senhor sempre nos ensinou que família vem primeiro. Mas agora parece que nem todo mundo acredita nisso.

Renzo olhou para ele, estudando-o. Não respondeu de imediato. Pegou um pedaço de pão, passou a manteiga com movimentos lentos e calculados, depois mordeu, mastigando em silêncio.

Paulie trocou olhares rápidos entre os dois. Sentia o estômago revirar.

O silêncio na mesa era pesado. O barulho dos talheres contra a porcelana era o único som na imensidão daquele salão.

Renzo finalmente quebrou o silêncio:

— Paulie, você quer agir pelas minhas costas.

Paulie apertou os lábios.

— Pai... eu só queria mostrar que me importo. Que quero justiça para Anthony. Que...

— Que você não confia no seu próprio pai para resolver isso. Paulie engoliu seco.

Ferdinand recostou-se na cadeira, observando a cena como se assistisse a um espetáculo.

— Paulie quer ser um homem de ação, pai. Ele acha que palavras não são suficientes.

Renzo olhou para ele com olhos frios.

— E você, Ferdinand? O que acha?

Ferdinand deu de ombros. — Eu acho que Paulie se esforça demais.

Paulie se virou para ele, os olhos faiscando.

— E você não se esforça o suficiente.

Ferdinand riu, balançando a cabeça.

— Ah, Paulie... sempre tentando se provar. O pequeno advogado tentando ser um grande homem.

Renzo respirou fundo, pousando os talheres. Limpou os cantos da boca com o guardanapo, dobrando-o lentamente sobre o prato.

Paulie ainda olhava para baixo, tenso. Ferdinand, por outro lado, parecia relaxado, quase entediado, como se estivesse acima daquela conversa.

O Don se levantou. Fez isso devagar, ajustando o robe, ajustando os punhos da camisa. Caminhou ao redor da mesa sem pressa, cada passo ressoando no chão de mármore, até parar atrás de Ferdinand.

O filho mais velho continuava com seu meio sorriso presunçoso.

— Você acha que sabe muito, não é? — Renzo disse, a voz baixa, firme.

Ferdinand deu um pequeno sorriso e inclinou a cabeça de lado.

— Eu sei o suficiente.

O estalo do tapa preencheu o salão como um trovão.

Ferdinand tombou para o lado, quase caindo da cadeira, a mão instintivamente indo ao rosto avermelhado. Seus olhos, antes cheios de arrogância, agora estavam arregalados em choque.

Paulie, do outro lado da mesa, deu um salto tão brusco que derrubou a xícara de café. O líquido escuro se espalhou pela mesa, mas ele nem percebeu. Seus olhos estavam arregalados como se tivesse acabado de ver um fantasma.

Renzo inclinou-se sobre Ferdinand, apoiando as mãos na mesa, a voz baixa e cortante.

— Você tem um veneno dentro de você, filho. Um veneno que vai te destruir.

Ferdinand continuava com a mão no rosto, sem palavras.

Renzo continuou, a voz cheia de uma paciência perigosa.

— Eu vi homens como você a vida inteira. Homens que pensam que o mundo lhes deve algo. Homens que olham para os outros e só enxergam o que não têm, ao invés de valorizar o que têm. E sabe o que acontece com esses homens?

Ele se inclinou mais, os olhos cravados nos do filho.

— Eles morrem sozinhos.

Ferdinand engoliu seco.

Renzo se endireitou, ajeitou o robe mais uma vez e se virou para Paulie.

O caçula ainda estava completamente travado, segurando a colher no ar, o olhar fixo no irmão como se esperasse que ele simplesmente desaparecesse por medo. Sua respiração era curta, entrecortada, e seu rosto estava tão branco que parecia que ia desmaiar a qualquer momento.

Renzo olhou para ele por um segundo e soltou um pequeno suspiro.

— Pelo amor de Deus, Paulie, respira.

Paulie soltou um soluço involuntário, puxando o ar com força.

O Don então virou-se e saiu da sala, sem olhar para trás.

Paulie permaneceu imóvel, enquanto Ferdinand ainda segurava o rosto, o olhar vazio.

Só depois de longos segundos, Paulie piscou e murmurou, ainda tremendo:

— Santo Cristo...

O ar da manhã estava pesado, carregado de um frio seco que cortava a pele. O céu, cinza e baixo, parecia pressionar a cidade. Do lado de fora da casa Pegorino, cinco homens aguardavam em silêncio.

Joe foi o primeiro a se aproximar quando Renzo surgiu na porta. Seu rosto demonstrava uma preocupação contida.

— Tem certeza, Renzo, que você quer ir lá?

Renzo não respondeu. Apenas balançou a cabeça, um movimento lento, firme, sem hesitação.

Ninguém mais falou nada. Carlo, Antonio, Giorgio e Raffaele apenas baixaram a cabeça em respeito enquanto seguiam atrás do Don.

O Cadillac preto os aguardava na entrada da propriedade. O veículo brilhava sob a luz pálida da manhã, seus cromados refletindo o mundo ao redor com uma frieza impassível.

Renzo entrou primeiro, seguido de perto por Joe, que deslizou para o banco ao seu lado. Os outros tomaram seus lugares no carro de trás.

O motor ronronou suavemente antes de ganhar força, e então o carro se moveu.

O caminho até o necrotério foi percorrido em silêncio. O Cadillac cortava as ruas de Nova York como uma sombra, ignorado pelos pedestres, respeitado pelos outros motoristas. Renzo olhava pela janela, sem realmente ver nada. Seu reflexo se misturava à paisagem da cidade, mas seus pensamentos estavam longe dali.

Ao seu lado, Joe mantinha as mãos unidas, o olhar fixo à frente. De vez em quando, lançava um olhar discreto para Renzo, como se tentasse medir sua expressão.

Mas o rosto do Don era uma máscara.

O carro seguiu seu caminho, levando-os para o último lugar onde um pai deveria ter que ir.

O silêncio era quase absoluto quando os seis homens entraram no necrotério. Apenas o eco dos sapatos sobre o piso frio e o zumbido distante de um ventilador quebravam a quietude do ambiente. O cheiro de formol misturado com um leve resquício de carne queimada impregnava o ar. O

necrotério não era um lugar estranho para aqueles homens, mas, dessa vez, a atmosfera era diferente. Dessa vez, o corpo na mesa de aço era de Anthony Pegorino.

Renzo Pegorino caminhava na frente, os olhos fundos e a expressão carregada de um peso quase insuportável. Os outros homens – Joe, Giorgio, Raffaele, Antônio e Carlo – seguiam logo atrás, cabisbaixos. Nenhum deles ousava dizer uma palavra. Não ali. Não agora.

O legista, um homem de jaleco branco já amarelado pelo tempo, puxou a gaveta metálica e descobriu o corpo. O que restava de Anthony estava deitado ali, envolto em um lençol branco, mas o rosto... o rosto não existia mais. As balas e o fogo tinham feito o serviço. A carne estava negra, retraída, as feições deformadas. O peito, marcado por perfurações, mostrava buracos que haviam secado e endurecido, deixando bordas de carne carbonizada ao redor. Os braços tinham manchas arroxeadas, e as mãos pareciam crispadas, como se ele tivesse tentado se proteger do inferno que veio sobre ele.

Renzo ficou parado por um longo tempo, olhando. As rugas de seu rosto, tão características de um homem que já vira e fizera muito, pareciam agora sulcos profundos esculpidos pela dor. Seu queixo tremia, os lábios apertados numa linha tensa.

– Esse... – Sua voz falhou. Ele pigarreou, limpou a garganta, mas o som que saiu depois foi apenas um sussurro rouco. – Esse era o meu menino...

Joe desviou o olhar, piscando rapidamente para afastar qualquer traço de emoção. Giorgio, com as mãos nos bolsos do sobretudo, apenas meneou a cabeça, apertando a mandíbula. Carlo fechou os punhos e respirou fundo, mas ninguém conseguia quebrar aquele momento.

– Eles... – Renzo tentou falar de novo, mas engoliu seco, os olhos vermelhos marejados. Ele se inclinou sobre o corpo,

tremendo. — Eles queimaram meu menino... Atiraram nele como um cachorro... e depois jogaram fogo... FOGO, PORRA!

A voz dele ecoou pelo necrotério, carregada de um desespero que nenhum deles jamais ouvira sair de sua boca. Suas mãos calejadas se fecharam sobre os ombros sem vida de Anthony, e ele apertou, como se quisesse trazê-lo de volta, como se quisesse segurar os pedaços que restavam.

— Olha o que fizeram com você, filho... Olha o que te fizeram... Você não merecia isso... Você era meu garoto... — A respiração de Renzo era irregular, entrecortada por soluços silenciosos que vinham do fundo de sua alma.

Então, ele fez o que nenhum deles jamais imaginaria ver. O Don da família Pegorino, o homem temido em toda a Costa Leste, um titã do crime, curvou-se sobre o cadáver irreconhecível de seu filho e chorou. Chorou como um velho quebrado, com as mãos nos cabelos brancos, com o peito subindo e descendo num lamento silencioso.

— Você tinha tanto ainda para viver... tanto...

Ele deslizou os dedos sobre o que restava do rosto do filho, como se tentasse encontrar traços da criança que segurara nos braços há tantos anos. Mas não havia nada ali. Apenas cinzas e morte.

— Olhem o que fizeram com meu filho — disse, sem tirar os olhos do corpo. Sua voz estava carregada de dor. — Olhem o que fizeram com meu garoto...

Joe tentou falar, mas não encontrou palavras.

— Eu o criei para ser forte... para ser justo... — Renzo continuou, os olhos marejados. — E agora ele está aqui... jogado nessa mesa fria... como um animal...

O silêncio pesou na sala.

— O que um pai deve fazer quando seu filho é tirado dele assim? — Ele olhou para Joe, depois para os outros. — Dizer que a vida continua? Dizer que devemos aceitar?

Ele riu, mas não havia humor. Apenas dor.

— Não... não, meus amigos... Isso eu não posso fazer. Isso eu não farei.

Ele ficou ali por mais alguns segundos, respirando fundo, tentando manter o controle.

Então, ele se endireitou. Passou a mão pelo rosto, enxugando as poucas lágrimas que deixara escapar.

— Arrumem ele — disse, firme. — Ele será enterrado como um Pegorino.

O legista assentiu e começou a fechar a gaveta.

Renzo virou-se e saiu, sem dizer mais nada.

Joe e os outros o seguiram em silêncio.

O Don não chorou mais. Mas, por dentro, algo nele havia morrido junto com Anthony.

XI

Um Pai

Haviam se passado alguns dias desde a visita ao necrotério, estava próximo o dia do enterro de Anthony e sua família, e isso corroía Renzo de um modo inexplicável.

A luz do início da manhã atravessava as cortinas pesadas do escritório de Renzo Pegorino, lançando sombras alongadas sobre a madeira escura da mesa. O cheiro de tabaco e couro impregnava o ambiente, misturando-se ao aroma de café recém-feito. Era um novo dia, mas o peso da tragédia ainda pairava sobre a casa Pegorino como um espectro invisível.

Renzo estava sentado atrás da imponente mesa, as mãos entrelaçadas, o olhar perdido em um ponto qualquer da madeira polida. O rosto estava marcado pelo luto, mas sua postura era firme, inabalável. Ele não chorava. Ele não demonstrava raiva. Apenas pensava.

Do outro lado da mesa, Joe Bonnet, seu velho amigo e consigliere, bebia seu café lentamente. Ele conhecia Renzo há décadas, e sabia que naquele momento o Don estava trabalhando, mesmo que não dissesse uma palavra.

Por fim, Renzo quebrou o silêncio. Sua voz era baixa, quase um sussurro, mas carregava um peso imenso.

— Quem sabia que Anthony estava naquela casa?

Joe pousou a xícara com cuidado.

— Pouca gente. A família, claro. Alguns dos rapazes mais próximos... mas ninguém de fora.

Renzo assentiu lentamente, como se confirmasse algo que já suspeitava.

— Quem poderia ter dado a ordem?

Joe suspirou e passou a mão pelos cabelos grisalhos.

— Isso é o que eu ainda não sei, Renzo. Chegamos lá tarde demais. A casa já estava em chamas. O que sobrou... não dizia nada.

O Don não desviou o olhar.

— Você não sabe. Mas tem um palpite.

Joe hesitou por um instante, depois inclinou-se para frente.

— Bravta? Talvez. Eles têm razões para nos odiarem. Mas isso... isso foi uma declaração de guerra. E não sei se eles são burros o bastante para fazer algo tão barulhento.

Renzo massageou as têmporas, pensativo.

— Qual era o estado das alianças antes do ataque?

— Instável. — Joe respondeu sem rodeios. Tem gente insatisfeita, como sempre. Mas nada que justificasse algo assim. Não havia guerra aberta, pelo menos até ontem.

Renzo inspirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Então, temos um problema, Joe. Porque se ninguém esperava um ataque... então isso significa que há alguém fazendo jogadas que não enxergamos.

Joe assentiu.

— Alguém que quer ver a gente sangrar.

Renzo ficou em silêncio por um momento. Depois, pegou um charuto do estojo de prata sobre a mesa e o girou entre os dedos antes de acendê-lo.

— O que acontece quando um cachorro pequeno ataca um leão?

Joe arqueou uma sobrancelha.

– O leão o devora.

Renzo deu uma tragada lenta e soltou a fumaça no ar.

– Isso mesmo. Mas antes de atacar... o leão observa.

Joe entendeu imediatamente.

– Você quer esperar?

– Eu quero olhar. Quero entender quem se beneficiaria disso. Quero saber quem se sente confiante o suficiente para nos desafiar dessa maneira.

O consigliere cruzou os braços.

– E quando descobriremos?

Renzo exalou mais uma nuvem de fumaça, os olhos escuros e pesados como chumbo.

– Então, vamos ensinar uma lição que ninguém nunca mais esquecerá.

Renzo permaneceu em silêncio por alguns instantes, tragando o charuto enquanto seus olhos fixavam um ponto distante no escritório. A fumaça subia lentamente, dissipando-se no ar como os pensamentos que começavam a se formar em sua mente.

– Quero uma lista.

Joe inclinou-se levemente, atento.

– Uma lista de quem, Renzo?

O Don apertou os olhos, escolhendo as palavras com precisão.

– Das famílias que teriam um motivo para nos atacar.

Joe Bonnet assentiu e puxou um pequeno bloco de notas do bolso interno do paletó. Ele não precisava pensar muito; anos no jogo já o haviam ensinado a manter uma lista mental de possíveis inimigos. Pegou uma caneta e começou a escrever enquanto falava.

– Os Mancuso. Sempre foram discretos, mas perderam muito território para nós na última década. O Don deles, Angelo, nunca engoliu isso.

Renzo manteve-se impassível.

— Angelo Mancuso não é burro. Se ele fosse atacar, não faria de maneira tão espalhafatosa.

Joe continuou anotando.

— Os Bellantoni. Os negócios deles minguaram desde que tomamos a parte do Brooklyn. Sempre se acharam mais sofisticados do que nós, mas nunca aceitaram essa humilhação.

Renzo soltou um riso seco.

— Dom Bellantoni é um jogador de xadrez, não um homem de guerra. Ele tentaria nos cercar, nos sufocar, não nos metralhar como um bando de animais.

Joe riscou o nome e seguiu.

— Os Tramonti. Pequenos, mas traiçoeiros. Ainda culpam Anthony pelo que aconteceu com o filho do Dom Carlo.

Renzo considerou por um momento.

— Talvez. Continue.

Joe então anotou o próximo nome, hesitando por um segundo antes de dizê-lo em voz alta.

— A Bratva.

O silêncio no escritório ficou mais pesado. Renzo pousou o charuto no cinzeiro e se recostou na cadeira, observando Joe com um olhar penetrante.

— Eles são a escolha óbvia.

Joe deu de ombros.

— Não significa que foram eles. Mas você viu como Kovalski tratou Anthony. Aquilo foi ódio, puro e simples.

Renzo passou uma mão pelo rosto.

— O problema com os russos é que eles não jogam como nós. Eles não seguem os mesmos códigos. São imprevisíveis.

Joe bateu com a ponta da caneta no bloco de notas.

— E são impulsivos. Isso aqui não foi um acerto. Foi uma mensagem. Uma mensagem sangrenta.

Renzo olhou para o teto, respirando fundo.

— Continue. Quem mais?

Joe virou a página e escreveu outro nome.

— Os Scarpelli. Eles ainda têm rancor por termos nos aliado aos Marchesi em vez deles.

Renzo abanou a mão.

— Os Scarpelli não têm coragem para algo assim. Se quisessem nos atacar, fariam na surdina, não desse jeito.

Joe fez um novo risco na lista e então escreveu o último nome.

— Os Tizzone. Gente violenta, de merda. Sempre foram imprevisíveis.

Renzo pegou seu charuto novamente, observando a lista enquanto tragava lentamente.

— Se foram eles, se for qualquer um desses nomes, quero ter certeza. Quero fatos. Quero saber quem lucrou com isso.

Joe fechou o bloco de notas e o guardou no paletó.

— Vou começar a levantar informações. Devagar, sem chamar atenção.

Renzo assentiu, os olhos sombrios e frios.

— Porque quando soubermos quem foi... nós vamos fazer com que cada um deles pague. Mas não de maneira óbvia. Não de maneira que possam apontar o dedo para nós. Será uma vingança sutil, silenciosa... e definitiva.

O escritório de Renzo Pegorino estava em silêncio, iluminado apenas pelo abajur sobre a mesa. A fumaça do charuto subia lentamente. Joe Bonnet estava sentado à sua frente, segurando um bloco de notas.

Renzo olhava para a lista de nomes que Joe havia escrito. Pegou a folha, leu cada nome com atenção e a colocou de volta na mesa. Respirou fundo.

— Isso não pode ficar impune, Joe. Mas se eu agir sem pensar, vou colocar essa família em risco.

Joe ficou quieto.

— Passei anos tentando evitar que mais sangue da minha família fosse derramado. E agora meu filho está morto. Minha nora está morta. Meu neto... — Ele parou por um instante. — Anthony só queria uma vida simples. Ele não merecia isso.

Joe respondeu com calma:

— Eu sei, Renzo.

O Don ficou olhando para a fumaça no ar por alguns segundos. Depois, levantou-se, caminhou até a janela e puxou a cortina. O jardim da mansão estava escuro.

— Fiz muitos inimigos ao longo dos anos. Muita gente queria o fim dos Pegorino. Mas esse ataque não foi apenas um acerto de contas. Foi um aviso.

Joe concordou.

— Sim. Mas quem fez isso cometeu um erro.

Renzo soltou o ar devagar.

— Cometeram. Mas se eu reagir de forma impulsiva, eu cometerei outro.

Ele voltou para sua cadeira e cruzou os dedos sobre a mesa.

— A partir de agora, quero reuniões com todas as famílias. Quero apertos de mão, quero conversas. Quero que achem que estou abatido, que não represento uma ameaça.

Joe franziu a testa.

— Você quer que pensem que está fraco.

Renzo assentiu.

— Eles acham que nos pegaram desprevenidos. Mas esse é o momento de observar. No jogo do poder, quem se apressa morre primeiro.

Joe respirou fundo.

— E quando descobrirmos quem foi?

Renzo pegou seu charuto, tragou lentamente e soltou a fumaça.

— Quando soubermos, vamos agir. Mas de um jeito que ninguém espere. Quando perceberem, já será tarde.

Joe ficou quieto. Renzo Pegorino nunca falava sem pensar. Ele sempre tinha um plano.

O Don apagou o charuto no cinzeiro e olhou diretamente para Joe.

— Organize as reuniões. Quero ver Kovalski, Mancuso e os outros. Quero olhar nos olhos deles. Quero ouvir o que dizem. E avise aos nossos homens. Qualquer movimento suspeito deve ser anotado. Quando a hora chegar, resolveremos isso do nosso jeito.

Joe levantou-se, ajeitou o paletó e assentiu.

— Vai ser feito.

Renzo ficou mais um tempo sentado ali, sozinho no escritório. Fechou os olhos por um momento. Ele sabia que, a partir daquele instante, tudo mudaria.

O escritório permaneceu mergulhado em silêncio, exceto pelo suave crepitar da brasa no charuto de Renzo Pegorino. A fumaça subia em espirais lentas, dissolvendo-se na penumbra do cômodo. Do lado de fora da porta, porém, havia um murmúrio abafado — duas vozes femininas sussurrando com hesitação.

Eram suas empregadas, ambas mulheres negras, uniformes impecáveis em tons pastel, aventais brancos e cabelos bem alinhados, como exigia a etiqueta dos lares mais abastados da época. Uma delas, a mais jovem, segurava algo nas mãos com um nervosismo visível. A outra, um pouco mais velha, olhava para a porta como se ela fosse um abismo.

— Você bate. — a mais velha sussurrou.

— Eu? De jeito nenhum! Ele parece estar ocupado...

— Sempre parece. Mas já viu o que encontramos? Ele precisa saber.

O silêncio reinou entre elas até que, respirando fundo, a mais jovem criou coragem e bateu suavemente na porta.

Renzo não precisou dizer nada. Apenas ergueu o olhar da escrivanhinha, esperando. A porta se abriu devagar, revelando as duas mulheres. Ambas mantinham uma postura respeitosa, quase encolhida, como se temessem interrompê-lo.

— Com licença, senhor Pegorino... — a mais velha começou.

— Nós encontramos algo e... achamos que o senhor deveria ver.

A mais nova estendeu a mão trêmula, revelando um pequeno broche metálico.

Renzo franziu a testa ao reconhecê-lo. Um círculo prateado, marcado pelo símbolo da Bratva. Um sinal de identificação, utilizado por membros novatos da organização russa para transitarem em território aliado sem serem confundidos com inimigos.

Ele pegou o broche com delicadeza, girando-o entre os dedos.

— Onde encontraram isso?

A mais nova engoliu em seco.

— Na entrada do jardim, senhor. Estava na grama... Como se alguém tivesse deixado cair.

As duas estavam claramente desconfortáveis, os olhos baixos, as mãos se apertando nervosamente.

Renzo percebeu. Respirou fundo e recostou-se na cadeira, assumindo um tom mais calmo.

— Fizeram bem em me trazer isso.

As mulheres se entreolharam, surpresas com a cordialidade dele. Ainda assim, seus corpos permaneciam tensos, como se a qualquer momento pudessem ser repreendidas.

Renzo deslizou o broche para dentro do bolso e as encarou com gentileza.

— Se virem qualquer outra coisa estranha, me avisem. Não hesitem. Está bem?

Elas assentiram rapidamente.

– Sim, senhor Pegorino.

– Podem voltar ao trabalho. Obrigado.

Elas saíram apressadas, fechando a porta com cuidado. Ainda que Renzo tivesse sido cortês, não conseguiam evitar a inquietação. O poder que ele emanava era silencioso, pesado. Mesmo sem querer, a presença dele fazia qualquer um medir suas palavras.

Renzo, por sua vez, girou o broche mais uma vez nos dedos. Seu olhar se endureceu.

A Bratva estava em seu território, em sua família, mas quem? Renzo Pegorino guardou o broche no bolso do paletó e se levantou da cadeira com calma. O peso da descoberta pressionava sua mente, mas seu rosto permanecia impassível. Ele precisava de Joe.

Saiu do escritório e percorreu o corredor silencioso da mansão. O carpete abafava seus passos, e o brilho discreto dos lustres dourados refletia em suas abotoaduras. A casa estava mergulhada na tranquilidade artificial da madrugada, mas Renzo sabia que aquilo não duraria. Algo estava errado.

Chegou ao salão principal e olhou ao redor. Nenhum sinal de Joe. Um dos seguranças postados na entrada fez menção de se aproximar, mas Renzo apenas ergueu uma mão, dispensando qualquer formalidade. Ele precisava de um momento para pensar.

Subiu as escadas lentamente, o corrimão frio sob seus dedos. Quando alcançou o andar superior, caminhou até seu quarto e abriu a porta, indo direto para a sacada. A brisa noturna trouxe o cheiro distante do mar misturado ao aroma das rosas no jardim.

Foi então que ouviu as vozes.

– Idiota! Como você pôde perder isso?! – sibilou um dos homens, com um nervosismo mal contido.

— Eu não perdi! Você é quem devia estar cuidando! Se não estivesse tão ocupado enfiando esse maldito charuto na boca o tempo todo...

— Não fode comigo, Silvio! Se Renzo descobrir, estamos mortos!

Gaetano e Silvio. Dois de seus homens mais experientes. Renzo estreitou os olhos e permaneceu imóvel, apenas ouvindo.

— Temos que achar! Agora! Se aquilo cair nas mãos erradas...

— Eu sei o que acontece! Você acha que sou burro?!

— Se fosse esperto, não estaríamos nessa merda!

O som de algo sendo chutado ecoou no pátio abaixo. A frustração deles era nítido.

Renzo apoiou-se no parapeito e inspirou fundo. O que quer que tivessem perdido, era grande. O suficiente para que dois homens calejados estivessem tremendo de medo.

Ele apertou o broche da Bratva no bolso.

Talvez aquilo fosse mais do que apenas uma coincidência.

XII

Só Quero Paz

O restaurante escolhido para o encontro ficava em um prédio discreto no Brooklyn. Renzo Pegorino chegou ao local sem alarde, acompanhado apenas por Joe Bonnet. A sala privativa era ampla, iluminada por um grande lustre de vidro. A mesa longa estava posta com vinho, pão e pratos refinados, mas ninguém parecia interessado na comida.

Os outros chefes já estavam lá.

Angelo Mancuso, de terno escuro, olhava para Renzo com um meio sorriso, as mãos cruzadas sobre a mesa. Genco Bellantoni, mais robusto, observava em silêncio, como se analisasse cada detalhe da situação. Mikhail Kramnov, da Bratva, inclinava-se na cadeira, tamborilando os dedos sobre a mesa com impaciência. Domenico Scarpelli mexia no anel do mindinho, inquieto. Bartolo Tizzone, sempre formal, ajeitava a lapela do paletó, fingindo desinteresse.

Renzo sentou-se à cabeceira, exalando cansaço.

Ele não falou imediatamente. Seus olhos percorreram a mesa, demorando-se em cada rosto. Ele os conhecia há décadas. Alguns eram velhos amigos, outros inimigos cautelosos, mas todos sabiam que a dor de um pai enterrando um filho era algo que nenhum homem deveria carregar.

Respirou fundo antes de falar, a voz embargada pela tristeza.

— Quero agradecer a todos por terem vindo. Eu sei que os tempos são difíceis... e sei que um homem na minha posição não pode se dar ao luxo de mostrar fraqueza. Mas hoje... hoje eu sou só um pai de luto. Um homem que perdeu o seu menino. Meu garoto.

Ele abaixou a cabeça, passando a mão pelo rosto.

— O Anthony... era um bom filho. Um bom rapaz. Sempre foi um menino esperto. Quando ele nasceu, eu olhei para aquele pequeno corpo frágil, e fiz um juramento para mim mesmo: que eu protegeria aquele garoto de todo o mal desse mundo. Que eu nunca deixaria nada acontecer com ele.

Fez uma pausa longa, segurando as lágrimas que ameaçavam cair.

— E agora ele se foi. E eu não pude fazer nada.

O silêncio na sala era absoluto. Ninguém ousava interrompê-lo.

Renzo fechou os olhos por um instante, respirou fundo e continuou.

— O que eu posso fazer agora? O que eu posso fazer além de seguir em frente?

Ele olhou ao redor da mesa, deixando seu olhar pousar em cada um deles.

— Me chamaram de muitas coisas nessa cidade. Forte, teimoso, perigoso. Mas no fim das contas, sou só um homem que quer manter sua família segura.

Bartolo Tizzone balançou a cabeça, solidário.

— Foi uma tragédia, Renzo. Uma tragédia terrível. Mas você sabe como as coisas são... As ruas têm suas próprias regras.

Renzo assentiu devagar.

— Eu sei. E é por isso que estou aqui. Porque não quero que isso leve a mais sangue derramado. Não quero que se torne uma guerra.

Ele serviu-se de vinho, tomou um pequeno gole e pousou a taça na mesa.

— Eu só quero saber... o que aconteceu.

Silêncio.

Mancuso foi o primeiro a falar.

— Ninguém aqui teve nada a ver com isso, Renzo. Eu garanto. Uma coisa dessas... Se tivéssemos ouvido algo, você saberia. Bellantoni pigarreou.

— É verdade. E você sabe que, se fosse um de nós, você teria recebido um aviso. Teria tido uma chance de reagir.

Renzo acenou com a cabeça.

— É o que eu pensei.

Kramnov riu baixo e sacudiu a cabeça.

— Vocês italianos sempre com essa diplomacia... Se fosse na Rússia, já teria começado a matança.

Renzo olhou para ele, sem demonstrar emoção.

— Mas não estamos na Rússia. Estamos em Nova York. E aqui, um homem inteligente não se precipita.

Kramnov apenas sorriu.

Renzo apoiou as mãos sobre a mesa.

— O que eu quero, o que todos nós queremos, é paz. O que aconteceu foi uma coisa horrível, mas não quero que esse ataque seja o começo de algo maior. Não quero que manche o que construímos.

Scarpelli fez que sim com a cabeça.

— Se precisar de algo, Renzo, se precisar de ajuda, você sabe que pode contar conosco.

Renzo sorriu fraco.

— Agradeço, Domenico. Agradeço a todos.

Ele levantou-se, e os outros o acompanharam. Apertou mãos, recebeu abraços e palavras de conforto. Olhou nos olhos de cada um.

Eles saíram do restaurante certos de que Renzo Pegorino estava acabado.

Era exatamente isso que ele queria.

Renzo Pegorino saiu do restaurante sem pressa, a expressão carregada pelo peso da reunião. Joe Bonnet caminhava ao seu lado, mãos nos bolsos, os olhos atentos à noite fria de Nova York. O carro preto já esperava na calçada, o motorista pronto para levá-los.

Antes que pudesse entrar, um homem se aproximou da porta traseira. Giorgio. Alto, de terno bem cortado, cabelo penteado para trás, olhar firme.

— Don Pegorino.

Renzo olhou para ele com um leve aceno de cabeça.

— Ele está te esperando.

Renzo entrou no carro. Giorgio sentou-se ao lado de Joe no banco da frente, e o motorista arrancou sem perguntas.

O trajeto foi silencioso. Joe olhava pela janela, os dedos tamborilando no joelho, enquanto Renzo mantinha o olhar fixo à frente. Ele já sabia o que estava prestes a descobrir. Só precisava da confirmação.

Após alguns minutos, o carro parou diante de um prédio discreto no centro financeiro da cidade. Subiram sem chamar atenção. Howard Bellizzi já os esperava dentro de uma pequena sala iluminada por uma única lâmpada de mesa. O bancário parecia tenso, os óculos escorregando pelo nariz suado.

— Don Pegorino... — sua voz era quase um sussurro.

Renzo caminhou devagar até a mesa, puxando uma cadeira com calma. Sentou-se e acendeu um charuto, sem olhar diretamente para o homem à sua frente.

— Howard. Eu sempre gostei de você. Um homem de negócios. Um homem que entende o valor da confiança.

Howard assentiu rapidamente.

— Sim, Don Pegorino. E é por isso que eu... que eu trouxe o que pediu.

Tirou do bolso um pequeno envelope pardo, as mãos trêmulas. Colocou sobre a mesa e deslizou na direção de Renzo.

O Don pegou o envelope com calma. Desdobrou o papel dentro e passou os olhos pelas colunas de números, as transações listadas com precisão.

Mancuso. Bellantoni. Scarpelli. Tizzone. Movimentações altas, dinheiro fluindo para um destino bem específico.

A Bratva.

Renzo dobrou o papel e guardou no bolso interno do paletó. Depois de um longo silêncio, ergueu o olhar para Howard.

— Você fez bem, meu amigo. Você é um homem esperto.

O bancário soltou um suspiro aliviado.

— Obrigado, Don Pegorino. Eu só... eu só quero manter minha vida, minha família.

Renzo então sorriu, um sorriso cansado, mas genuíno.

— Você sabe, Howard... um homem que cumpre sua palavra é um homem que merece respeito.

Ele se recostou na cadeira, girando levemente o envelope entre os dedos.

— O mundo está cheio de homens que falam, prometem, juram. Mas na hora de fazer, hesitam. Esquecem. Arrumam desculpas. Dizem que as circunstâncias mudaram, que não podem mais ajudar. Que lamentam, mas têm as próprias famílias para proteger.

Renzo fez uma pausa e bateu levemente o envelope na mesa.

— Mas você... você não é um desses homens. Você se lembrou. Você cumpriu. Você provou que sua palavra vale alguma coisa. E isso, Howard... isso faz de você um homem certo. Um homem de respeito.

Howard abriu a boca, como se fosse falar, mas apenas assentiu rapidamente.

Renzo continuou:

— Um homem pode perder dinheiro. Pode perder poder. Pode até perder a liberdade. Mas se ele ainda tem sua palavra, ele não perdeu tudo. Porque um homem de palavra sempre terá um lugar neste mundo. Sempre haverá alguém que olhe para ele e diga: "Esse é um homem em quem eu posso confiar." Renzo inclinou-se um pouco para frente, pousando uma mão pesada sobre o ombro do bancário.

— Você fez o que disse que faria. Você veio até mim e honrou seu compromisso. E isso, Howard... isso não se esquece.

Howard engoliu em seco, sua expressão ainda tensa, mas havia um brilho diferente em seus olhos. Um orgulho discreto.

Renzo então abriu o envelope e passou os olhos pelo papel, absorvendo os números, as transações, os nomes. A confirmação do que ele já sabia.

Dobrou o papel novamente e guardou no paletó.

— Agora, Howard, vá para casa. Fique com sua família. Esta cidade precisa de mais homens como você.

O bancário soltou um suspiro, o corpo relaxando pela primeira vez naquela noite.

— Obrigado, Don Pegorino.

Renzo se levantou, ajeitou o paletó e acendeu seu charuto. Antes de sair, olhou mais uma vez para Howard e disse, com um sorriso discreto:

— Lembre-se... um homem que cumpre sua palavra nunca está sozinho.

Ele se levantou, ajeitando o paletó. Joe e Giorgio já estavam de pé, prontos para sair.

Antes de cruzar a porta, Renzo se virou para Howard e disse, num tom baixo e definitivo:

— Nunca mais fale disso com ninguém.

Howard apenas assentiu, as mãos ainda sobre a mesa, os nós dos dedos brancos.

No carro, a caminho de casa, Joe finalmente quebrou o silêncio:

— Era o que esperávamos?

Renzo olhou para a cidade passando pela janela, a expressão indecifrável.

— Era exatamente o que esperávamos.

Joe ficou quieto por um momento.

— E agora?

Renzo fechou os olhos por um instante.

— Agora, esperamos.

Ele já sabia que os quatro estavam envolvidos. Já sabia que eles haviam financiado a Bratva. Já sabia que a morte de Anthony não fora um acidente, mas um investimento bem calculado.

Agora, eles achavam que ele estava fraco. Que ele engoliria a tragédia e aceitaria o destino.

Mas Renzo Pegorino nunca aceitava o destino. Ele o moldava. E quando chegasse o momento certo, eles nem perceberiam que estavam sendo destruídos. E com essas verdade partiu em direção sua mansão.

XIII

Problemas sem Fim

Renzo entrou em casa e pendurou o paletó no cabideiro ao lado da porta. A casa estava silenciosa, mas o peso da tragédia ainda pairava no ar. O cheiro de café amargo vinha da cozinha, misturando-se ao perfume floral discreto que Emilia sempre usava.

Ela estava sentada à mesa, os olhos vermelhos e fundos. Desde a morte de Anthony, raramente saía do quarto, mas hoje, de alguma forma, encontrara forças para descer. Não olhou para Renzo quando ele se aproximou. Apenas mexia distraidamente o chá com uma colher, os dedos finos tremendo levemente.

— Comeu alguma coisa? — perguntou ele, puxando uma cadeira.

Emilia balançou a cabeça lentamente.

— Não tenho fome.

Renzo assentiu. Pegou a mão dela sobre a mesa, apertando-a com cuidado. A pele estava fria.

— Você precisa se cuidar.

Ela soltou um riso fraco, sem humor.

— Meu filho morreu, Renzo. Nosso menino. Como se cuida disso?

Renzo ficou em silêncio. Não havia resposta para essa pergunta.

Antes que pudesse dizer algo, passos rápidos ecoaram no corredor, e Paulie entrou na cozinha como uma tempestade. Jogou uma pasta de documentos sobre a mesa, a respiração pesada.

— Acabei de falar com nossos contatos na promotoria. — Ele olhou para Renzo com os olhos brilhando de raiva contida. — Ninguém sabe de nada. Ninguém viu nada. Ninguém ouviu nada. Que conveniente, não?

Renzo observou o filho por um momento, antes de tragar o charuto e soltá-lo devagar.

— Isso não me surpreende.

Paulie deu um passo para trás, apertando as mãos em punhos.

— É ridículo! Você sabe quem fez isso! Você sabe! E está aqui, sentado, esperando o quê?

Antes que Renzo respondesse, Ferdinand apareceu na porta, ajustando os botões da camisa cara. Ele lançou um olhar breve para a mãe, como se esperasse um cumprimento, mas ao não receber nenhum, apenas bufou e virou-se para os outros dois.

— Paulie, faz favor... menos cena, sim? Todos nós sabemos que papai já tem um plano. Ele sempre tem. E se não tem... bom, talvez seja hora de alguém que tenha.

Paulie se virou para ele num rompante.

— Você tá sugerindo o quê, exatamente?

Ferdinand ergueu as mãos, um sorriso irônico no rosto.

— Calma. Eu só digo que, se dependermos do sentimentalismo, ficaremos sentados lamentando enquanto outros homens jogam xadrez.

— Você fala como se isso não fosse sobre o nosso irmão! —

Paulie gritou, aproximando-se. — Como se fosse um maldito jogo!

— E não é? — Ferdinand cruzou os braços. — Não foi sempre?

Paulie avançou, mas Renzo ergueu a mão, interrompendo o embate antes que se tornasse físico. O silêncio voltou à cozinha.

— Sentem-se. Os dois.

Paulie hesitou por um segundo, mas obedeceu. Ferdinand demorou um pouco mais, mas puxou uma cadeira com descaso e se sentou também.

Renzo olhou para os filhos, depois para a esposa, que agora parecia menor do que nunca, perdida na própria dor.

— Eu sei exatamente o que estou fazendo. E vocês vão confiar em mim.

Paulie ainda respirava pesado, mas desviou o olhar. Ferdinand apenas sorriu de canto, mexendo distraidamente na borda da mesa.

Renzo ficou de pé e alisou as mangas da camisa.

— Paulie, amanhã você vem comigo. Você vai ver como se resolve isso. Ferdinand, faça o que quiser.

O mais velho riu baixinho.

— Como sempre.

Renzo ignorou e se virou para Emilia, beijando sua testa com delicadeza.

— Eu prometi que protegeria essa família. E é isso que vou fazer.

Ela não respondeu, apenas fechou os olhos.

Renzo se afastou, caminhando lentamente para fora da cozinha. A conversa com Howard havia lhe dado o que precisava. Agora, era só o começo.

Ferdinand esperou até que Renzo saísse da cozinha antes de soltar um suspiro exagerado e se levantar. Pegou a pasta que Paulie havia jogado sobre a mesa e a folheou com pouco interesse, como se estivesse analisando os papéis mais por tédio do que por qualquer preocupação genuína.

— Bom, se nosso pai já decidiu tudo, acho que estamos dispensados, não? — disse, fechando a pasta com um estalo e jogando-a de volta na mesa.

Paulie olhou para ele com desgosto.

— Você fala como se não fosse da sua conta.

Ferdinand arqueou as sobrancelhas, um pequeno sorriso puxando os cantos da boca.

— Me diga, Paulie, o que exatamente você acha que podemos fazer que o nosso querido pai já não tenha planejado? — Ele deu um passo para trás, abrindo os braços. — Porque, sinceramente, me parece que estamos todos aqui apenas figurando na grande tragédia de Don Pegorino.

Paulie se levantou bruscamente, a cadeira arrastando no chão.

— Você fala como se fosse só sobre ele! Como se o Anthony não fosse seu irmão!

— E você fala como se a indignação fosse mudar alguma coisa.

— Ferdinand ajeitou o colarinho da camisa, endireitando-se.

— Se quer se afundar nessa história de vingança, fique à vontade. Eu prefiro pensar no futuro.

— O futuro? — Paulie riu sem humor. — O futuro da nossa família foi assassinado!

Ferdinand inclinou a cabeça de leve.

— Interessante escolha de palavras.

Paulie franziu a testa.

— O que você quer dizer com isso?

Ferdinand abriu um sorriso vazio, mas antes que pudesse responder, Emilia se levantou devagar. Seus olhos passaram pelos dois filhos como se estivesse vendo sombras, não homens.

— Vocês acham que isso importa? — Sua voz era baixa, quase um sussurro, mas carregada de algo mais profundo. Ela olhou para Ferdinand primeiro, depois para Paulie. — Vocês

brigam, falam de planos, de futuro... como se qualquer coisa fosse trazer meu filho de volta.

O silêncio se espalhou pela cozinha. Paulie baixou o olhar, o maxilar travado. Ferdinand apenas ergueu as sobranceiras, sem emoção.

— Boa sorte com isso, Paulie. — Ele deu um tapinha no ombro do irmão e seguiu para fora da cozinha, assobiando baixinho. Emilia sentou-se novamente, as mãos tremendo ao segurar a xícara. Paulie continuou parado, os punhos cerrados, assistindo Ferdinand sair como se quisesse atravessá-lo ali mesmo.

Mas ele sabia que esse momento ainda ia chegar.

Renzo entrou no escritório sem bater. Joe estava lá, sentado em uma das poltronas, os cotovelos apoiados nos joelhos e os olhos fixos em um ponto indefinido da parede.

O Don fechou a porta atrás de si e fez uma pausa antes de falar.

— Que cara é essa, Joe? Perdeu dinheiro nas corridas de novo? Joe piscou e olhou para ele, forçando um sorriso cansado.

— Heh... Pois é. Não dá pra confiar nesses cavalos.

Renzo bufou, sentando-se atrás da mesa. Pegou um charuto, girou-o entre os dedos, mas não o acendeu. Joe manteve o olhar perdido por mais alguns segundos antes de finalmente falar.

— Tem algo errado, Renzo. Dentro da casa.

O Don não respondeu de imediato. Apenas reclinou-se na cadeira, os dedos tamborilando levemente sobre o tampo de madeira.

— Você acha que tem traidores.

— Acho. — Joe esfregou o rosto, soltando um suspiro pesado.

— E acho que não sou o único a pensar nisso.

Renzo inspirou fundo pelo nariz e soltou o ar devagar.

— Também acho.

Joe se ajeitou na cadeira, atento.

— Quem?

Renzo fechou os olhos por um instante, como se pesar suas próximas palavras. Quando abriu, sua voz saiu firme, mas carregada de frustração.

— Gaetano... e Silvio.

Joe não pareceu surpreso.

— Pensei o mesmo. Mas ainda é cedo pra cravar.

Renzo assentiu lentamente.

— Eu sei. Mas tenho um pressentimento ruim. Além disso, teve o acontecido com o broche, e eles procurando algo...

— Pois é está tudo caindo sobre nós, Renzo

Joe apertou os olhos, observando o Don por um instante antes de perguntar:

— E quanto à família?

Renzo abaixou o olhar.

— Meu filho... o meu garoto... o único que eu sabia que estava pronto. — Ele passou a mão pelo rosto. — Eu preparei o Anthony a vida toda, Joe. Eu dei a ele tudo que precisava. Ele entendia o que significa carregar esse nome. E agora... agora eu olho pros outros dois e...

Ele parou, cerrando os dentes.

Joe não disse nada. Apenas esperou.

Renzo inspirou fundo e continuou:

— Paulie... Paulie tem um coração bom, mas é impulsivo, desesperado. Ele acha que inteligência é tudo, mas não entende que inteligência sem paciência é o mesmo que nada.

Joe meneou a cabeça, concordando.

— É um bom garoto, mas precisa aprender a respirar antes de agir.

— E Ferdinand... — Renzo ficou em silêncio por um momento, como se pensando as palavras. — Eu não sei. Ele... ele me incomoda, Joe.

Joe se inclinou para frente.

— Como assim?

Renzo soltou um suspiro longo.

— Ele me olha como se estivesse esperando algo. Algo que eu nunca vou dar pra ele. Ele fala como se estivesse de fora... como se tudo isso fosse um jogo onde ele está apostando e não jogando. Ele é venenoso, tem o coração ruim.

Joe fechou a cara.

— Também notei isso. Ele não se importa, Renzo. Não com a família, pelo menos.

O Don apertou o punho sobre a mesa, os nós dos dedos ficando brancos.

— E essa é a minha maldita realidade agora. Meu filho está morto. Meu sucessor. Meu menino. E no lugar dele, tenho um que quer tudo pra ontem e outro que...

Ele não terminou a frase.

Joe se levantou e pegou uma garrafa de uísque na estante, servindo dois copos.

— Então o que vamos fazer?

Renzo pegou o copo, girando o líquido âmbar por um instante antes de responder.

— Primeiro, vamos ter certeza de quem está contra nós.

Ele ergueu o copo, encarando o reflexo do escritório dentro do uísque.

— Depois... nós vamos ensinar a eles o que acontece quando um Pegorino é traído.

XIV

Dedetização Part III

Na noite seguinte noite, a casa de Renzo Pegorino estava silenciosa. O vento soprava forte do lado de fora, fazendo as árvores no jardim balançarem suavemente. Dentro do escritório, a madeira escura e os móveis pesados abafavam qualquer ruído externo.

Renzo estava sentado atrás da imponente mesa de mogno. Os dedos longos e envelhecidos tocavam a superfície lisa e polida, como se absorvessem cada ranhura, cada marca do tempo. Diante dele, seus homens ocupavam as cadeiras ou permaneciam de pé, formando um semicírculo silencioso.

Giorgio Calabrese, Antonio Basilio, Carlo Santorelli, Marco Leone, Raffaele Bellucci e Santoro Ruggieri estavam ali. Homens que ele conhecia há anos. Homens que haviam jurado lealdade.

E então havia os outros dois. Gaetano Morelli e Silvio Ventura.

Renzo não olhou imediatamente para eles. Em vez disso, pigarreou baixinho e entrelaçou as mãos sobre a mesa.

— Há muito tempo — começou ele, com a voz arrastada, rouca pelo peso dos anos —, eu sentei exatamente onde estou sentado agora, e os homens diante de mim eram diferentes.

Alguns, velhos amigos. Outros, meros conhecidos. Mas todos tinham algo em comum.

Ele ergueu os olhos, pousando o olhar sobre cada um dos presentes, um por um.

— Eles acreditavam que sabiam mais do que eu.

O silêncio na sala tornou-se espesso, pesado.

— Eles achavam que podiam tomar decisões por conta própria. Que podiam fazer acordos, assinar seus próprios destinos, sem considerar o que isso significava para a família. Renzo fez uma pausa.

— E no fim... cada um deles pagou o preço por isso.

Gaetano ajustou a gola do paletó, como se a sala estivesse subitamente quente demais. Silvio entrelaçou os dedos e apertou-os, um gesto pequeno, insignificante para qualquer um que não estivesse atento. Mas Renzo estava.

Ele suspirou e apoiou os cotovelos sobre a mesa, inclinándose levemente à frente.

— Sabe... Quando um homem envelhece, ele aprende a distinguir certas coisas. Aprende a ver quando alguém o olha nos olhos e fala a verdade. Aprende a reconhecer quando um amigo de longa data já não é mais o mesmo.

Ele tamborilou os dedos sobre a madeira.

— Aprende, principalmente, a perceber quando alguém está apenas esperando o momento certo.

Os olhos de Renzo se fixaram em Gaetano e Silvio, mas apenas por um instante breve, o suficiente para que sentissem seu peso.

— Meu filho — disse ele, sua voz adquirindo um tom diferente. Um peso que nenhum dos presentes ousaria ignorar. — Anthony era meu menino.

O silêncio pareceu dobrar de peso.

— Meu menino — repetiu Renzo, mais baixo desta vez. Seus olhos se perderam em um ponto distante, como se a imagem

de Anthony ainda estivesse ali, jovem, forte, cheio de vida. — Trinta anos... Mas ainda assim, meu menino.

Ele inspirou profundamente, deixando o ar encher seus pulmões antes de soltar devagar.

— Eu vi esse garoto crescer. Eu o vi aprender. Eu o vi cometer erros. Mas nunca... nunca, em toda a sua vida, ele quebrou sua palavra comigo.

Renzo se recostou na cadeira.

— E é por isso que hoje eu falo com vocês, com os homens que sempre estiveram ao meu lado. Homens que, assim como eu, entendem que palavra é tudo.

Ele deslizou a mão pela mesa, lentamente, como se cada centímetro de madeira contasse uma história.

— Quando um homem dá sua palavra, ele está colocando sua honra em jogo. Está dizendo ao mundo: 'Eu sou digno de confiança. Eu sou um homem que pode ser chamado de amigo, de irmão'.

Renzo ergueu as sobrancelhas.

— Mas quando um homem quebra sua palavra... O que ele se torna?

Ninguém respondeu.

Ele observou os rostos à sua frente. Giorgio manteve-se firme, apenas acenando levemente. Antonio cruzou os braços, pensativo. Marco, Carlo, Raffaele e Santoro não desviaram o olhar.

Mas Gaetano piscou rápido demais. E Silvio umedeceu os lábios antes de responder:

— Sempre estivemos ao seu lado, Don Pegorino.

Rápido demais.

Renzo apenas assentiu.

— Eu sei.

O silêncio voltou, pesado como chumbo.

Ele inclinou a cabeça levemente para Giorgio e Antonio.

— Quero que cuidem de algumas coisas para mim.

Eles assentiram.

— Marco, Carlo... Preciso que fiquem atentos a certos movimentos.

— Entendido — murmurou Carlo.

Gaetano mexeu-se na cadeira, endireitando as costas, como se estivesse desconfortável.

Renzo observou-o por um momento, depois suspirou e se levantou lentamente.

— Há muito a se fazer. Mas não esta noite... estão liberados...

Os homens começaram a se levantar.

Silvio foi o primeiro a sair, sem olhar para trás. Gaetano o seguiu logo depois.

Renzo permaneceu onde estava. Suas mãos voltaram a tocar a mesa, sentindo a textura da madeira.

Agora, ele tinha certeza.

A porta se fechou atrás de Gaetano e Silvio, e o silêncio voltou a tomar conta do escritório. Apenas o estalar do fogo na lareira preenchia o ambiente.

Renzo permaneceu imóvel, os dedos ainda pousados na madeira da mesa, como se estivesse sentindo algo além do que qualquer outro homem na sala poderia perceber. Seu olhar vagou lentamente até Giorgio e Carlo, os únicos que não haviam se movido.

Joe Pegorino, sempre à sua direita, serviu-se de um pouco de uísque e tomou um gole curto antes de falar:

— Achei curioso.

— O quê? — Giorgio perguntou, encostando-se levemente na mesa.

Joe girou o copo na mão, olhando para o líquido âmbar.

— Silvio parecia ansioso para sair. Gaetano também. Quase não olharam para você, Renzo.

Renzo ergueu um dedo levemente, um gesto para que Joe parasse. Não precisava dizer mais nada.

Carlo Santorelli suspirou, apoiando os cotovelos na mesa.

— Eu não queria falar nada, Don, porque parecia coisa da minha cabeça. Mas agora...

Renzo inclinou ligeiramente a cabeça, indicando que ele continuasse.

— Na noite em que o Anthony morreu... quando Marco e eu estávamos pegando as flores pra esposa dele... A gente devia ter chegado antes.

Giorgio franziu o cenho.

— Como assim?

— O plano era simples. Comprar as flores e voltar rápido. Mas aí... — Carlo fez uma pausa, passando a mão no rosto, como se as palavras tivessem gosto ruim. — Silvio e Gaetano estavam com a gente. O carro deu problema.

Renzo não disse nada. Apenas esperou.

— Marco e eu fomos ver o que aconteceu, mas... eles não deixaram.

Joe apoiou o copo na mesa com um baque seco.

— Não deixaram?

— Disseram que a gente não sabia nada de mecânica, que só ia atrapalhar. Mandaram a gente esperar.

Renzo estreitou os olhos, mas seu rosto permaneceu inexpressivo.

— Quanto tempo ficaram parados?

— Não sei ao certo... Mas foi tempo demais. A gente discutiu, mas eles insistiram. Depois, do nada, o carro estava funcionando de novo. Como mágica.

O silêncio pesou no escritório.

— E aí puderam ir — Giorgio murmurou.

Carlo assentiu.

— Mas já era tarde demais.

Renzo recostou-se na cadeira, os dedos ainda percorrendo a madeira da mesa. Sua respiração era lenta, medida.

— Estranho — ele disse, simplesmente.

O silêncio voltou, e ninguém ousou quebrá-lo.

Giorgio passou a mão no queixo.

— Quer que eu veja isso, Don?

Renzo levantou os olhos para ele, segurando seu olhar por um longo momento. Então, com um gesto quase imperceptível, balançou a cabeça.

— Ainda não.

Ele se levantou, ajeitou os punhos do paletó e caminhou até a janela, observando a escuridão do lado de fora.

— Primeiro, olhamos para dentro — disse, quase num sussurro. — Depois, cuidamos do que está lá fora.

Os homens entenderam.

Ninguém precisou dizer mais nada.

XV

Cuba e Havana

O *Mirante* era um dos hotéis mais luxuosos de Nova York, um refúgio para homens poderosos que preferiam fazer seus negócios longe dos olhares curiosos. O lobby era uma obra-prima de mármore e madeira escura, com um perfume sutil de couro e charuto pairando no ar. No último andar, uma suíte privativa estava preparada para a reunião.

Renzo Pegorino estava sentado em uma poltrona de couro próxima à mesa de mogno. O abajur dourado emitia uma luz quente que jogava sombras suaves sobre seu rosto enrugado. Ele vestia um terno escuro impecável, a gravata levemente frouxa no colarinho. Sua mão esquerda girava lentamente o anel de rubi no dedo anular, enquanto a outra penteava os cabelos grisalhos para trás — um movimento repetitivo, quase hipnótico.

Joe estava ao seu lado, braços cruzados, postura rígida. Antonio Basílio, sempre calado e observador, mantinha-se perto da janela, observando as luzes da cidade.

Do outro lado da mesa, Fausto Giordano estava recostado na cadeira, tragando um cigarro cubano com calma. Ele era um homem magro e alto, de pele morena, cabelos penteados para

trás e olhos astutos. O terno branco que vestia contrastava com o ambiente escuro. Ele sorriu de canto ao exalar a fumaça.

— *Don Pegorino...* — Fausto começou, com um leve sotaque cubano misturado ao italiano. — Sempre um prazer tratar com um homem de respeito.

Renzo não respondeu de imediato. Apenas assentiu levemente, passando a mão pelos cabelos novamente antes de falar.

— Você é um homem inteligente, Fausto. E homens inteligentes sabem que negócios devem ser vantajosos para os dois lados.

Fausto sorriu, tragando mais uma vez o cigarro.

— Eu sou um homem de negócios, *Don Pegorino*. Assim como o senhor. Estou ouvindo.

Renzo girou o anel no dedo, observando Fausto por alguns segundos antes de continuar.

— Eu posso trazer os charutos — disse, finalmente. Sua voz era baixa, firme. — Embarcações pequenas, discretas. Chegam à Flórida sem chamar atenção. De lá, meu pessoal cuida do transporte até Havana.

Fausto arqueou uma sobrancelha.

— E quanto custa essa generosidade?

Renzo inclinou-se levemente para frente, apoiando os antebraços na mesa.

— Cinquenta centavos por unidade.

Fausto soltou uma risada baixa, jogando a cabeça para trás.

— *Don Pegorino...* — Ele balançou a cabeça, apagando o cigarro no cinzeiro de cristal. — Cinquenta centavos? Sabe quanto eu vendo um charuto cubano no Nostra? Quinze dólares.

Renzo não sorriu, nem recuou. Apenas girou o anel novamente, observando Fausto como um falcão observa sua presa.

— Exatamente. Por isso eu não aceito menos.

Fausto estalou a língua, pegando outro cigarro do bolso interno do paletó e acendendo com um isqueiro dourado.

— E digamos... que eu queira quarenta centavos?

Renzo inclinou a cabeça ligeiramente para o lado.

— Digamos... que você esteja pedindo mais do que merece.

O silêncio na sala ficou denso. Fausto manteve o sorriso no rosto, mas sua mandíbula ficou tensa.

Joe descruzou os braços e apoiou as mãos na mesa, observando Fausto como um lobo observando um cervo ferido.

Antonio continuava na janela, mas agora olhava diretamente para Fausto.

Renzo, por sua vez, apenas recostou-se na poltrona novamente, deslizando os dedos pelos cabelos uma última vez antes de entrelaçar as mãos sobre o peito.

— Vou te dizer algo, Fausto — Renzo disse, sua voz baixa, quase paternal. — Eu admiro homens que sabem seu lugar no mundo. Homens que compreendem que há uma ordem natural das coisas.

Ele fez uma pausa, deixando o peso de suas palavras afundar no silêncio.

— E homens assim prosperam. Eles vivem bem. Têm famílias seguras. Negócios prósperos. Mas homens que querem mais do que lhes é devido... — Ele girou o anel novamente. — Bem, esses aprendem seus limites da maneira difícil.

Fausto sustentou o olhar de Renzo por alguns segundos, mas o sorriso nos lábios havia desaparecido. Ele tragou o cigarro lentamente, soltou a fumaça pelo nariz e, por fim, assentiu.

— Cinquenta centavos.

Renzo não sorriu, mas seus olhos brilharam levemente.

— Você fez a escolha certa, meu amigo.

Fausto se levantou, alisando o paletó branco.

— Quando podemos esperar a primeira remessa?

Renzo olhou para Joe, que respondeu de imediato:

— Dez dias.

Fausto pegou seu chapéu e colocou na cabeça.

— Sempre um prazer, *Don* Pegorino.

Ele estendeu a mão, e Renzo a apertou, firme, olhando diretamente nos olhos do homem.

— O prazer é todo meu, Fausto.

Fausto saiu da sala, e o silêncio pairou por alguns instantes.

A sala permaneceu em silêncio por alguns momentos após a saída de Fausto. Renzo Pegorino pegou um charuto cubano da mesa, girou-o entre os dedos lentamente e depois o acendeu, tragando com calma. Seus olhos observavam a fumaça subir, como se contemplasse algo muito além da negociação recém-fechada.

Joe quebrou o silêncio, balançando a cabeça.

— Esse filho da puta achou que ia te passar a perna, *Don*.

Renzo não respondeu de imediato. Apenas passou a mão pelos cabelos, penteando-os para trás num gesto quase ritualístico. Então, virou-se ligeiramente para Joe e Antonio, sua voz saindo baixa, controlada.

— Ele aprendeu os limites dele.

Antonio, ainda de pé junto à janela, virou-se para encarar o chefe.

— E se um dia ele esquecer?

Renzo soltou a fumaça devagar, girando o anel no dedo.

— Então... alguém precisa lembrar ele.

Joe sorriu de canto, mas antes que pudesse falar mais alguma coisa, Renzo levantou uma das mãos num gesto de comando.

— Tragam o Comandante Marrero.

A porta se abriu e dois homens entraram antes do convidado, como sombras discretas que garantiam que o encontro

ocorresse sem surpresas desagradáveis. Então, um terceiro homem apareceu.

Comandante Esteban Marrero não era um homem qualquer. Sua postura rígida exalava disciplina militar, e seus olhos escuros eram tão afiados quanto sua mente calculista. Seu uniforme azul-escuro, impecavelmente alinhado, ostentava medalhas reluzentes no peito, lembrando a todos que ele era um homem de poder. No entanto, qualquer um que conhecesse Havana sabia que Marrero não respondia apenas ao governo de Batista — respondia ao homem que lhe oferecesse o melhor preço.

Ele se aproximou devagar, sem pressa, como um predador avaliando o território. Mas Renzo Pegorino não era um homem a ser avaliado. Ele era o território.

— *Don* Pegorino, um prazer finalmente conhecê-lo pessoalmente — disse Marrero, sua voz com um sotaque carregado, mas firme.

Renzo não se levantou, nem fez menção de um cumprimento caloroso. Apenas ergueu o olhar lentamente para o comandante e indicou a cadeira à sua frente com um simples gesto da mão.

— Sente-se, Comandante. Vamos conversar como dois homens de respeito.

Marrero hesitou por um breve momento. A atmosfera na sala era diferente de qualquer negociação que já tivera. Então, puxou a cadeira e sentou-se.

Renzo observou-o por um instante, girando o anel no dedo.

— Havana... — disse ele, sua voz saindo num tom quase melancólico. — É uma bela cidade. Sol, música... bons charutos.

Ele deu mais uma tragada no charuto, soltando a fumaça devagar, como se saboreasse cada segundo.

— Mas beleza... beleza precisa ser protegida.

Marrero cruzou os braços.

— É é isso que eu faço, *Don Pegorino*. Protejo a cidade.

Renzo inclinou-se ligeiramente para frente, apoiando os antebraços na mesa.

— Claro que protege. E faz um bom trabalho. Mas me diga...

— Ele girou o anel mais uma vez. — Você consegue proteger tudo?

Marrero franziu a testa.

— O que quer dizer com isso?

Renzo passou a mão pelos cabelos, ajeitando-os para trás.

— Quero dizer que o mundo é grande demais para um homem só segurar tudo em suas mãos.

Marrero estreitou os olhos.

— Está sugerindo que eu precise de ajuda?

Renzo sorriu, mas não era um sorriso amigável. Era o sorriso de um homem que sabia exatamente onde cada peça do tabuleiro estava posicionada.

— Estou sugerindo que... todos nós precisamos de aliados.

Ele recostou-se na cadeira, deixando a frase pairar no ar antes de continuar.

— Veja, Comandante... os americanos adoram Havana. Eles vêm para os cassinos, para as festas... para os charutos. Mas os charutos... bem, às vezes eles precisam de um caminho mais fácil para chegar até eles.

Marrero soltou um riso curto, descrente.

— Está pedindo que eu ignore o contrabando?

Renzo balançou a cabeça lentamente.

— Estou pedindo que você se preocupe com problemas maiores. Deixe os homens de respeito cuidarem dos negócios de respeito.

Marrero respirou fundo, ajustando as mangas do uniforme.

— E o que eu ganho com isso, *Don Pegorino*?

Renzo girou o anel novamente, como se já esperasse a pergunta.

— Paz.

O silêncio na sala ficou pesado. Marrero piscou lentamente.

— Paz?

Renzo assentiu.

— Paz... e ordem. — Ele inclinou-se para frente, sua voz ficando ainda mais baixa, quase num sussurro paternal. — Veja bem, Comandante... um homem como você, tão metuculoso, tão inteligente... precisa pensar no futuro. Os americanos sempre terão interesse em Havana. Sempre. Mas o que acontece quando você se torna um empecilho? Quando eles encontram alguém mais flexível?

Marrero não respondeu.

Renzo continuou.

— Mas se você tiver aliados certos... bem, os problemas nunca chegam à sua porta. Você mantém seu poder, seu respeito... sua cidade.

Marrero olhou diretamente nos olhos de Renzo. O peso daquelas palavras era claro.

— E se eu disser não?

Renzo deu uma última tragada no charuto, depois apagou-o no cinzeiro de cristal com um movimento tranquilo. Então, levantou-se devagar e caminhou ao redor da mesa. Quando parou ao lado de Marrero, colocou uma mão firme sobre o ombro do comandante e falou baixo, quase num sussurro:

— Eu ficaria muito... muito desapontado.

Marrero não se moveu. Seus olhos estavam fixos à frente, sua mandíbula travada. Então, soltou o ar lentamente e assentiu uma única vez.

— Entendido, *Don* Pegorino.

Renzo deu dois tapinhas leves no ombro de Marrero e voltou ao seu lugar.

— Você fez a escolha certa, meu amigo.

Joe sorriu de canto. Antonio apenas observava, imóvel.

Marrero levantou-se, ajeitou o uniforme e encarou Renzo mais uma vez antes de falar:

— O senhor é um homem muito... persuasivo.

Renzo apenas passou a mão pelos cabelos novamente, num gesto tranquilo.

— Eu sou um homem de respeito.

Marrero assentiu, virou-se e saiu sem dizer mais nada.

Joe soltou um assobio baixo.

— Eu gosto desse teu jeito de convencer os caras, *Don*.

Renzo pegou outro charuto da mesa, acendeu e deu uma tragada longa antes de murmurar:

— Um homem de respeito nunca precisa levantar a voz... só precisa lembrar os outros de quem ele é.

Renzo Pegorino soltou um longo suspiro, como se cada movimento seu precisasse de paciência. Ele então se inclinou ligeiramente para a frente, apoiando as mãos nos braços da poltrona de couro. Seu anel de sinete reluziu sob a luz amarelada do abajur. Com calma, ele se ergueu, ajeitou o paletó e passou a mão pelos cabelos, penteando-os para trás com o cuidado de quem mantém uma imagem sempre impecável.

Joe e Antonio Basilio observaram em silêncio. Joe sabia que o *Don* gostava de fazer tudo no seu tempo. Antonio, com as mãos no bolso, apenas esperava.

Renzo caminhou devagar até a porta da suíte, sem pressa, sentindo a madeira do chão ranger sob seus sapatos de couro bem lustrados. Joe abriu a porta para ele. O *Don* apenas assentiu, um gesto pequeno, mas que dizia tudo.

O corredor era silencioso, forrado de carpete vermelho escuro. Dois seguranças estavam posicionados próximos ao elevador. Assim que viram Renzo, endireitaram a postura.

— *Don Pegorino.*

Renzo apenas ergueu a mão, num gesto quase paternal.

— Rapazes... Estão bem?

Os dois assentiram.

— Sempre bem, *Don.*

— Isso é bom... Isso é bom...

Ele passou por eles sem pressa, entrou no elevador de madeira nobre, e Joe e Antonio entraram logo atrás. Antonio apertou o botão do térreo.

Enquanto a cabine descia, o som das engrenagens preenchia o silêncio. Renzo girou o anel lentamente no dedo, olhando o próprio reflexo no espelho dourado do elevador.

Quando as portas se abriram, um burburinho preencheu o ambiente. O saguão do Hotel Mirante estava movimentado. Malas sendo carregadas, hóspedes conversando, o bar ao fundo já começava a receber seus primeiros clientes do dia.

E então, um por um, os funcionários viram o *Don.*

— *Mr. Pegorino!*

O primeiro a falar foi Benny Costello, um dos carregadores de malas mais antigos do hotel. Um homem rechonchudo, de rosto largo, vestindo um colete grená sobre a camisa branca. Ele tirou rapidamente o boné que usava, segurando-o contra o peito.

— *Don*, bom dia, bom dia. Como está a família?

Renzo parou diante dele, pousando uma mão leve em seu ombro.

— Benny, Benny... Quantos anos já, hein? Ainda forte carregando essas malas?

Benny riu.

— O senhor sabe como é, *Don*... Não se pode parar, ou as costas endurecem.

Renzo soltou um som baixo de aprovação.

— Você sempre foi um homem de trabalho. E a sua irmã, como está?

Benny sorriu, impressionado.

— Gina? Está bem, está bem. Se casou ano passado, o senhor acredita?

Renzo assentiu devagar.

— O tempo passa rápido... Mas me diga... O marido é um homem bom?

Benny apertou os olhos, meio incerto.

— Ele... Ele tem seus defeitos, *Don*. Mas trabalha duro.

Renzo apertou ligeiramente o ombro de Benny, olhando-o nos olhos.

— Se algum dia ele não tratar Gina como merece, você vem falar comigo.

Benny engoliu seco e assentiu rapidamente.

— Sim, *Don*, sim...

Renzo continuou andando. Mais à frente, uma mulher de meia-idade, vestindo um uniforme impecável de camareira, abaixou a cabeça respeitosamente.

— *Don* Pegorino.

Renzo sorriu de canto.

— Martha... Quantos quartos já limpou hoje?

Ela riu, nervosa.

— Ah, *Don*, eu parei de contar depois do quinto.

Renzo colocou uma mão leve sobre a dela.

— Trabalho honesto, Martha. Você sempre fez um bom trabalho.

Ela sorriu, os olhos marejados.

Mais à frente, no balcão da recepção, um homem alto, magro, de terno cinza bem cortado, ajeitou os óculos e se apressou a cumprimentá-lo.

— Senhor Pegorino, é sempre um prazer vê-lo.

— Norman, Norman... Você e esse seu jeito formal de sempre.

Norman Nitalker era o gerente do hotel. Meticuloso, organizado, e fiel. Renzo confiava nele.

— Como estão os negócios?

— Indo bem, senhor. Temos um grupo de empresários de Chicago hospedados na suíte presidencial.

Renzo assentiu.

— Bons clientes?

— O suficiente para me pedirem que traga algumas garrafas do seu vinho especial.

Renzo sorriu lentamente.

— Então, traga. Mas só as melhores.

— Sim, senhor.

Renzo deu um último olhar ao saguão, absorvendo o ambiente. Depois, com a calma de sempre, voltou-se para Joe e Antonio.

— Vamos indo.

E saiu, sem precisar dizer mais nada.

XVI

Respeito e Respeito

Renzo Pegorino caminhava pelo calçamento de pedra polida à frente do *Hotel Mirante*. O céu de Nova York estava cinzento, a cidade abafada pelo tráfego constante e pelo barulho de motores. Seus sapatos brilhavam sob a luz difusa da manhã, cada passo seu era medido, sem pressa, sem hesitação. Joe e Antonio Basilio seguiam logo atrás, atentos, mas sem interferir.

No meio do caminho até o Cadillac preto estacionado na entrada do hotel, uma figura surgiu à sua esquerda, segurando um envelope grosso. Paulie. Seu filho caçula.

Paulie se aproximou rápido, a testa franzida, os olhos carregados de impaciência. Ele vestia um terno claro, um pouco amarrotado, e o cabelo despenteado denunciava que provavelmente não dormia direito há dias.

— *Papà* — disse Paulie, quase sem fôlego, abrindo o envelope. Renzo não parou de andar. Apenas virou um olhar calmo para o filho.

— O que foi, garoto?

Paulie caminhou ao lado do pai, mantendo o envelope aberto, mostrando vários extratos bancários e documentos com números destacados em vermelho.

— Eu descobri. As famílias Mancuso, Bellantoni, Scarpelli, Tizzone... Todas com movimentações financeiras pesadas indo direto pra Bratva. — Paulie passou a mão no cabelo, a frustração visível. — Foram eles, *papà*. Foram esses filhos da puta.

Renzo parou. Olhou para Paulie com a mesma expressão calma de sempre. Lentamente, pegou o envelope das mãos do filho, folheou os papéis, observando os números com um olhar clínico. Então, com um suspiro longo, dobrou os papéis e os devolveu a Paulie.

Depois, colocou uma mão firme no ombro do filho.

— Esqueça isso.

Paulie arregalou os olhos.

— *Che cazzo dici?* — ele cuspiu as palavras. — Como assim esquecer? Eles mataram o Anthony! Você já sabia, não sabia? Renzo apenas olhou para ele. Seus olhos eram um poço profundo de paciência e autoridade.

Paulie rangeu os dentes.

— E você não vai fazer nada?

O *Don* Pegorino não respondeu de imediato. Retirou do bolso interno do paletó um relógio de ouro de bolso, abriu a tampa com um leve clique e observou os ponteiros. O tempo passava da forma que sempre passou.

Ele fechou o relógio e olhou para Paulie.

— Você já almoçou?

Paulie piscou, confuso.

— O quê?

Renzo apertou levemente o ombro do filho.

— Vamos almoçar.

Paulie ficou parado, segurando o envelope com os extratos como se ainda estivesse processando a conversa.

— Você tá brincando comigo? Eles mataram o Anthony, e você quer almoçar?

Renzo suspirou.

— Paulie... — A voz do *Don* saiu mais firme agora, mas sem perder a paciência. — Esse não é um jogo de cartas. Você não senta numa mesa e joga tudo na frente dos outros achando que tem a melhor mão.

Paulie sentiu o sangue ferver.

— Mas eles...

Renzo ergueu a mão, interrompendo-o.

— Se eu não faço nada agora, é porque ainda não é a hora. Você vai confiar em mim, ou vai sair por aí gritando para todo mundo que quer vingança?

Paulie olhou para Joe e Antonio, que permaneciam em silêncio. Ele não conseguia acreditar. Seu pai estava calmo, como sempre. Como se aquilo não importasse.

Paulie bufou, balançando a cabeça.

— Isso é uma loucura.

Renzo inclinou a cabeça, observando o filho com um olhar que misturava paciência e autoridade.

— Acalme-se, garoto. Guarde essa raiva. Um dia, você vai precisar dela.

Paulie não respondeu. Apenas fechou a cara, os punhos cerrados.

Renzo abriu a porta do Cadillac e entrou, ajeitando-se no banco traseiro com a elegância de sempre.

— Vamos almoçar — disse Renzo puxando pelo ombro seu filho, para entrar em seu Cadillac, que assentiu e juntos foram almoçar.

O Cadillac preto deslizou pelas ruas desgastadas de um bairro esquecido pelo progresso. Não era Manhattan, com seus arranha-céus imponentes e homens de negócios apressados. Não era sequer Little Italy, com seus cafés charmosos e restaurantes badalados. Aqui, o tempo tinha parado. Os prédios de tijolos escurecidos pelo tempo, as vitrines

empoeiradas, os postes de luz enferrujados. Mas esse lugar tinha algo que os outros não tinham. Esse lugar tinha história. Paulie olhava para fora da janela, ainda irritado, os olhos fixos nos becos e escadarias de incêndio enferrujadas. O pai, sentado ao seu lado, estava sereno, como sempre. O silêncio entre eles durou alguns minutos, até Renzo suspirar e passar a mão pelos cabelos, penteando-os para trás.

— Você se lembra de quando era pequeno, Paulie? — Renzo perguntou, sem tirar os olhos da rua.

Paulie desviou o olhar da janela e encarou o pai.

— Do quê exatamente?

Renzo girou um de seus anéis pesados no dedo e continuou.

— Quando você se metia em briga com os garotos do bairro. Sempre voltava pra casa com o lábio cortado, a camisa rasgada... Sua mãe ficava louca. Mas eu nunca te impedi de sair e enfrentar eles de novo.

Paulie franziu a testa, tentando entender onde o pai queria chegar.

— O que isso tem a ver com agora?

Renzo finalmente olhou para ele, seus olhos escuros como poços sem fundo.

— Porque, garoto, a vida é um longo beco escuro. Você pode atravessá-lo gritando e socando o ar como um lunático, ou pode aprender a caminhar com calma, observando, esperando a hora certa.

Paulie bufou.

— E até quando eu tenho que esperar?

Renzo suspirou, apertando o ombro do filho com uma força que não era apenas física.

— Até saber o que fazer quando a hora chegar.

O silêncio caiu sobre o carro. Paulie desviou o olhar, mas no fundo sentia um nó na garganta. Ele queria entender o que o pai queria dizer, mas não conseguia.

O Cadillac virou uma esquina e entrou em uma rua estreita. As pessoas na calçada reconheceram o carro de imediato. O vidro do lado de Renzo estava baixo, e ele começou a cumprimentar um por um.

— *Benedetto!* — ele chamou um velho sapateiro sentado do lado de fora de sua loja, uma xícara de café equilibrada na palma da mão.

— *Don Pegorino!* — o velho respondeu, sorrindo.

— Como está o joelho? — Renzo perguntou, com um tom de preocupação genuína.

— Ah, ainda uma merda, mas a pomada que você mandou ajudou bastante.

Renzo assentiu com um pequeno sorriso.

Mais à frente, um garoto franzino, com roupas sujas de graxa, acenou timidamente.

— *Robby!* — Renzo o chamou.

O menino se aproximou um pouco, os olhos arregalados.

— Tá ajudando seu pai na oficina?

Robby assentiu depressa.

— Sim, senhor!

Renzo sorriu.

— Então diga a ele que passe no hotel semana que vem. Tenho um cliente precisando de um mecânico de confiança.

O garoto quase saltou de alegria.

Paulie observava tudo aquilo, e então, sem conseguir evitar, soltou um pequeno riso pelo nariz.

Renzo ergueu uma sobrancelha.

— O que foi?

Paulie balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Como diabos você conhece todo mundo? E mais... como conseguiu fazer todo mundo te respeitar desse jeito?

Renzo olhou para o filho por um momento. Então, virou-se novamente para a janela e respondeu, calmamente:

— As pessoas querem duas coisas na vida, Paulie. Segurança e respeito. O mundo é cruel e ninguém quer andar sozinho. Se você lhes der sua mão quando precisarem, eles nunca esquecerão. Mas se você der sua mão e depois puxar de volta... bem, eles nunca esquecerão disso também.

Paulie ficou em silêncio. Aquilo o atingiu como um soco no estômago.

O Cadillac parou em frente a um pequeno restaurante de tijolos vermelhos, com uma placa gasta pelo tempo que dizia *Trattoria Belcastro - Desde 1900*. O lugar não era grande, mas carregava um peso histórico. Desde que os primeiros imigrantes italianos haviam pisado em Nova York, aquele restaurante estava ali, servindo pratos simples, honestos, cheios de tradição.

Renzo desceu do carro e ajeitou o paletó. Paulie fez o mesmo, ainda digerindo as palavras do pai.

Ao entrarem, foram recebidos com um calor familiar.

— *Don Pegorino!* — gritou um homem baixo e robusto, vindo da cozinha com um pano jogado sobre o ombro. — Que honra, que honra!

— *Giovanni!* — Renzo abriu um sorriso e apertou a mão do dono do restaurante. — Como está sua esposa?

— Ah, aquela mulher vai me enterrar um dia. Mas fora isso, está ótima!

Renzo riu, e os dois seguiram até uma mesa no canto, onde já havia pão fresco, azeite e vinho esperando por eles.

Enquanto se sentavam, Renzo olhou para Paulie e, com um tom que misturava paciência e firmeza, disse:

— Coma, garoto. Porque amanhã, o mundo pode te deixar sem tempo para isso.

XVII

Presente Amigável

O garçom se aproximou com passos cuidadosos, segurando uma bandeja com um prato de massa fumegante. Ele era um homem magro, com cabelos escuros e curtos, e uma expressão levemente tensa. Quando chegou à mesa de Renzo Pegorino, ele sorriu, ainda que hesitante.

— Seu *gnocchi alla sorrentina*, Don Pegorino.

Renzo olhou para o homem com uma sobrancelha arqueada, os olhos estreitados como se o examinasse.

— E quem é você?

O garçom congelou por um momento.

— Eu... sou Cor... — Ele pigarreou, tentou sorrir. — Sou Carlo, senhor. Comecei aqui faz algumas semanas.

Renzo inclinou a cabeça, girou levemente o anel no dedo.

— Carlo, hein? Estranho. Conheço esse lugar há quarenta anos e nunca vi você.

O homem riu nervoso.

— Trabalho mais nos fundos, senhor.

Renzo deu um pequeno aceno com a cabeça, como se aceitasse a resposta. Pegou o garfo e experimentou um pedaço da massa.

— Hm. Tá bom. Giovanni ainda sabe cozinhar.

O garçom sorriu aliviado e se afastou.

Paulie, ao lado do pai, bebia um copo de vinho, observando as pessoas ao redor do restaurante. Pequenos grupos de homens jogavam cartas, famílias conversavam e o aroma de molho de tomate e ervas dominava o ar. O ambiente era tranquilo.

Então, de repente, uma cadeira caiu ao fundo do salão.

— *Figlio di puttana!* — uma voz bêbada ecoou pelo restaurante.

Um homem barrigudo, de camisa suada e rosto avermelhado, se levantava tropeçando. Ele derrubara uma garrafa no chão e parecia completamente embriagado.

— *Stronzo!* — gritou o bêbado para um jovem que tentava se afastar dele.

A confusão começou a chamar atenção. Paulie se virou para o pai, esperando uma ordem.

Renzo pegou o guardanapo, limpou os lábios, colocou o garfo sobre o prato com calma e olhou para o filho.

— Vá lá. Resolva isso.

Paulie olhou para Joe e Antonio Basilio, que estavam sentados próximos. Ambos entenderam o sinal e se levantaram com ele. Os três atravessaram o restaurante, se aproximando do homem bêbado.

Enquanto eles se afastavam, Renzo voltou a pegar o garfo. Deu mais uma garfada na comida.

Então, sentiu alguém se aproximando por trás.

— Don Pegorino...

Renzo não teve tempo de virar completamente.

Uma voz sussurrou em seu ouvido:

— Um presente de Angelo Mancuso.

E então veio a primeira facada.

A lâmina entrou fundo entre as costelas, arrancando um som sufocado de sua garganta. Renzo tentou se virar, mas a segunda facada veio rápida, atravessando sua lateral.

A dor era absurda, afiada, quente. Ele tentou se levantar, mas o garçom segurou seu ombro com força e fincou a faca uma terceira vez, dessa vez na barriga.

A quarta facada veio no peito.

A quinta no abdômen novamente.

A sexta abriu um rasgo em seu flanco.

E a sétima, cravou na base das costelas, torcendo a lâmina.

O restaurante entrou em caos. Pessoas gritaram, algumas correram para fora, outras apenas ficaram paralisadas. Giovanni, o dono do restaurante, olhava horrorizado para o Don sangrando na cadeira.

Renzo estava pálido. Seu corpo tremia, seus dedos apertavam a borda da mesa, seus olhos tentavam focar em algo, mas tudo parecia escorregar.

Joe foi o primeiro a perceber. Ele se virou, viu o sangue, viu Renzo tentando se manter sentado.

— *Merda!* — ele gritou, sacando a arma.

Paulie se virou a tempo de ver o garçom largando a faca e correndo.

O homem passou por ele e Paulie nem conseguiu reagir. Ele congelou ao ver o pai coberto de sangue.

Antonio Basilio foi mais rápido e disparou três vezes no garçom enquanto ele tentava correr para a saída.

O corpo do assassino caiu no chão, derrubando cadeiras no caminho.

Paulie correu até a mesa, seus olhos arregalados.

— *Papà! Papà!*

Renzo tentou falar, mas sua boca se encheu de sangue. Ele tossiu, a mão tremendo ao tentar segurar o ombro do filho.

Joe já estava ao telefone, gritando algo sobre um médico.

Renzo piscou devagar. O som ao seu redor parecia abafado. Seu corpo estava ficando frio.

Ele tentou dizer algo para Paulie. Seus olhos encontraram os do filho.

Então, tudo escureceu.

O calor da tarde pesava sobre a cidade, e as sirenes da ambulância ecoavam pelas ruas de Nova York, rompendo o zumbido abafado do tráfego. O sol ainda estava alto, projetando sombras nítidas através da vidraça suja do restaurante. A luz dourada entrava pelas cortinas pesadas, iluminando as poças de sangue no chão, fazendo-as brilhar de maneira cruel.

Joe estava ali, parado, os olhos fixos no corpo de Renzo Pegorino. Seu melhor amigo. Seu irmão. Seu Don.

A mão dele tremia levemente, mas ele não a fechava. Não a escondia. Apenas deixava o tremor vir, como se finalmente estivesse permitindo a si mesmo sentir a devastação que crescia dentro dele.

Paulie estava agachado ao lado do corpo do garçom assassino. O rosto vermelho, os olhos brilhando de fúria e lágrimas. Seu sapato de couro já estava manchado de sangue de tanto chutar o cadáver.

— *Filho da puta... filho da puta...* — Ele rosnava entre dentes cerrados. Sua respiração era irregular, ofegante.

Joe, finalmente, se mexeu. Ele passou uma das mãos pelos cabelos grisalhos e deu um passo à frente. Olhou para Paulie, para a cena ao seu redor, para todas aquelas pessoas que começaram a entrar no restaurante. Seu peito subia e descia pesadamente.

— *Paulie...*

Paulie continuou chutando o cadáver.

— *Paulie!*

A voz de Joe saiu forte, como um estalo de chicote. Paulie parou no meio de um chute, os olhos cheios de lágrimas se voltando para Joe.

Joe suspirou, balançou a cabeça, passou as duas mãos no rosto e então olhou para Renzo de novo.

— *Ele me prometeu...* — Joe murmurou, a voz falhando. — *Ele me disse que ia viver pra ver meus netos, que ia morrer velho, numa cadeira, com um charuto na boca e uma garrafa de vinho na mesa...* A mandíbula dele travou. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ele as segurou.

— *E agora olha pra ele, Paulie... olha pra ele!*

Ele apontou para Renzo, o corpo do velho Don espalhado na cadeira, a camisa manchada de sangue, as rugas do rosto já começando a perder a cor.

— *Sete facadas... Sete malditas facadas...* — Joe cuspiu no chão.

— *Como se fosse um qualquer... Como se fosse um miserável na sarjeta...*

Paulie apertou os punhos, desviou os olhos, respirou fundo. O restaurante estava em silêncio.

Então, a porta da frente se abriu, e Moishe Abramson entrou. O alfaiate judeu, pequeno, vestindo um paletó gasto, andou até o corpo do Don e parou. Ele tirou o chapéu lentamente, colocou-o contra o peito e fechou os olhos por um instante.

— *Que Elohim o acompanhe, Don Pegorino...*

Joe assentiu para ele, reconhecendo sua dor.

Atrás dele, Elroy "Big Red" Hawkins, o mecânico negro que sempre consertava os Cadillacs de Renzo, cruzou a porta. Suas mãos ainda estavam manchadas de graxa, mas ele tirou a boina da cabeça, segurando-a contra o peito.

— *Isso não devia ter acontecido...* — Sua voz era grave, pesada, cheia de tristeza. — *Isso não devia ter acontecido...*

Um a um, eles foram entrando.

Nicodemo Barone, o dono de bar que Renzo ajudara na Lei Seca, ajoelhou-se ao lado do Don e fez o sinal da cruz.

Irving Schultz, o velho taxista que dirigira para Renzo quando ele ainda era jovem, tirou o cigarro da boca e jogou fora, como um gesto de respeito.

Josephine Clarke, uma mulher negra que lavava as roupas do Don há décadas, enxugou as lágrimas com um lenço e sussurrou uma oração.

Oreste Marullo, o padeiro siciliano, cruzou os braços sobre o peito, os olhos fixos no chão, o rosto pálido de choque.

E vieram outros. Gente simples. Gente que nunca segurou uma arma, nunca matou ninguém, nunca fez parte desse mundo sujo. Mas estavam ali porque amavam Renzo Pegorino.

Então, a ambulância finalmente chegou.

Os paramédicos entraram, mas hesitaram quando viram Joe de pé ao lado do Don. Nenhum deles ousou tocar o corpo sem sua permissão.

Joe respirou fundo, fechou os olhos por um instante. Quando voltou a abri-los, sua voz saiu rouca, quase inaudível.

— *Façam o trabalho de vocês... Mas com respeito.*

Os paramédicos assentiram e começaram a mover Renzo.

Paulie não conseguia olhar. Ele se afastou, respirando pesado, tentando conter as lágrimas.

Joe olhou ao redor. Olhou para todas aquelas pessoas que vieram...

E então soube.

Se Renzo morresse...

O inferno viria para Nova York.

XVIII

Justiça de New York

Joe se virou para os paramédicos enquanto eles ajustavam o corpo de Renzo na maca. Seu rosto estava sombrio, duro como pedra, mas seus olhos tinham uma profundidade de tristeza que ele não tentava esconder.

— *Eu vou com ele.*

Um dos paramédicos, um jovem de rosto magro e suado, hesitou.

— *Senhor...*

Joe apenas lançou um olhar. Não precisava dizer mais nada. O paramédico fechou a boca e assentiu, abrindo espaço para ele subir na ambulância.

Joe então se virou para Antonio Basilio.

— *Você vem comigo.*

Antonio assentiu imediatamente.

— *Sim, senhor.*

Joe o puxou pelo ombro e o olhou diretamente nos olhos.

— *Não desgruda dele. Entendeu? Nem por um segundo. Se alguém tentar se aproximar, se alguém sequer respirar perto dele sem minha permissão, você mata. Mata sem pensar duas vezes.*

Antonio assentiu de novo, sem hesitar.

Paulie, parado ao lado deles, tinha os olhos ardendo de ódio. Suas mãos estavam fechadas em punhos, os nós dos dedos brancos de tanta pressão.

— *Isso é um erro.* — Sua voz era um rosnado baixo.

Joe olhou para ele.

— *O que disse?*

Paulie deu um passo à frente, seus olhos brilhando de raiva.

— *Isso é um erro! Ele não devia estar indo para um hospital normal! Todo mundo sabe onde ele vai estar! Todo mundo!*

Joe segurou o queixo por um instante, respirou fundo e encarou Paulie com firmeza.

— *E a alternativa, Paulie? Hein? O que você sugere? Ele precisa de médicos, precisa de cirurgiões. Vai levar ele pra onde? Pro porão de algum restaurante? Vai chamar o velho Armando pra costurar ele com linha de pescar?*

Paulie mordeu os dentes com força.

— *Nós devíamos estar caçando esses filhos da puta agora mesmo! Devíamos estar cortando as gargantas deles!*

Joe cerrou os olhos, estudando o rapaz.

— *E quem assume no lugar dele se você sair por aí feito um touro cego, hein? Você?*

Paulie engoliu seco.

Joe se inclinou ligeiramente para ele, a voz baixa, carregada de significado.

— *Você quer ser o chefe um dia?*

Paulie hesitou.

Joe não.

— *Então começa a pensar como um.*

Paulie respirou fundo, mas não disse mais nada.

Joe segurou a nuca dele e apertou, como um pai faz com um filho rebelde.

— *Cuida da família. Fica de olho nos negócios. E espera pelo meu sinal.*

Paulie assentiu, mas a raiva ainda queimava nele.

Joe soltou a nuca dele e olhou para Antonio Basílio.

— *Vambora.*

Antonio abriu a porta da ambulância e Joe subiu. O paramédico ajustou os aparelhos que mantinham Renzo respirando.

O Don estava pálido. O sangue empapava sua camisa, e o som dos aparelhos misturava-se com as sirenes.

Joe olhou para o rosto de seu amigo, sua mão involuntariamente apertando o joelho de Renzo, como se pudesse transferir vida para ele apenas pelo toque.

A porta da ambulância se fechou com um baque.

As sirenes ligaram.

O veículo acelerou pela rua, deixando para trás Paulie e um grupo de homens que olhavam, paralisados, enquanto seu mundo desmoronava.

Paulie correu sem olhar para trás. Sua mente era um turbilhão. Ele precisava sair dali, precisava ir para casa, precisava... precisava fazer alguma coisa.

Passou por entre os curiosos que ainda estavam parados na frente do restaurante e praticamente saltou para dentro de um táxi estacionado na esquina.

— *Drive! Drive logo, porra!*

O taxista, um homem magro de terno puído e chapéu de feltro, virou-se para ele, surpreso.

— *Pra onde, senhor?*

— *Brooklyn Heights! Anda, anda, anda!*

O carro arrancou, os pneus cantando no asfalto. Paulie tamborilava os dedos na perna, o coração acelerado. O taxista olhou pelo retrovisor.

— *Tudo bem aí, chefe?*

— *Só dirige.*

O resto da viagem foi um borrão. O táxi parou em frente aos grandes portões brancos de ferro da mansão Pegorino, e Paulie quase saltou antes do carro parar completamente.

— *Quanto é?*

O taxista ia responder, mas Paulie jogou uma nota de vinte dólares no banco e saiu correndo.

Os dois guardas no portão se entreolharam quando viram Paulie se aproximando. Um deles, um homem alto e forte de terno cinza chamado *Elliot Prisco*, ergueu uma sobrancelha.

— *Senhor Pegorino... tudo bem?*

Paulie ignorou a pergunta, e Elliot apenas abriu o portão.

— *Entre, senhor.*

O outro guarda, um sujeito mais velho e careca chamado *John Galiano*, inclinou-se ligeiramente ao vê-lo passar.

— *Boa tarde, Paulie.*

Paulie apenas assentiu, correndo pelo longo jardim da mansão. O gramado era bem cuidado, com estátuas e fontes, mas ele não via nada disso. Ele queria respostas. Ele queria vingança.

Passou direto pelo hall de entrada e entrou na sala.

Ferdinand estava largado em uma poltrona de couro, um sanduíche de pastrami na mão e um sorriso preguiçoso no rosto.

— *Que porra foi essa? Ta maluco?*

Paulie nem olhou para ele.

Ferdinand mastigou mais um pedaço, resmungando:

— *Sem educação esse moleque...*

Sua mãe estava sentada no sofá, o olhar fixo na parede, sem expressão. Desde que Anthony fora assassinado, ela ficava assim por horas, perdida em pensamentos.

Paulie não disse nada. Apenas subiu as escadas de dois em dois degraus até o escritório do pai.

A porta estava entreaberta.

Lá dentro, Carlo e Santoro Ruggieri estavam sentados à mesa, revisando papéis.

Ruggieri franziu a testa ao ver Paulie entrar como um furacão.

— *Paulie, que diabos...*

— *O velho foi esfaqueado! Ele tá indo pro hospital! Não sei se ele vai sobreviver!*

Os dois homens congelaram.

— *O quê?! — Carlo se levantou de imediato.*

Paulie ignorou os dois, abrindo gavetas, revirando papéis. Suas mãos tremiam, mas sua mente já sabia o que procurava. Até que encontrou.

Um envelope pardo, com a caligrafia inconfundível do pai:

"Do Paulie."

Ele segurou o envelope por um instante, o peito subindo e descendo com a respiração acelerada.

— *Paulie, o que tem aí?* — Santoro perguntou, dando um passo à frente.

— *Isso é comigo.*

— *Paulie, espera...*

Mas ele já estava saindo pela porta.

Desceu as escadas com pressa e atravessou a mansão como um raio. Pegou a chave de um dos Cadillacs do pai e já estava abrindo a porta quando ouviu vozes atrás dele.

Santoro e Carlo estavam na porta da mansão, e Carlo gritou para os dois homens no portão:

— *Marco! Raffaele! Vão atrás dele! Não deixem ele sozinho!*

Paulie fingiu que não ouviu. Apenas ligou o motor e arrancou pela estrada.

Paulie estacionou o Cadillac em frente a um prédio de tijolos vermelhos, com colunas clássicas na entrada e uma placa de bronze onde se lia: **"Tribunal Distrital do Estado de Nova York"**.

O local era movimentado, homens de terno entrando e saindo, alguns apressados, outros parando para conversar com repórteres que esperavam do lado de fora.

Paulie desceu do carro e respirou fundo. Era um lugar onde seu pai jamais pisaria para resolver uma questão familiar. Mas Paulie não era Renzo. E, se o velho não fazia nada, ele faria.

Os saltos de seus sapatos ecoaram pelo piso de mármore quando entrou. O saguão principal tinha um balcão de informações, onde uma mulher de óculos redondos e coque apertado atendia a um advogado grisalho.

Paulie olhou em volta até encontrar o que procurava: uma placa indicando "**Promotoria do Estado**".

Ele atravessou o corredor estreito até uma sala onde uma secretária batia à máquina.

— *Preciso falar com o promotor.*

A mulher, sem parar de digitar, apenas ergueu os olhos.

— *O promotor está ocupado. Qual o assunto?*

Paulie apoiou as mãos na mesa e se inclinou.

— *O nome dele é?*

A secretária suspirou, empurrou os óculos no nariz e respondeu com impaciência:

— *Sr. Ernest Wakefield. Mas ele não atende sem agendamento.*

— *Vai atender agora.*

Paulie girou a maçaneta e entrou sem esperar.

O escritório era grande, mas não luxuoso. Uma estante cheia de livros jurídicos ocupava uma parede, e a escrivaninha de madeira escura estava coberta de papéis. Atrás dela, um homem na casa dos cinquenta, de cabelo bem penteado e rosto vincado, ergueu os olhos com irritação.

— *E quem diabos é você?*

— *Paulie Pegorino.*

Wakefield ficou em silêncio por um momento.

— *Pegorino, hein?*

Paulie puxou uma cadeira e sentou-se, sem ser convidado.

— *Eu quero processar quatro famílias.*

Wakefield riu pelo nariz.

— *É mesmo?*

— *Mancuso, Bellantoni, Scarpelli e Tizzone.*

Wakefield largou a caneta sobre a mesa e cruzou os braços.

— *E o que exatamente você acha que pode conseguir aqui, garoto?*

Paulie tirou um maço de papéis do paletó e jogou sobre a mesa.

— *Movimentações financeiras ligando esses merdas à Bratva. Você pode derrubar todos eles por conspiração criminosa.*

Wakefield folheou os papéis rapidamente, franzindo a testa.

— *Onde conseguiu isso?*

— *Não te interessa.*

O promotor encostou-se na cadeira e coçou o queixo.

— *Você acha que vai à Justiça e pronto? O juiz vai bater o martelo e mandar todo mundo pra Sing Sing?*

Paulie se inclinou para a frente, os olhos brilhando de ódio.

— *Eu quero que esses filhos da puta paguem.*

Wakefield o encarou por alguns instantes, depois pegou um charuto, acendeu e deu uma tragada longa.

— *Eu conheci seu pai há muitos anos.*

Paulie manteve o olhar fixo.

— *E apostou que ele nunca veio aqui.*

Wakefield soltou a fumaça lentamente.

— *Nem viria. Seu pai entende como o mundo funciona. Você não.*

Paulie se levantou, furioso.

— *Vai ajudar ou não?*

Wakefield soprou mais fumaça, olhou para os papéis sobre a mesa e, depois de alguns segundos, pegou um carimbo e bateu em um deles.

— *Vou ver o que posso fazer. Mas não espere justiça, garoto. Isso aqui é Nova York.*

Paulie observou o promotor carimbar o documento, mas não sorriu, não comemorou.

Ele não era ingênuo. Ele sabia que Wakefield não fazia nada sem calcular o que poderia ganhar com isso. E sabia que, se aquele promotor concordava em mexer nesse vespeiro, era porque ou ele enxergava uma oportunidade, ou ele queria se livrar de Paulie rápido.

Mas Paulie não dava a mínima. Ele não era o pai. Ele não negociava, não jogava xadrez, não esperava.

Ele agia.

Pegou um cigarro, acendeu e ficou ali, encarando Wakefield, que puxava outra tragada de seu charuto.

— *O que você realmente quer, Pegorino?* — Wakefield perguntou, exalando a fumaça com calma.

Paulie deu uma risada curta, sem humor.

— *Quero que aqueles merdas paguem. O que eu realmente quero? Eu quero botar fogo nessa cidade até não sobrar nada deles.*

Wakefield meneou a cabeça, um sorriso de canto de boca.

— *Você fala bonito. Mas isso aqui não é cinema, garoto. Quer justiça? Pegue uma arma. Mas se quer que a lei faça o trabalho por você...* — ele cutucou os papéis sobre a mesa — *então vai ter que esperar. Justiça é um processo lento.*

Paulie bufou, jogando a fumaça do cigarro para o lado.

— *Engraçado. Quando foi meu irmão no caixão, não teve processo lento. Quando foi meu pai tomando sete facadas, ninguém precisou esperar porra nenhuma.*

Wakefield deu uma risadinha pelo nariz, sem tirar o charuto dos lábios.

— *Acha que eu dou a mínima pro seu pai? Pro seu irmão?* — Ele olhou para Paulie como se falasse com um moleque. — *Se eu mexer nisso, é porque me convém. E eu não sou o único que precisa ver vantagem nisso. O juiz que pegar esse caso tem que ver vantagem. O comissário de polícia tem que ver vantagem. Até o jornalista na esquina tem que ver vantagem. E se nenhum deles ver, então nada acontece, entendeu?*

Paulie bateu o cigarro contra o cinzeiro, sem responder.

— *A única coisa que muda as regras desse jogo...* — Wakefield apontou para Paulie com o charuto — *é poder. E seu pai sabia disso. Sabe como Renzo Pegorino se tornou quem ele é? Porque ele nunca veio aqui.*

Paulie fechou a cara.

— *Meu pai vai morrer. E se morrer, alguém precisa estar no lugar dele. E não vai ser um homem que senta atrás de uma mesa fumando charuto e falando merda sobre como o mundo funciona.*

Wakefield deu uma risada curta.

— *Ah... então é isso? Você quer ser ele? Quer sentar na cadeira do seu velho?*

Paulie ficou em silêncio por um momento, tragando o cigarro até quase o filtro. Depois, jogou a bituca no cinzeiro e ficou de pé.

— *Não. Eu não quero ser ele.* — Ele pegou os papéis da mesa e guardou no paletó. — *Quero ser pior.*

E saiu da sala sem esperar resposta.

XIX

Que Merda

Paulie saiu do escritório com passos largos, os olhos cheios de fúria e a mandíbula travada. Ele nem percebeu que apertava os papéis no paletó com força demais. Do lado de fora, Raffaele já estava esperando, encostado no para-lama do Cadillac, os braços cruzados e um cigarro preso entre os dedos. Quando Paulie se aproximou, Raffaele bufou e jogou o cigarro no chão, pisando nele com raiva.

— *Mas que merda foi essa, Paulie?* — Sua voz era grave, mas baixa, carregada de frustração. — *Me diz que caralho você veio fazer aqui, hein? Se expor assim?*

Paulie ignorou e foi direto para o carro, abrindo a porta do passageiro com força. Raffaele bateu a porta antes que ele entrasse.

— *Eu tô falando com você, porra!*

Paulie se virou, os olhos brilhando de raiva.

— *E você quer que eu faça o quê, Raffaele? Fique sentado na porra da mansão esperando mais um Pegorino acabar num caixão?*

Raffaele riu, irônico, balançando a cabeça.

— *Você acha que isso aqui vai mudar alguma coisa? Você acha que um bando de promotor de merda vai derrubar os Mancuso, os*

Bellantoni, os Scarpelli, os Tizzone? Eles tão cagando pra papelada, Paulie. Eles vivem de chumbo e sangue.

Paulie apontou o dedo no peito de Raffaele, avançando um passo.

— *E o que você quer que eu faça? Fique quieto como o meu pai? Deixe eles matarem todo mundo até não sobrar um Pegorino vivo?*

Raffaele pegou Paulie pelo colarinho do paletó e o puxou para perto, os olhos cheios de fúria.

— *A gente tá numa puta zona de guerra, Paulie. E não dá pra confiar em ninguém. Você acha que pode entrar em qualquer prédio dessa cidade sem alguém saber? Que pode falar com qualquer filho da puta sem isso voltar pros Mancuso?*

Ele soltou Paulie com um empurrão e deu um passo para trás, respirando fundo.

— *Se os Mancuso souberem que você tá mexendo com a justiça, você já tá morto. E eu, Carlo, Santoro... todo mundo que anda com você, morto também. Porque diferente do seu pai, você não tem respeito. Você não tem peso. Você tem um sobrenome e um ego do tamanho dessa cidade.*

Paulie apertou os punhos, respirando fundo. Ele sentia o sangue pulsar nos ouvidos, a raiva queimando dentro dele. Mas, no fundo, sabia que Raffaele não estava errado.

Ele olhou para o carro, depois para o prédio do promotor. Depois para a cidade à sua volta.

Cada esquina, cada janela, cada sombra poderia ter olhos.

Ele puxou o ar pelo nariz e abriu a porta do carro.

— *Então vamos sair logo daqui antes que fiquemos mortos de verdade.*

Raffaele o observou por um instante, então deu um suspiro longo e entrou no carro também.

— *É a primeira coisa inteligente que você fez hoje.*

O carro deslizou pelas ruas de Nova York, o ronco do motor preenchendo o silêncio sufocante dentro do Cadillac. Raffaele

dirigia com uma mão no volante e a outra apoiada na porta, os olhos constantemente checando os espelhos. Paulie estava no banco do passageiro, rígido, os punhos cerrados sobre as pernas, a mandíbula trincada. Ele parecia uma panela de pressão prestes a explodir.

Raffaele olhou de relance para ele e suspirou.

— *Você sabia que o Yankees pegou um pitcher novo? Dizem que o cara arremessa uma bola mais rápida que qualquer um na liga.*

Silêncio.

Raffaele girou o volante para contornar uma esquina e tentou de novo.

— *E aquele restaurante novo no Brooklyn? O tal do Pascale's? Dizem que a carbonara deles é coisa de outro mundo.*

Nada. Paulie continuava olhando reto para o para-brisa, os olhos escuros e fundos, a raiva fervendo por dentro.

Raffaele bufou e balançou a cabeça.

— *Porra, Paulie, fala alguma coisa. Você tá aí parecendo um demônio prestes a fatar alguém.*

Paulie finalmente se mexeu, soltando um riso curto e seco, mas sem humor.

— *É o que eles fazem, não é?* — Ele virou o rosto para Raffaele, os olhos queimando. — *Fatiam a gente como se fôssemos carne de açougue.*

Antes que Raffaele pudesse responder, os faróis do carro de trás piscaram duas vezes. Marco, que dirigia o segundo veículo, acelerou e emparelhou com eles, abaixando o vidro do lado do passageiro.

— *Onde vamos? Quer que eu vá na frente pra abrir caminho?* — Ele falou alto o bastante para ser ouvido sobre o motor.

Raffaele olhou de relance para Paulie, como se esperasse uma resposta, mas Paulie apenas manteve os olhos fixos na estrada.

Raffaele suspirou e virou a cabeça para Marco.

— *Continua atrás. Qualquer merda, você reage primeiro.*

Marco assentiu, desacelerando ligeiramente para retomar a posição.

Paulie soltou o ar devagar, ainda fervendo.

Ele sabia que precisava pensar. Mas tudo o que queria agora... era sangue.

XX

Quem Está Internado

A mansão Pegorino estava mergulhada em um silêncio pesado, quase sepulcral. O sol da tarde atravessava as janelas altas, lançando sombras longas sobre o tapete persa do salão principal. Ferdinand Pegorino estava encostado no batente da porta, observando sua mãe.

Emilia Pegorino não se movia. Sentada no sofá de veludo azul, encarava a parede como se esperasse que ela lhe desse uma resposta. Seus olhos, fundos e sem brilho, estavam cravados em um ponto fixo, as mãos entrelaçadas sobre o colo. O vestido preto, que ela usava desde o funeral de Anthony, estava amarrotado. Ferdinand não lembrava a última vez que a vira comer de verdade.

Ele suspirou, desconfortável. Aquele silêncio era pior do que qualquer grito.

— *Mamma...* — Ele chamou, hesitante. Nenhuma resposta.

Ferdinand olhou ao redor, como se procurasse alguém que pudesse intervir, mas estavam sozinhos. Ele se aproximou um pouco mais.

— *Você quer que eu peça algo pra você comer? Eu mando a Carmella preparar alguma coisa leve...*

Nada.

Ele franziu a testa. Emilia piscou devagar, mas continuou encarando a parede. Ferdinand nunca foi um filho afetuoso,

mas naquele momento sentiu um incômodo estranho. Uma leve faísca de reciprocidade, de amor, ainda que enfraquecida. Ele não sabia como se conectar com a mãe, mas sabia que aquela mulher à sua frente não era a mesma que um dia fora a espinha dorsal da família.

Antes que ele tentasse mais uma vez, o som de passos apressados ecoou pela casa. A porta principal se abriu bruscamente.

Paulie entrou como uma tempestade. O rosto estava vermelho de raiva, os olhos faiscando. Atrás dele, Raffaele o seguia com um olhar cauteloso, mas sereno. Assim que cruzou a porta, Raffaele fez uma leve reverência com a cabeça.

— *Signora Pegorino*. — Ele disse respeitosamente. — *Ferdinand*. Ferdinand apenas assentiu, mas seus olhos estavam fixos no irmão.

Paulie parou no meio da sala, respirando pesado.

— *Pai foi esfaqueado*.

O silêncio que se seguiu foi insuportável.

Ferdinand se endireitou. O coração bateu forte no peito, mas seu rosto permaneceu impassível. Emilia, no entanto, reagiu. A cabeça dela virou lentamente na direção de Paulie, os olhos pela primeira vez com alguma centelha de vida.

— *Onde ele está?* — Sua voz saiu rouca, quebrada pelo luto e agora pela preocupação.

— *No hospital*. — Paulie respondeu abruptamente, os punhos cerrados. — *Mas você não pode ir, mamma. Você não pode vê-lo assim*.

A transformação foi instantânea. A apatia que a consumia nos últimos dias evaporou em um instante. Emilia Pegorino se levantou, ajeitou o vestido e olhou para Raffaele.

— *Leve-me até meu marido*.

— *Mamma...* — Paulie tentou argumentar, mas ela ergueu a mão.

— *Paulie, eu disse que quero ver meu marido.*

Os olhos dela estavam duros, inflexíveis. Não havia espaço para discussão.

Raffaele olhou para Paulie como quem pedia permissão, mas Paulie apenas cerrou o maxilar.

Ferdinand, que até então observava tudo calado, ajeitou o paletó e disse, num tom seco:

— *Eu também vou.*

Paulie suspirou, passando a mão pelo rosto.

— *Merda... Tá bom. Vamos.*

Emilia Pegorino já caminhava na direção da porta antes que Paulie terminasse de falar.

Raffaele se aproximou dela, oferecendo o braço como apoio.

— *Vamos com calma, signora. Vai ficar tudo bem.*

Ela aceitou o gesto, mas seus olhos diziam que não acreditava em uma palavra sequer.

O hospital tinha aquele cheiro característico de éter e desinfetante, misturado ao perfume da cera velha no chão de linóleo. O silêncio ali era estranho, interrompido apenas pelo tilintar dos passos apressados das enfermeiras e pelo zumbido baixo dos aparelhos.

No quarto reservado, Renzo Pegorino estava deitado, pálido, o rosto ainda sujo de sangue seco nos cantos da boca. Seu peito subia e descia de maneira irregular. Os tubos e fios que saíam dele pareciam uma afronta à imagem do homem poderoso que sempre fora.

Joe estava sentado ao lado da cama, a cabeça baixa, as mãos cruzadas entre os joelhos. O rosto estava pesado, o olhar perdido. Parecia um homem que carregava o peso do mundo nos ombros. Seu melhor amigo estava ali, entre a vida e a morte, e ele nada podia fazer além de esperar.

Carlo estava parado na porta, de braços cruzados, mas com a mão dentro do casaco, os dedos firmes no cabo do revólver.

Cada pessoa que passava pelo corredor era analisada com frieza. O hospital estava longe de ser um território seguro.

Os passos ecoaram no corredor antes da porta se abrir. Emilia entrou primeiro, com Ferdinand logo atrás.

A mulher parou assim que viu o marido naquela cama. O choque a fez cambalear levemente. O lençol branco, a pele pálida, o tubo de oxigênio, tudo aquilo parecia um pesadelo. Ela levou a mão à boca, os olhos marejando.

— *Madonna Santa...*

Ferdinand não disse nada de imediato. Apenas observou. Seu pai, aquele que sempre fora uma presença imponente e indestrutível, parecia tão... pequeno.

Joe se levantou ao vê-los. Ele não era um homem de se emocionar facilmente, mas agora, vendo Emilia ali, sua garganta apertou.

— *Doutores dizem que ele tem chance.* — Joe disse, tentando soar otimista, mas sua voz estava rouca. Ele passou a mão pelo rosto. — *Mas precisa descansar. E precisamos garantir que ele possa descansar.*

O subtexto estava claro. Emilia assentiu, limpando uma lágrima do canto do olho.

Ferdinand cruzou os braços, desviando o olhar de Renzo para Joe.

— *Quem está no hospital agora?*

Carlo respondeu antes que Joe pudesse falar.

— *A gente. E mais alguns lá fora. Mandamos reforços pra todos os andares. Mas isso aqui ainda é um hospital, qualquer um pode entrar e sair.*

Emilia ignorava a conversa. Lentamente, ela se aproximou da cama. Olhou Renzo por um longo tempo, como se memorizasse cada detalhe. Então, baixou-se e sussurrou:

— *Se você morrer, eu vou atrás de você, Renzo. Eu juro por Deus que vou.*

Joe desviou o olhar, apertando a ponte do nariz, tentando conter a emoção.

Ferdinand observava a cena, o maxilar travado. Ele respirou fundo, depois virou-se para Joe.

— *Quem fez isso?*

Joe não respondeu de imediato. Olhou Ferdinand nos olhos e então disse, com uma voz carregada de um ódio frio:

— *As nossas famílias rivais.*

O nome de cada família soava como um prego sendo martelado.

Ferdinand assentiu, processando a informação. Então, virou-se para a mãe, ainda ao lado de Renzo.

— *Vamos levar ela pra casa.*

— *Não.* — Emilia disse, sem desviar os olhos do marido. — *Eu fico.*

Paulie entrou no quarto naquele momento, com os olhos ainda vermelhos da raiva e do desespero. Viu a mãe ao lado da cama e se aproximou.

— *Mamma, você precisa descansar.*

— *E você precisa entender que eu sou sua mãe.* — Ela respondeu, sem alterar a voz. — *E eu vou ficar aqui até o meu marido acordar ou morrer.*

Paulie respirou fundo. Ele não queria brigar com ela.

Joe, então, olhou para Carlo.

— *Chame Basílio e Fiore. Quero mais dois na porta.*

Carlo assentiu e saiu sem dizer nada.

O quarto caiu em silêncio.

Paulie olhou para o pai. Depois para Joe. Depois para a mãe. Então para Ferdinand.

A raiva que ele sentia, aquela fúria borbulhante, parecia se transformar em algo mais profundo. Algo mais frio. Algo que não ia desaparecer tão cedo.

Paulie saiu do quarto como se o ar ali dentro estivesse o sufocando. A raiva ardia em sua pele, sua mente girava com pensamentos soltos, desordenados, como se precisasse agir naquele exato momento ou enlouqueceria. Ele passou pelos corredores estreitos do hospital, ignorando enfermeiras e pacientes, até sentir uma mão forte agarrá-lo pelo ombro e puxá-lo de volta.

Ele girou o corpo, os olhos faiscando. Ferdinand estava ali, o rosto tenso, os lábios apertados.

— *Onde você vai?* — Ferdinand perguntou, a voz mais baixa do que queria. — *Vai fazer alguma merda?*

Paulie soltou o braço do irmão com um movimento brusco.

— *Não sei.*

Ferdinand olhou ao redor, os ombros rígidos. Ele conhecia Paulie bem demais. Sabia o que aquele olhar significava. Sabia o que vinha depois.

Ele respirou fundo, engolindo o orgulho e a distância que sempre existiu entre eles. Quando falou, sua voz saiu mais urgente, quase um sussurro implorativo:

— *Paulie, por favor... não vá. Não agora. Não desse jeito.*

Paulie apertou o maxilar, sentindo o sangue ferver.

— *Você tá preocupado agora, Ferdinand?* — Ele soltou uma risada curta, amarga. — *Sempre me olhou de cima. Sempre quis ser melhor que eu. Desde moleque. Agora quer bancar o irmão bondoso?*

Ferdinand congelou. Aquelas palavras o atingiram mais do que ele queria admitir. Por um instante, ele não soube o que dizer.

Paulie viu a hesitação e soltou um suspiro pesado. Passou as mãos pelos cabelos, como se quisesse arrancar a raiva de dentro dele.

— *Sai do meu caminho.*

Ferdinand continuou ali, parado, mas sem conseguir mover um músculo. Ele queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas as palavras não saíam.

E então Paulie se afastou. Ele andava rápido, determinado, a sombra de um homem que não podia mais ser parado.

Paulie descia as escadas do hospital com passos pesados, a raiva e o medo se misturando dentro dele de uma forma que ele nunca tinha sentido antes. Seu peito subia e descia rapidamente, o ar frio de Nova York entrando como navalhas em seus pulmões. Ele não sabia exatamente para onde ia, mas sabia que não podia ficar ali. Não podia olhar para aquele hospital por mais um segundo.

Na calçada, Fiore acendia um cigarro com um gesto lento, como se tivesse todo o tempo do mundo. A chama do isqueiro tremulou e iluminou seu rosto por um instante. Perto dele, Manolo Cantero chegava, fechando a porta do carro com um estrondo seco. Cantero não disse nada, apenas deu um aceno de cabeça para Fiore.

— *Como está lá em cima?* — Cantero perguntou, a voz grave. Fiore deu de ombros, soltando a fumaça pelo nariz.

— *Respirando. Mas a cidade já tá falando.*

Cantero apertou os olhos, olhando ao redor com cautela.

— *Tá todo mundo falando?*

— *Mancuso, Bellantoni, os outros... Todos estão esperando pra ver quem sangra primeiro.*

Fiore tinha deixado sua pistola no capô do carro, um gesto despreocupado de quem achava que ninguém ousaria fazer nada ali, bem em frente ao hospital. Paulie viu aquilo.

E então tudo dentro dele congelou.

A arma estava ali.

Ele sentiu o peso da decisão pressionando seu peito. Pegá-la significava atravessar um limite que ele nunca havia cruzado. Era uma linha invisível que seu pai sempre manteve longe dele, como se quisesse protegê-lo daquele mundo — mas agora seu pai estava entre a vida e a morte.

Paulie olhou para Fiore e Cantero, que estavam distraídos, conversando em meio à fumaça do cigarro. Seu coração batia tão forte que ele sentia nos ouvidos.

Num gesto tenso, quase automático, ele pegou a arma. Sua mão tremia.

Ele a escondeu no paletó, mas foi desajeitado, como alguém que nunca precisou esconder uma arma antes. O metal frio pressionava sua costela, e ele sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Sua mão estava dormente, como se não pertencesse a ele.

Sem olhar para trás, começou a andar, escolhendo o lado oposto de Fiore e Cantero. Seus passos eram apressados, mas ele tentava não parecer óbvio.

O peso da arma era insuportável.

Cada batida do coração parecia empurrá-lo para frente, e ao mesmo tempo puxá-lo para trás.

Quando chegou à esquina, seu carro estava ali.

Esperando.

Assim como o caminho que ele havia acabado de escolher.

Paulie entrou no carro com um baque surdo, os ombros tensos e a respiração pesada. Com um movimento brusco, arrancou a arma de dentro do paletó e a jogou no banco do passageiro como se queimasse em suas mãos. O metal fez um som seco contra o couro.

Ele ficou ali por um segundo, o motor ainda desligado, os dedos apertando o volante. Sua perna tremia levemente, mas ele a forçou a parar.

Olhou para a arma.

O brilho do metal frio sob a luz fraca dos postes parecia zombar dele.

Ele passou a língua nos lábios, engoliu seco.

— *Você já sabe o que tem que fazer...*

Sua própria voz saiu baixa, como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

Fechou os olhos por um instante. Inspirou fundo.

Com a mão trêmula, pegou a arma de novo, dessa vez com mais calma. O metal gelado contra sua pele o fez estremecer. Ele a segurou com as duas mãos, sentindo o peso real daquilo, da escolha que estava fazendo.

Levantou a arma devagar, encostando-a na própria testa por um instante. Depois a deslizou pelo rosto, sentindo o aço gelado contra a pele quente. O coração martelava no peito.

Ele soltou o ar devagar, abriu os olhos.

Agarrou o câmbio com força.

Gritou alguma coisa incompreensível entre os dentes cerrados e girou a chave na ignição.

O motor rugiu alto.

Paulie engatou a marcha, pisou no acelerador com força e o carro saiu cantando pneu pela rua molhada, deixando para trás o hospital, sua família, suas dúvidas.

Só restava uma coisa agora.

Emilia continuava sentada ao lado da cama de Renzo, seus olhos fundos observando o rosto imóvel do marido. O barulho constante dos aparelhos ao redor preenchia o silêncio do quarto, mas ela parecia alheia a tudo, perdida nos próprios pensamentos.

Após um longo instante, virou-se para Ferdinand, que estava encostado na parede, os braços cruzados.

— Onde está seu irmão? — perguntou, sem alterar o tom de voz.

Ferdinand piscou, confuso.

— Eu... não sei.

Emilia respirou fundo, desviando o olhar por um momento antes de voltar a encará-lo.

— Vá chamá-lo.

Ferdinand hesitou. Ele sabia que Paulie não estava mais ali. Mas apenas assentiu e saiu do quarto, fechando a porta com cuidado.

Desceu as escadas rapidamente, perguntando a alguns dos homens da escolta se tinham visto Paulie. Todos negaram.

Quando chegou à entrada do hospital, o vento frio o atingiu no rosto. Ele saiu para a calçada e, sem querer, captou um pedaço de conversa ao virar a esquina.

— Merda... Não pode ter sumido assim! — a voz de Fiore estava tensa, carregada de frustração.

Ferdinand franziu a testa e caminhou mais devagar. Ele viu Fiore e Manolo Cantero agachados, olhando debaixo de um carro estacionado.

— Você tem certeza que deixou aqui? — sussurrou Cantero, vasculhando o chão ao redor.

— É óbvio que sim! Eu deixei em cima do capô enquanto ia falar com você!

Os dois continuaram a procurar desesperadamente, checando entre os pneus, olhando por cima das caixas de papelão largadas na calçada.

Ferdinand deu mais um passo para se aproximar, e nesse exato momento Fiore ergueu o olhar e o viu.

A expressão dele congelou por um segundo. Cantero também notou a presença de Ferdinand e imediatamente se levantou, limpando as mãos na roupa como se nada estivesse acontecendo.

O silêncio repentino fez Ferdinand estreitar os olhos.

— O que vocês tão procurando?

Fiore abriu a boca, mas nada saiu. Ele olhou para Cantero, que pigarreou e forçou um sorriso.

— Nada... Só uma carteira. Um dos rapazes perdeu uma carteira aqui.

Fiore concordou rapidamente.

— Isso. Uma carteira. Deve ter caído no chão quando a gente chegou.

Ferdinand olhou para os dois, desconfiado. Havia algo errado ali. Muito errado.

Mas ele não teve tempo para questionar.

Seu peito gelou com um pensamento repentino.

Paulie.

Ele saiu andando depressa, sem dizer mais nada, deixando Fiore e Cantero trocando olhares tensos atrás dele.

XXI

Explosão de Furia

A noite havia caído sobre Nova York, e a cidade estava envolta em um frio cortante. Paulie Pegorino dirigia pelas ruas escuras, as mãos firmes no volante, a mente fervendo de raiva e desespero. O motor do carro roncava baixinho enquanto ele parava a alguns metros do Tribunal Distrital do Estado de Nova York. A avenida deserta e a luz fraca dos postes lançavam sombras longas e inquietantes na calçada.

Ele desligou o carro e ficou ali por um instante, respirando pesadamente.

Carros pretos estavam estacionados próximos à entrada lateral do tribunal, dois modelos Cadillac Fleetwood, brilhando sob a luz amarelada dos postes. Algo sobre eles parecia errado. Paulie sentiu um arrepio subir pela espinha, mas ignorou. Ele puxou a arma que roubara de Fiore, verificou a munição e a enfiou dentro do paletó, junto ao corpo.

Saiu do carro e caminhou apressado até a entrada principal. Seu sapato ecoava nos degraus de mármore do tribunal vazio. O silêncio do prédio era opressor, o ar carregado com o cheiro levemente metálico dos aquecedores antigos. Os corredores

estavam escuros, apenas uma lâmpada piscando em um canto distante.

Então, vozes.

Paulie parou subitamente, sua respiração acelerou. Ele seguiu devagar até a porta do escritório de Ernest Wakefield, o promotor com quem ele conversara mais cedo. A porta estava entreaberta, e por um espaço estreito ele pôde ver o que acontecia lá dentro.

Ernest Wakefield estava atrás de sua mesa de mogno, os olhos baixos, entregando um envelope pardo para Angelo Mancuso, que estava sentado à sua frente.

— Pegorino sabe demais — disse Wakefield, sua voz fria, quase indiferente. — Eu nunca deveria ter aceitado isso dele. Paulie sentiu seu sangue ferver. A traição era explícita, um tapa na cara.

— Filho da puta... — sussurrou.

Antes mesmo de raciocinar, empurrou a porta com força, que bateu contra a parede com um estrondo.

Wakefield arregalou os olhos. Mancuso e seus homens se moveram instintivamente para pegar suas armas, mas Paulie foi mais rápido.

Ele ergueu o revólver e disparou.

O primeiro tiro atingiu Wakefield no pescoço, e um jato de sangue espirrou contra os papéis sobre a mesa. O promotor cambaleou para trás, levando as mãos trêmulas à ferida aberta, seus olhos revirando em choque absoluto.

O segundo tiro pegou bem no peito. Wakefield caiu sobre sua cadeira, os braços frouxos ao lado do corpo, o sangue escorrendo lentamente pelo paletó caro.

Mas Paulie mal teve tempo de respirar.

Um dos homens de Mancuso, que estava à direita da porta, ergueu sua pistola e disparou três vezes.

O primeiro tiro acertou Paulie na lateral do abdômen, fazendo seu corpo se dobrar de dor instantaneamente.

O segundo pegou bem no meio do peito, jogando-o contra a parede atrás de si. Seu coração disparou, batendo com uma força absurda, tentando compensar a hemorragia interna.

O terceiro e último tiro encontrou seu ombro esquerdo, fazendo sua mão soltar a arma, que caiu no chão com um som seco.

Paulie tentou respirar, mas o ar vinha em pequenas golfadas, fraco, insuficiente. Ele deslizou para o chão, sua visão começando a escurecer.

O gosto metálico do sangue preencheu sua boca. Ele tentou falar, mas não conseguia emitir som algum.

O tribunal parecia girar ao seu redor.

O teto alto, os vitrais escuros... tudo parecia tão distante agora.

Sua mão tremia, erguendo-se levemente, mas logo caiu de volta ao chão, sem força.

Ele tentou se lembrar de algo. O rosto de seu pai. O jardim da mansão dos Pegorino. Ferdinand e ele quando crianças, correndo pela casa.

Mas tudo isso desapareceu.

Seu corpo ficou pesado. Seu coração deu uma última, lenta batida.

E então, Paulie Pegorino se foi.

XXII

Mais um Pegorino

O silêncio no quarto do hospital era quase absoluto, quebrado apenas pelo bip intermitente das máquinas que mantinham Renzo Pegorino vivo. A luz fluorescente tornava tudo mais pálido, mais frio. Emilia estava sentada ao lado do marido, os dedos magros entrelaçados aos dele, como se pudesse puxá-lo de volta apenas com o toque. Seus olhos fundos, vermelhos, denunciavam que não dormia há dias.

Ferdinand observava a mãe com uma preocupação crescente. Ela não comia, não bebia, não se levantava. Apenas ficava ali, imóvel, como se estivesse sendo drenada junto com Renzo.

— Mamma... — ele tentou, sua voz baixa, cautelosa.

Ela não respondeu. Seus olhos continuaram fixos no rosto inerte de Renzo.

— A senhora precisa comer alguma coisa — insistiu Ferdinand. — Já faz dias.

— Não estou com fome.

Ele fechou os olhos por um instante, contendo um suspiro.

— A senhora não pode ficar assim. Papà vai precisar da senhora forte quando acordar.

Emilia finalmente desviou o olhar para ele, e havia algo perigoso ali. Uma mistura de dor e fúria silenciosa.

— Quando ele acordar? — sua voz era um sussurro áspero. — Você tem certeza disso, Ferdinand?

Ferdinand apertou os lábios. Ele não tinha. Ninguém tinha. Mas mentir era mais fácil.

— Vai acordar, mamma.

Emilia voltou a olhar para Renzo e apertou um pouco mais forte a mão dele.

Antes que Ferdinand tentasse falar de novo, passos firmes ecoaram pelo corredor. A porta se abriu, e Giorgio entrou. O capanga parecia exausto, o sobretudo escuro molhado pela chuva fina que começava a cair lá fora. Seus olhos sérios passaram de Ferdinand para Emilia.

— Precisamos conversar — disse ele, e pela sua voz já dava para perceber que era algo grave.

Ferdinand franziu o cenho.

— O que foi?

Giorgio hesitou por um breve segundo antes de respirar fundo.

— Paulie foi morto esta noite.

O impacto foi imediato. Emilia endureceu na cadeira, e seus olhos se arregalaram levemente, como se seu corpo ainda estivesse processando a frase. Ferdinand, por outro lado, sentiu o estômago revirar.

— O quê? — sua voz saiu sem força.

— No tribunal — continuou Giorgio. — Não sabemos quem foi. Mas... provavelmente foram os Mancuso. Ou a Bratva.

Ferdinand deu um passo para trás, como se tivesse sido atingido fisicamente pela notícia.

— Isso... isso não faz sentido — murmurou, o peito subindo e descendo com a respiração acelerada. — Paulie não tinha nada a ver com a Bratva...

— Não importa. Eles estão avançando — Giorgio continuou, sério. — Querem destruir essa família. E estão conseguindo.

O silêncio que seguiu foi sufocante.

Então, Emilia soltou a mão de Renzo e se levantou devagar.

— Quero ver meu filho.

Ferdinand piscou, confuso.

— Mamma...

— Agora.

Ela se virou para Giorgio.

— Leve-me até ele.

Ferdinand olhou para Giorgio, esperando que ele tentasse argumentar. Mas o capanga apenas assentiu, o rosto duro.

— Eu também vou — disse Ferdinand, sem hesitação.

Giorgio apenas suspirou, gesticulando para que eles o seguissem.

A noite estava apenas começando.

O carro deslizou suavemente pela rua molhada, o reflexo das luzes de néon tremulando nas poças espalhadas pelo asfalto. O silêncio dentro do veículo era denso, carregado. Emilia Pegorino estava sentada no banco de trás, rígida, os olhos fixos na janela, mas sem realmente enxergar nada. Ferdinand estava ao lado dela, os dedos entrelaçados no próprio colo, como se tentasse segurar algo que escapava por entre seus dedos.

Giorgio dirigia com as mãos firmes no volante, sem dizer uma palavra. Sabia que não havia nada a ser dito.

Quando o carro parou em frente ao necrotério, a única coisa que se ouvia era o motor desligando. Emilia não se moveu.

Ferdinand olhou para ela.

— Mamma...

Ela piscou lentamente, mas continuou imóvel.

— Eu... — sua voz falhou. Ela respirou fundo, tentou novamente. — Eu não posso.

Ferdinand sentiu o peito apertar, mas apenas assentiu.

— Eu vou — disse, abrindo a porta e saindo.

O ar frio da madrugada o atingiu, mas ele não sentiu nada. Suas pernas pareciam pesadas conforme caminhava para dentro do prédio, cada passo um esforço maior do que o anterior.

Dentro do necrotério, a iluminação era fria, impessoal. O cheiro de desinfetante pairava no ar.

Um dos funcionários o guiou até a sala onde o corpo havia sido colocado.

— Ele tá aqui — disse o homem, sem olhá-lo diretamente.

Ferdinand respirou fundo, engoliu seco e entrou.

E então viu.

Paulie estava deitado na mesa de metal, o paletó escuro ainda manchado de sangue, a camisa empapada, rasgada nos locais onde as balas haviam perfurado seu corpo. Um no peito. Outro na costela. O último, perto do estômago. O rosto estava pálido, mas ainda era Paulie. Seu irmão. Seu sangue.

Ferdinand sentiu o ar sair de seus pulmões.

Ele nunca vira Paulie assim. Nunca vira Paulie imóvel. Paulie era inquieto, impulsivo, um furacão em movimento constante. Agora, estava ali, sem reação, sem volta.

Um tique nervoso puxou o canto de sua boca, e sua respiração ficou irregular. Suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo.

Ele queria sentir raiva. Queria gritar. Mas tudo o que sentia era um vazio crescente.

Aquele não era Paulie.

Aquele era só um corpo.

Ele se aproximou hesitante, olhando para o rosto inexpressivo do irmão.

— Seu idiota... — murmurou, a voz saindo falha. — O que você fez?

O silêncio respondeu.

Ferdinand passou a mão no rosto, tentando manter a respiração controlada.

— Você sempre se achou tão esperto, tão valente... — Ele soltou um riso amargo. — Olha onde isso te levou.

Ele puxou um banco de metal próximo à mesa e sentou-se.

— Você nem ao menos pensou na mamma, não é? — Ele balançou a cabeça, encarando o chão. — Ela não consegue nem sair do carro.

O silêncio esmagador da sala era insuportável.

Ele se inclinou para frente, os cotovelos nos joelhos, a cabeça baixa.

— A gente brigou tanto quando moleque... e agora eu tô aqui, falando sozinho.

Ficou alguns segundos ali, respirando fundo, tentando organizar os pensamentos.

Mas nada fazia sentido.

Por fim, ele se levantou, ajeitou o paletó e olhou para o irmão uma última vez.

— Espero que tenha valido a pena.

Quando saiu da sala, seus passos eram mais firmes. Seu olhar, mais frio.

Do lado de fora, Emilia continuava no carro, ainda olhando para a janela, ainda sem enxergar nada.

Ferdinand abriu a porta e entrou.

Ela não perguntou nada.

Ele não disse nada.

Mas algo dentro dele havia mudado. Para sempre.

XXIII

Alguém Acordou

The New York Tribune — 5 de dezembro de 1955

"As últimas semanas trouxeram uma onda de incerteza para o submundo de Nova York. Fontes indicam que as famílias Mancuso, Bellantoni, Scarpelli e Tizzone têm enfrentado dificuldades internas, com operações sendo desmanteladas e negócios antes prósperos fechando repentinamente. Autoridades afirmam que o declínio dessas organizações não parece ser fruto de ações policiais, levantando suspeitas de conflitos internos."

The New York Herald — 10 de dezembro de 1955

"O declínio das quatro grandes famílias do crime organizado em Nova York coincidiu com uma série de execuções brutais. Ontem, Gaetano Morelli e Silvio Ventura, conhecidos associados da Família Pegorino e supostos executores, foram encontrados mortos em um beco no Brooklyn. Os dois corpos apresentavam marcas de tiros à queima-roupa, além

de lesões no pescoço, sugerindo métodos de intimidação incomuns no submundo."

Radio WNYC — 12 de dezembro de 1955

"A violência continua assolando a cidade. Renzo Pegorino, chefe da influente família Pegorino, permanece internado em estado grave após um atentado ocorrido semanas atrás. Enquanto isso, as autoridades ainda não conseguiram localizar os responsáveis pelo assassinato de Paulie Pegorino, ocorrido no Tribunal Distrital de Nova York. Fontes anônimas sugerem que os mesmos responsáveis pelo ataque a Renzo podem estar envolvidos no assassinato de Anthony Bellantoni, em um possível ajuste de contas dentro da máfia nova-iorquina."

O som dos monitores cardíacos preenchia o ambiente, um bip constante que se misturava ao zumbido fraco das lâmpadas fluorescentes. O quarto era frio e carregava aquele cheiro estéril e sufocante de hospital. A respiração de Renzo Pegorino, ainda inconsciente, era fraca, mas constante. Um tubo de oxigênio estava preso ao seu nariz, e seu rosto, outrora imponente, parecia mais magro, envelhecido pelo coma.

Ferdinand estava sentado na cadeira ao lado da cama, a perna balançando freneticamente. Seu peito subia e descia com uma

respiração curta e descompassada. Suas mãos tremiam levemente nos apoios da cadeira, enquanto seus olhos estavam fixos no rosto do pai, mas sem realmente vê-lo. Ele estava ali, mas sua mente estava em outro lugar.

As palavras de Giorgio ainda ecoavam em sua cabeça.

"Paulie foi morto nesta noite."

Desde então, Ferdinand não conseguia parar de pensar. Não conseguia comer. Não conseguia dormir. Ele via o rosto do irmão sempre que piscava. Via aqueles três buracos ensanguentados no corpo dele. Via a expressão de choque, de raiva, de medo, congelada para sempre em seu rosto sem vida.

E agora... agora Renzo poderia acordar.

As enfermeiras haviam dito que os sinais vitais estavam se estabilizando. Que havia movimento nos dedos. Que, em algum momento, ele poderia abrir os olhos.

Mas Ferdinand não sabia o que sentir.

Seu pai acordaria para quê? Para descobrir que Paulie estava morto? Que a família estava desmoronando? Que os Mancuso, os Bellantoni, os Scarpelli e os Tizzone estavam perdendo força, mas levando consigo tudo o que restava dos Pegorino?

Ele engoliu seco e passou a mão pelo rosto suado. Sua respiração estava irregular, como se estivesse prestes a sufocar.

— Senhor Pegorino...?

A voz suave da enfermeira o tirou de seu torpor. Ele piscou algumas vezes, tentando focar na mulher de uniforme branco que verificava os aparelhos.

— Hã? — murmurou, a voz arranhada.

— Os sinais dele estão mais fortes. Se continuar assim, pode despertar a qualquer momento.

Ela lhe lançou um olhar compreensivo antes de sair do quarto.

A qualquer momento.

Ferdinand olhou de novo para o pai.

E sentiu um aperto esmagador no peito.

Ele não estava pronto para isso.

O silêncio do quarto foi interrompido por um som fraco, um gemido rouco e sufocado. Ferdinand se sobressaltou. Ele arregalou os olhos e viu os dedos do pai se moverem lentamente sobre o lençol branco. Então, como se estivesse emergindo de um sonho profundo e doloroso, Renzo Pegorino abriu os olhos.

O castanho de sua íris estava embaçado, perdido entre a inconsciência e a realidade. Seus lábios secos se separaram levemente, e sua respiração veio pesada, irregular. Ele piscou algumas vezes, como se estivesse se acostumando à luz fraca do hospital.

Ferdinand congelou.

Ele nunca tinha visto o pai assim. Vulnerável. Quebrado.

Os olhos de Renzo, apesar de turvos, se moveram lentamente pelo ambiente até pousarem nele. O filho. Seu primogênito.

Um fraco sorriso se formou no rosto magro do velho, e, com a pouca força que tinha, ele levantou a mão e tocou o rosto de Ferdinand.

— Meu filho... — A voz saiu áspera, um mero sussurro.

O toque era quente, fraco, mas carregado de algo que Ferdinand não esperava: compaixão. Amor.

Foi o suficiente para desmoroná-lo.

Ferdinand começou a soluçar antes mesmo de conseguir falar. Seus ombros estremeceram, e ele abaixou a cabeça, tentando conter o choro. Mas era inútil. Uma dor cortante e insuportável tomou conta de seu peito, e, como um menino, ele segurou a mão do pai e a apertou contra o rosto.

— Papà... — balbuciou entre soluços. — Eu... eu sinto muito...

Renzo franziu levemente a testa, ainda atordoado.

— Filho... — Sua voz era lenta, hesitante. — O que... o que foi?

Ferdinand balançou a cabeça, apertando ainda mais a mão do pai.

— Paulie, papà... Paulie morreu.

Renzo ficou imóvel.

O mundo pareceu parar ali.

Por um instante, não houve som. Apenas a respiração débil do velho homem e os soluços descontrolados do filho.

O rosto de Renzo se contorceu lentamente em algo que Ferdinand nunca tinha visto antes. Dor. Pura e crua.

Seus lábios tremeram.

Ele piscou várias vezes, como se não acreditasse.

— Paulie...?

Sua voz quebrou no meio do nome.

Os olhos dele se encheram de lágrimas antes mesmo que ele compreendesse totalmente o que havia acontecido.

— Meu filho... — ele murmurou, quase sem ar.

E então, como se uma represa tivesse se rompido, as lágrimas caíram.

Renzo Pegorino, o homem mais temido de toda Nova York, chorava como um pai que havia perdido um filho.

Seus lábios balbuciavam palavras desconexas.

— Meu garoto... Paulie... Paulie...

Ele ergueu a outra mão trêmula para o rosto, os dedos apertando a pele marcada pelo tempo.

Ferdinand continuava soluçando, incapaz de parar, incapaz de respirar.

— Eu... eu não fiz nada, papà... — ele gemeu, a voz carregada de culpa. — Eu sou um idiota mesquinho... não consegui proteger o meu irmão...

Renzo fechou os olhos com força, e um soluço baixo escapou de sua garganta.

— Meu filho... meu filho...

A dor era quase palpável.

Um choro silencioso. Um luto que esmagava os dois ali, naquele quarto de hospital.

E nada, nada no mundo, poderia reparar aquilo.

O quarto do hospital parecia menor, sufocante. As paredes brancas refletiam a dor ali dentro, o peso insuportável do luto. Ferdinand mantinha a cabeça baixa, segurando a mão do pai com força, como se aquilo fosse impedi-lo de desmoronar ainda mais. Mas ele já estava despedaçado.

Renzo, ainda com o rosto molhado de lágrimas, olhava para o nada, como se tentasse entender. Como se esperasse acordar de um pesadelo.

— Quem? — Ele sussurrou, sem forças. — Quem fez isso com o meu garoto?

Ferdinand engoliu em seco, as mãos tremendo sobre o lençol.

— Ninguém sabe... — sua voz falhou. — Mas... pode ter sido a Bratva. Ou os Mancuso. Estão tentando acabar com a gente...

Renzo fechou os olhos por um instante, o peito subindo e descendo com dificuldade.

— Paulie... — murmurou de novo, e um gemido escapou de sua garganta, um som pesado, carregado de angústia.

Ferdinand respirou fundo, tentando controlar os soluços, mas não conseguia.

— Papà... eu devia ter impedido ele. Ele saiu sozinho naquela noite... eu vi que ele estava diferente, eu devia... eu devia...

A voz morreu em sua garganta, afogada pela culpa.

Renzo o encarou por um longo momento. Seus olhos, inchados e vermelhos, pareciam cavar fundo na alma de Ferdinand.

— Você acha que poderia ter parado Paulie? — Sua voz veio fraca, mas firme.

Ferdinand ficou em silêncio.

O velho Don balançou a cabeça lentamente, como se respondesse à própria pergunta.

— Seu irmão sempre teve fogo no sangue... — Ele desviou o olhar, as lágrimas caindo pelo rosto. — Desde pequeno, era assim. Nunca aceitava ouvir um “não”. Nunca recuava. Sempre achava que podia resolver tudo sozinho...

Ele fez uma pausa, respirando com dificuldade.

— Eu devia ter segurado ele... devia ter ensinado melhor...

— Seus olhos voltaram para Ferdinand, cheios de dor. — Mas como eu poderia? Ele era igual a mim.

Ferdinand sentiu um nó apertar sua garganta.

— Ele te admirava, papà. Queria ser você.

Renzo riu, mas foi um som curto, quase um suspiro.

— Não... — Ele fechou os olhos, a cabeça afundando no travesseiro. — Ele queria ser melhor do que eu.

O quarto ficou em silêncio por alguns segundos.

Ferdinand limpou o rosto com as mãos trêmulas.

— Ele morreu sem nada... — Sua voz saiu fraca. — Sozinho, num tribunal vazio...

Renzo apertou os lábios, os olhos marejados fixos no teto.

— Meu garoto... — Ele balançou a cabeça devagar. — Paulie morreu como viveu. Furioso. Sozinho.

Ferdinand engoliu seco, a dor martelando seu peito.

Renzo virou o rosto para o filho, sua expressão se suavizando por um momento.

— E você, meu filho? — Sua voz veio mais baixa. — O que vai fazer agora?

Ferdinand respirou fundo, sentindo o peso da pergunta.

Ele não sabia. Não sabia mais de nada.

Olhando para o pai ali, fraco, quebrado, algo dentro dele se partiu.

E talvez nunca mais voltasse a ser o mesmo.

Ferdinand limpou a garganta, tentando recuperar a compostura. Ainda sentia os olhos ardendo, o peito apertado, mas precisava manter o controle. Seu pai estava ali, vivo, e agora dependia dele para entender tudo o que havia acontecido.

— Enquanto você estava... desacordado... Joe deixou algumas cartas — disse, hesitante. — Relatórios das movimentações da família. Ele seguiu com o plano... com o que você ordenou antes do atentado.

Renzo ergueu os olhos lentamente. Por um momento, ficou em silêncio, apenas observando Ferdinand. Depois, estendeu a mão trêmula.

— Me dê.

Ferdinand puxou um envelope grosso do bolso interno do paletó e o entregou. Renzo o pegou com certa dificuldade, as mãos ainda fracas, mas determinadas. Com um suspiro, abriu a carta e começou a ler.

As palavras eram diretas, sem rodeios, como se Joe estivesse relatando os acontecimentos a um chefe que apenas cochilava por algumas horas:

"Renzo, como instruído, seguimos com o plano sem desvio. O golpe nas famílias está em curso, e os danos começam a aparecer. Matamos os gerentes financeiros dos Mancuso e dos Bellantoni sem alarde, como ordenado. A Bratva já percebeu que há algo errado, mas ainda não consegue provar nada.

Promotores, juízes e policiais do nosso lado continuam a atrasar processos, reter informações e garantir que os Mancuso e os Scarpelli sangrem. O juiz Monett, como previsto, invalidou as apelações da família Tizzone. Estão

perdendo território para os russos, exatamente como planejamos.

Manuel Clemenza mantém a palavra do pai. Os Clemenza nos apoiam, mas não querem exposição. Manuel fez com que os fornecedores de armas dobrassem os preços para os Bellantoni. Eles estão enfraquecendo.

A influência de nossos contatos no governo também foi usada para congelar algumas contas dos Mancuso, alegando investigação federal. O golpe foi certo, e sem dinheiro, eles estão paralisados. Não podem reagir sem se expor.

Até agora, nenhum traço leva a nós. Mas algo mudou. Paulie estava inquieto... ele se moveu sozinho. E agora está morto.

A guerra ainda não acabou, Don. Mas estamos vencendo."

Renzo terminou de ler e permaneceu imóvel, os olhos fixos no papel. Seus dedos amassaram a carta levemente.

Ferdinand observava cada detalhe do rosto do pai. O velho Don não demonstrava raiva. Não demonstrava satisfação. Apenas um cansaço profundo, um desgaste que parecia pesar sobre seus ombros como uma pedra enorme.

Finalmente, Renzo fechou os olhos e suspirou.

— Paulie era impaciente — disse, com a voz arrastada. — Ele nunca teria conseguido esperar pelo fim disso.

Ferdinand sentiu um nó na garganta.

— O que fazemos agora, papà?

Renzo abriu os olhos e encarou o filho. Seu olhar já não era o de um homem fraco, nem de um homem perdido. Era o olhar de um Don.

— Agora... terminamos o que começamos.

XXIV

Velhos Negócios

Renzo Pegorino respirou fundo, apoiando a mão trêmula sobre a coberta do hospital. Seus olhos se perderam por um instante no teto, como se estivesse reunindo forças para processar tudo. A mente trabalhava, lenta, mas metódica. Ele precisava tomar uma decisão, precisava agir. Mas antes...

— E sua mãe? — perguntou, sem olhar para Ferdinand.

O filho hesitou. Não queria preocupar ainda mais o pai, mas mentir para Renzo Pegorino era inútil.

— Não está bem.

Renzo desviou o olhar da parede e fixou-se no filho.

— O que quer dizer?

Ferdinand passou a mão no rosto, exausto.

— Desde que Paulie morreu, ela mal se alimenta. Fica sentada no mesmo lugar, sem falar com ninguém. Parece... um fantasma.

O velho Don fechou os olhos por um instante e assentiu lentamente.

— Emilia sempre foi forte... mas isso... — Ele não terminou a frase.

Ferdinand engoliu em seco. Nunca tinha visto o pai tão vulnerável.

— Ela queria vir te ver... mas não teve coragem de entrar no quarto.

Renzo abaixou a cabeça, os olhos fixos no lençol branco. O silêncio se estendeu entre os dois, carregado de dor.

— Preciso sair daqui — murmurou, quase para si mesmo.

Ferdinand franziu a testa.

— Papà, você acabou de acordar.

Renzo ergueu a mão, interrompendo o filho.

— Não posso ficar parado enquanto essa família desmorona.

— Seus olhos, embora cansados, tinham a intensidade de sempre. — Leve-me para casa.

Ferdinand hesitou. A ideia de tirar o pai do hospital tão cedo era absurda, mas algo no olhar do velho Don o impediu de contestar.

— Eu vou falar com os médicos... — disse por fim, sabendo que não tinha escolha.

Renzo assentiu devagar.

— E depois, Ferdinand... me leve até sua mãe.

Ferdinand hesitou por um momento, mas acabou assentindo.

— Tudo bem. Eu volto já.

Ele se levantou e saiu do quarto. Renzo ficou ali, observando a porta se fechar, e respirou fundo, apoiando a cabeça no travesseiro.

Lá fora, Ferdinand caminhou pelos corredores do hospital, passos firmes, mas a mente inquieta. O hospital estava silencioso àquela hora da noite, exceto por alguns murmúrios e o som distante de televisores. Quando passou pela recepção, viu um homem folheando um jornal, mas os olhos estavam fixos demais, sem realmente ler.

No estacionamento, um carro preto estava parado. O mesmo carro que ele tinha visto ao chegar.

Na cafeteria, o atendente, um homem magro de avental branco, mal ergueu os olhos antes de perguntar:

— O que vai querer?

— Um café preto, sem açúcar.

Enquanto esperava, Ferdinand observou o ambiente. Dois seguranças conversavam em um canto, mas um deles mantinha a mão perto do coldre.

Quando pegou o café, voltou pelo mesmo caminho, atento a cada detalhe. O homem do jornal não folheava mais nada. Apenas segurava o papel aberto, imóvel.

De volta ao quarto, encontrou Renzo encostado no travesseiro. Ferdinand entregou a bebida.

O velho Don pegou o copo de isopor, o papel enrugando sob seus dedos.

— Como está lá fora? — perguntou, casualmente.

Ferdinand hesitou um instante, então disse:

— Tranquilo... Mas tem um carro preto parado lá fora faz tempo. Um cara na recepção finge que lê um jornal, e um dos seguranças está segurando o coldre, como se estivesse esperando alguma coisa.

Renzo girou levemente o copo em suas mãos, como se estivesse perdido em pensamentos. Então, levou o café aos lábios e tomou um gole.

— Hm.

Não disse mais nada. Apenas olhou para Ferdinand por um longo momento, e um sorriso discreto — quase imperceptível

— tocou o canto de seus lábios.

Renzo tomou um gole do café, segurando o copo com as mãos firmes, apesar da fraqueza que ainda marcava seu corpo. Seus olhos estavam fixos em um ponto qualquer do quarto, como se enxergasse algo distante. Então, sem pressa, começou a falar, sua voz baixa e rouca.

— Quando eu era criança, eu sonhava em ser rico. Não queria andar com os bolsos vazios, não queria pegar ônibus, não queria comer o que desse. Eu olhava os homens de terno... aqueles que todo mundo respeitava... e sabia que era aquilo que eu queria.

Ferdinand ouviu em silêncio.

— Mas acontece que ser rico... não é só ter dinheiro. Não é só ter bons ternos ou carros caros. Isso qualquer um pode conseguir, se tiver sorte. O que realmente importa... o que realmente faz diferença... é poder.

Ele girou o copo entre os dedos, pensativo.

— Dinheiro sem poder não vale nada. Um homem pode ter uma fortuna e, no dia seguinte, perder tudo porque não soube se proteger. Porque confiou demais nas pessoas erradas. Mas um homem com poder... esse pode perder dinheiro hoje e recuperar amanhã. Porque as portas se abrem pra ele. Porque as pessoas olham pra ele com respeito... ou com medo.

Ferdinand desviou o olhar, refletindo sobre as palavras do pai.

Renzo suspirou, tomando outro gole do café.

— E poder, Ferdinand... poder vem da família. Não de alianças, não de amigos. Amigos traem, alianças quebram. Mas família... família é a única coisa que você pode contar.

Ele olhou para o filho, seus olhos cansados, mas carregados de uma certeza inabalável.

— Nos negócios, é a mesma coisa. Você pode fazer dinheiro de mil maneiras. Pode se cercar de gente esperta. Mas, se não souber quem realmente está do seu lado quando as coisas apertam... então já perdeu.

Silêncio.

Renzo terminou o café, pousando o copo vazio sobre a mesa ao lado da cama. Então, sem mudar o tom, murmurou:

— Você trouxe o café certo.

Ferdinand não respondeu. Apenas olhou para o pai, sentindo algo se mover dentro dele. Algo que ele não sabia explicar.

Os passos firmes de Joe, Giorgio, Santoro e Antonio ecoavam pelos corredores do hospital. Nenhum deles falava, mas a tensão estava presente no ar. Enfermeiras desviavam o olhar, e um segurança do hospital, ao ver aqueles homens, discretamente se afastou.

Joe parou em frente à porta do quarto, ajeitou a lapela do paletó e lançou um olhar rápido para os outros. Todos sabiam o motivo daquela reunião. Ele respirou fundo e abriu a porta. Renzo estava sentado na cama, sua postura demonstrava um cansaço natural, mas seus olhos mantinham a mesma intensidade de sempre. Ferdinand estava ao lado da cama do pai, mas, ao ver os homens entrarem, afastou-se e encostou-se na parede.

Joe foi o primeiro a falar:

— Don Renzo... é bom ver o senhor de volta.

Renzo não respondeu de imediato. Seu olhar percorreu os rostos de cada um, avaliando-os. Então, ele falou, com a voz mais rouca do que de costume:

— Como estão as coisas?

Foi Giorgio quem respondeu primeiro, de maneira prática e direta:

— Tivemos que fechar três restaurantes na última semana. O pessoal dos Mancuso tem feito visitas, sabe como é... os funcionários ficam nervosos, os clientes desaparecem.

Renzo manteve o olhar fixo em Giorgio, absorvendo as palavras sem demonstrar reação.

Antonio interveio:

— O cassino de Atlantic City ainda está de pé, mas tivemos que cortar pela metade as operações na sala vip. O hotel em Vegas ainda rende dinheiro, mas nada comparado ao que já foi.

Santoro pigarreou, olhando diretamente para o Don.

— O problema maior é Miami. Se continuarmos assim, vamos perder tudo lá. Os Bellantoni e os Tizzone estão comprando gente dentro das prefeituras, e alguns contratos que eram nossos já foram para eles.

Renzo apertou os olhos ligeiramente, absorvendo as informações.

— E os nossos amigos?

Joe foi quem respondeu dessa vez:

— Alguns ainda estão do nosso lado, mas ninguém quer se comprometer. Todos querem ver quem vai afundar primeiro antes de se moverem.

Renzo respirou fundo e recostou-se na cama por um momento, pensando.

O silêncio pesou no quarto. Os homens ali sabiam que estavam diante de um ponto de virada.

Finalmente, Renzo falou, sua voz mais baixa, mas carregada de decisão:

— Quero que vocês me esperem lá fora.

Nenhum deles questionou. Um a um, saíram do quarto, fechando a porta atrás de si.

Joe hesitou por um momento, mas Renzo ergueu a mão, indicando que ele ficasse.

Assim que ficaram sozinhos, Renzo ajeitou-se melhor na cama e olhou diretamente para Joe.

— Sente-se.

Joe puxou uma cadeira e sentou-se diante do velho Don, sabendo que agora a conversa era outra.

XXV

Precaução

Ferdinand saiu do hospital para tomar um pouco de ar. Sua cabeça estava cheia, e a conversa do pai com Joe ainda ecoava em sua mente. O silêncio da noite foi quebrado por uma voz feminina alterada.

— Me solta, seu desgraçado! — a voz soava desesperada.

Ele virou a cabeça e viu a cena. Uma enfermeira loira, jovem, era segurada brutalmente por um homem de roupas gastas e expressão deformada pelo álcool.

— Você acha que pode me envergonhar na frente de todo mundo? Hein? — o homem cuspiu as palavras, apertando ainda mais o braço dela.

Ela se contorcia, tentando se soltar, mas ele a empurrou contra um carro. Levantou a mão para bater.

Ferdinand caminhou na direção deles sem pressa, mas com uma firmeza silenciosa que não deixava margem para dúvidas.

— Tira as mãos dela.

A voz não era alta, mas carregava um peso que fez o homem pausar por um segundo antes de virar para encarar Ferdinand.

— E quem é você, playboy? Tá achando que pode dar ordens?

Ele riu, mas Ferdinand continuou imóvel, os olhos fixos nele, frios como aço.

— Solta. Ela.

O homem cerrou os punhos, inchado de arrogância.

— Ou o quê?

Ferdinand inclinou a cabeça levemente.

— Ou você não vai sair daqui inteiro.

O agressor riu de novo, dessa vez dando um passo à frente.

— Ah é? Então vem cá, engravatadinho, vamos ver quem — Ele não terminou a frase.

Três silhuetas surgiram atrás de Ferdinand, como sombras emergindo da escuridão. Giorgio, Antonio e Santoro.

A postura deles era impassível. Apenas Giorgio segurava uma pistola prateada, apontada casualmente para o agressor, como se nem fosse grande coisa. Antonio e Santoro apenas mantinham as mãos dentro dos sobretudos pretos, mas não precisavam mostrar nada. A ameaça estava no ar.

O homem empalideceu. O álcool ainda circulava em seu sangue, mas não o suficiente para deixá-lo burro. Ele engoliu seco, o olhar saltando entre os quatro homens à sua frente.

Ferdinand não precisou dizer mais nada. Apenas ficou ali, esperando.

O agressor soltou a enfermeira no mesmo instante, levantando as mãos devagar.

— Eu... eu não quero problema, cara. Foi um mal-entendido.

Ferdinand deu um passo à frente, diminuindo ainda mais a distância entre eles.

— Então some.

O homem assentiu rapidamente, virou-se e saiu andando tão rápido quanto as pernas permitiam.

O silêncio voltou ao estacionamento.

A enfermeira ainda estava ali, o olhar alternando entre Ferdinand e os outros três.

— Obrigada... — ela murmurou, ainda tentando recuperar o fôlego.

Ferdinand apenas lançou um último olhar para o vulto do agressor desaparecendo na esquina. Depois, ajeitou o paletó e começou a caminhar de volta para dentro do hospital.

Giorgio, Antonio e Santoro o seguiram, como se nada tivesse acontecido.

Ferdinand parou na entrada do hospital e, por um instante, sentiu um olhar sobre ele. Virou-se e viu a enfermeira loira parada perto da porta, ainda meio trêmula, mas com uma expressão curiosa.

— Você tá bem? — ele perguntou, mantendo o tom neutro.

Ela hesitou antes de dar um meio sorriso.

— Melhor agora. Aquele cara... ele já tinha me incomodado antes, mas hoje... — Ela balançou a cabeça. — Obrigada.

Ferdinand assentiu, observando-a. De perto, percebeu que ela era bonita, com olhos claros e um rosto delicado, mas havia algo mais: um olhar atento, inteligente.

— Você trabalha aqui há muito tempo?

Ela cruzou os braços, ainda se recuperando.

— Alguns anos. Mas nunca vi alguém resolver um problema tão rápido assim.

Ele deu de ombros.

— Algumas pessoas só entendem um tipo de linguagem.

A enfermeira o analisou por um momento, depois riu baixinho.

— Você tem um nome, ou eu devo chamar de “herói do estacionamento”?

Ele soltou um sorriso discreto.

— Ferdinand.

— Emily.

Ela estendeu a mão. Ele apertou, sentindo a pele dela ainda um pouco fria.

— Eu ia entrar pra tomar um café... se quiser, posso trazer um pra você.

Ferdinand abriu a boca para responder, mas foi interrompido pela voz de Joe.

— Ferdinand.

Ele se virou e viu Joe parado perto da saída do hospital, discreto, mas com aquele olhar de sempre — avaliando tudo, prestando atenção em cada detalhe.

Emily percebeu que algo mudou no ar.

— Bom... acho que você tem coisas pra resolver.

Ferdinand deu um pequeno aceno de cabeça.

— Até mais, Emily.

Ela sorriu de leve antes de entrar no hospital.

Quando Ferdinand se aproximou de Joe, percebeu que o tom do capanga era mais baixo, mais sério.

— Fica com seu pai essa noite.

Ferdinand franziu a testa.

— Alguma coisa aconteceu?

Joe olhou para os lados antes de puxar o paletó e sacar um revólver, entregando-o ao rapaz.

A arma era um Smith & Wesson Model 10, cano de quatro polegadas, acabamento azul-escuro. O revólver tinha um peso sólido na mão, a empunhadura de madeira polida bem ajustada aos dedos. As marcas de uso no cilindro e no cano indicavam que não era uma arma nova, mas estava bem cuidada. O tambor estava carregado.

Ferdinand olhou para Joe, um pouco hesitante.

— Eu não sei se...

— Escuta, garoto — Joe interrompeu, a voz firme. — Seu pai tá vivo, mas ainda tá vulnerável. E você é o único lá dentro agora.

Ferdinand apertou o cabo da arma, sentindo o peso real da responsabilidade que Joe estava colocando em suas mãos.

— E se eu não souber usar?

Joe bufou.

— Todo mundo sabe usar. Puxa o cão, aperta o gatilho. O difícil não é usar. O difícil é decidir quando.

Ferdinand engoliu seco.

Joe colocou a mão em seu ombro, firme.

— Seu pai confia em você. Eu confio em você. Só não deixa ninguém entrar nesse quarto que não deveria estar lá.

Ferdinand assentiu lentamente.

Joe soltou um meio sorriso.

— Vai ficar tudo bem, garoto.

Ferdinand respirou fundo, guardou a arma no paletó e voltou para dentro do hospital.

XXVI

A Primeira Lição

Ferdinand voltou ao quarto do pai e encontrou Renzo dormindo. A respiração do velho Don era lenta, pesada, e seu rosto, marcado pelo tempo, parecia menos severo no repouso. Ele se sentou ao lado da cama, deixando o revólver discretamente apoiado no colo.

A madrugada avançava, e o hospital estava mergulhado em um silêncio inquietante. Apenas o som ocasional de passos distantes das enfermeiras e o rangido das rodas de um carrinho de limpeza quebravam a monotonia. Ferdinand forçava-se a manter os olhos abertos, atento a qualquer coisa fora do normal.

Então, ele ouviu.

Baixo, discreto, mas distinto.

Um som seco, como um sapato se arrastando pelo chão encerado.

Ferdinand prendeu a respiração.

Os corredores estavam quase vazios. Apenas algumas enfermeiras e faxineiros deviam estar acordados àquela hora. Mas esse som não combinava com a rotina comum de um hospital.

Ele pegou a arma, sentindo o peso do aço frio em suas mãos. O tambor já estava carregado, as balas reluzindo sob a luz fraca do quarto.

Outro barulho.

Dessa vez, mais próximo.

Ferdinand se levantou devagar, a arma firme na mão, e se moveu até a porta, espiando pelo vão.

O corredor estava escuro, iluminado apenas pela luz fraca dos letreiros de emergência. O posto de enfermagem mais próximo estava vazio.

Então, um vulto se moveu no fundo do corredor.

Ferdinand sentiu o coração acelerar.

Ele respirou fundo, apertando o cabo da arma, e esperou.

Ferdinand recuou para dentro do quarto, mantendo-se nas sombras enquanto a silhueta se aproximava. O suor escorria por sua nuca. Sua respiração estava presa no peito, e seus dedos tremiam ao segurar o revólver.

A maçaneta girou lentamente.

A porta se abriu, revelando um homem alto, envolto em um sobretudo escuro. O brilho fraco da luz do corredor destacou seu rosto pálido e ossudo. Os olhos frios e fundos varreram o quarto até pousarem em Renzo, que dormia sem ter consciência do perigo.

O estranho murmurou algo em russo. Uma sentença seca, carregada de desprezo.

Ferdinand não entendeu as palavras, mas entendeu a intenção.

A pistola preta do russo se ergueu, apontada diretamente para a cabeça de Renzo.

O mundo ao redor de Ferdinand pareceu se estreitar. Ele ergueu sua arma, sem pensar, sem hesitar, sem saber direito o que estava fazendo.

O primeiro tiro estalou no quarto silencioso.

A bala pegou o russo no ombro, fazendo-o cambalear para trás.

O segundo tiro atingiu seu peito, e um jato de sangue se espalhou pelo chão.

O terceiro disparo foi baixo, pegando-o no abdômen. O russo arfou, seu corpo perdendo força.

O quarto tiro encontrou seu pescoço. O sangue espirrou em um jato quente enquanto o homem caía pesadamente de costas. Sua arma deslizou pelo chão, batendo contra a parede com um som seco.

O silêncio voltou, pesado, sufocante.

Ferdinand estava ofegante, as mãos tremendo, o coração disparado como um tambor de guerra dentro do peito.

O russo ainda estava vivo. Seu peito subia e descia com dificuldade, os olhos arregalados, o sangue escorrendo pela boca enquanto ele lutava para respirar.

Ferdinand avançou sobre ele, subindo em cima de seu corpo. O homem tossiu sangue, os lábios tremendo num misto de dor e pavor.

Ferdinand ergueu o revólver e, com um movimento selvagem, desferiu a primeira coronhada contra o rosto do russo.

Um estalo seco.

O nariz quebrou, jorrando sangue.

Outra pancada.

O crânio do homem afundou levemente, os olhos vidrando.

Mais uma.

E outra.

E outra.

Os golpes continuaram, brutais, cegos, impulsionados por algo primitivo que Ferdinand nunca havia sentido antes.

Seu rosto estava vermelho, os músculos do pescoço tensionados, as veias saltando da testa. Seu peito subia e

descia rápido, cada respiração parecendo um soluço de pura raiva e desespero.

Ele só parou quando percebeu que não havia mais resistência sob ele.

O rosto do russo era uma massa irreconhecível de carne, ossos quebrados e sangue.

Ferdinand ficou ali, imóvel, as mãos cobertas de sangue, o peito arfando.

O som de passos apressados ecoou pelo corredor.

Renzo estava acordado.

Ele observava Ferdinand, os olhos pesados, mas atentos. O silêncio do quarto parecia mais opressor agora.

Ferdinand olhou para o pai e, de repente, sentiu o que havia feito.

O sangue em suas mãos, o cheiro metálico impregnado no ar, o corpo destruído sob ele. Seu peito começou a subir e descer rápido demais, seus lábios tremeram.

— Meu Deus... meu Deus... eu não acredito que eu matei alguém... — sua voz saiu trêmula, quase num sussurro. Seus olhos se arregalaram. Ele deu um passo para trás, depois outro, como se quisesse fugir da cena, mas suas pernas tremiam. — Meu Deus, meu Deus...

Seu coração parecia querer explodir.

— Meu Deus... meu Senhor... meu Deus, me perdoe...

O pânico tomou conta dele. Suas mãos tremiam tanto que ele deixou o revólver cair no chão. Sua respiração era rápida, descontrolada. Ele sentia uma pressão absurda no peito, como se estivesse sendo sufocado.

— Acalme-se e ligue para o Joe — a voz de Renzo era grave, mas tranquila.

Ferdinand não ouviu. Seu olhar estava perdido no cadáver, na cena brutal que ele mesmo havia causado.

— Meu Deus... meu Deus...

— Filho, ligue para o Joe.

Mas ele não escutava. Seu corpo inteiro estava tomado por um desespero avassalador, seus pensamentos atropelando uns aos outros em um turbilhão de medo.

Foi então que Renzo ergueu a voz, com um tom de autoridade fria e cortante:

— Vire homem! — sua voz soou como um trovão dentro do quarto. — Não deixe seus medos transparecerem. Vire um homem!

Ferdinand piscou rápido, tentando recuperar o fôlego. Seu corpo ainda tremia, mas ele forçou-se a respirar fundo.

Renzo tossiu, fechando os olhos por um momento. Depois abriu de novo, com a mesma calma que sempre teve.

— Ligue para o Joe. Ele está em casa.

Ferdinand engoliu em seco, pegou o telefone com as mãos sujas de sangue e discou.

O telefone tocou apenas uma vez antes de Joe atender.

— Sim?

Ferdinand tentou falar, mas sua voz saiu falha.

— Um russo... tentou matar meu pai...

Do outro lado da linha, silêncio.

— O homem tá vivo? — Joe perguntou, sem emoção na voz.

Ferdinand apertou os olhos e olhou para o chão. O corpo sem vida jazia ali, imóvel, em uma poça de sangue.

— Eu o matei.

Joe demorou um segundo para responder.

— Estou a caminho.

A ligação desligou.

Ferdinand ficou parado por um momento, o telefone ainda na mão. O silêncio do quarto parecia mais pesado do que antes. O cheiro de sangue enchia suas narinas, e a poça escura sob o cadáver começava a se espalhar pelo chão branco do hospital.

Renzo observava o filho com olhos frios, mas sem julgamento. Apenas a expectativa silenciosa de um homem que já vira isso antes, que já vivera isso antes.

— Você está bem? — Renzo perguntou, a voz baixa, arrastada. Ferdinand engoliu em seco, seus olhos fixos na massa irreconhecível que antes era um rosto humano. Ele sentiu um nó subir pela garganta, algo denso e incômodo. Não era culpa. Não era arrependimento. Era outra coisa. Algo que ele não conseguia nomear.

— Ele ia te matar... — murmurou, como se precisasse justificar para si mesmo.

— Eu sei — Renzo respondeu simplesmente.

Ferdinand passou a mão pelo rosto, espalhando o sangue seco pelo queixo e pela testa. Sua mente tentava organizar os últimos minutos, mas tudo parecia um borrão vermelho.

Então, passos pesados ecoaram pelo corredor.

Ferdinand olhou para a porta no mesmo instante em que ela se abriu.

Joe entrou primeiro, seu sobretudo escuro balançando com o movimento. Atrás dele, Giorgio e Santoro seguiram sem dizer uma palavra. Antonio ficou na porta, vigiando o corredor.

O olhar de Joe passou pelo corpo no chão, subiu para Ferdinand e, finalmente, parou em Renzo.

— Você tá bem, Don? — perguntou.

Renzo assentiu com um pequeno movimento de cabeça.

Joe então voltou os olhos para Ferdinand. Ele notou as mãos sujas de sangue, o olhar meio perdido, o peito ainda subindo e descendo rápido.

Ferdinand não era mais um garoto. Mas também não era um homem feito. Ainda não.

Joe suspirou, caminhando até ele. Pegou um lenço do bolso interno do casaco e entregou ao rapaz.

— Limpe as mãos — ordenou, a voz calma.

Ferdinand pegou o lenço com dedos rígidos. Começou a limpar o sangue, mas sentiu que o tecido não era suficiente. Seu rosto continuava sujo. Seu pescoço também.

Joe olhou para Giorgio e fez um sinal curto com a cabeça.

Giorgio e Santoro se moveram sem hesitação. Pegaram o corpo do russo e o ergueram como se fosse um saco de carne. O sangue pingava pelo chão enquanto eles saíam do quarto, desaparecendo pelo corredor.

Joe puxou Ferdinand pelo braço e o levou até a pia do banheiro no canto do quarto.

— Lave o rosto.

Ferdinand girou a torneira e enfiou as mãos debaixo da água fria. O sangue desceu pelo ralo em redemoinhos escuros. Ele esfregou o rosto, os olhos, sentindo a pele arder.

Joe o observava pelo reflexo do espelho.

— Foi a primeira vez? — perguntou.

Ferdinand assentiu.

Joe ficou em silêncio por um instante.

— A primeira vez é sempre a pior — disse por fim. — Mas não pense muito nisso. Ele ia matar seu pai. Você fez o que precisava ser feito.

Ferdinand fechou os olhos, sentindo a água pingar do queixo.

— Eu sei...

Joe deu um tapinha leve em seu ombro.

— Então pare de tremer.

Ferdinand respirou fundo. Fechou as mãos em punhos.

Quando abriu os olhos de novo, o espelho mostrava um rosto diferente. Ainda o mesmo, mas diferente. Algo havia mudado.

Ele pegou a toalha ao lado da pia e secou o rosto.

Joe o analisou mais uma vez, depois soltou um pequeno sorriso de canto.

— Agora você parece mais um homem.

A tensão ainda pairava no quarto quando Joe se aproximou de Renzo e colocou uma mão firme em seu ombro.

— Precisamos sair daqui, Don. Já limparam tudo, mas é questão de tempo até alguém fazer perguntas demais.

Renzo assentiu lentamente, mas seu olhar recaiu sobre Ferdinand. O rapaz estava sentado, as mãos sobre os joelhos, encarando o chão. Ele respirava rápido, o peito subindo e descendo como se tentasse controlar algo dentro de si. Seus dedos ainda tremiam, quase imperceptíveis, mas Renzo viu. Ele sempre via.

Joe notou o estado do garoto e se inclinou levemente.

— Vamos, garoto. Você vem comigo.

Ferdinand piscou algumas vezes, parecendo apenas então perceber a presença de Joe. Levantou-se devagar, o estômago revirando, e seguiu o capanga para fora do quarto.

O hospital estava silencioso, apenas um ou outro funcionário vagando pelos corredores iluminados pelas lâmpadas pálidas. Quando chegaram à saída, algumas enfermeiras os ajudaram a empurrar a cadeira de rodas de Renzo. Ele mantinha o rosto impassível, como se nada daquilo o abalasse.

Mas do lado de fora, o inferno esperava.

Assim que as portas automáticas se abriram, flashes explodiram em todas as direções. Jornalistas cercavam a entrada, microfones estendidos, vozes se misturando em um turbilhão de perguntas.

— Pegorino, o que aconteceu? Houve tiros dentro do hospital?

— Ferdinand, você estava envolvido?

— É verdade que tentaram matar o Don?

E então os policiais surgiram, empurrando repórteres para abrir caminho. Um deles, de rosto ossudo e olhar frio, fixou-se em Ferdinand e caminhou diretamente até ele.

— Mãos onde eu possa ver, garoto.

Ferdinand congelou.

O policial deu mais um passo, sua expressão carregada de autoridade.

— Eu disse, mãos onde eu possa ver.

Os flashes continuavam. As vozes, o alvoroço. Ferdinand sentiu algo apertar seu peito. O suor escorria pela nuca.

— Ele não tem nada com isso — Joe interveio, sua voz firme.

O policial ignorou, os olhos ainda cravados em Ferdinand. O rapaz olhou para as próprias mãos, o sangue seco ainda visível nos cantos das unhas.

Então, tudo parou.

Uma bengala tocou o chão com um som seco e ritmado.

Os policiais e jornalistas se viraram para ver Renzo Pegorino se erguer da cadeira, apoiado na bengala. Giorgio, ao lado dele, deslizou a mão para dentro do sobretudo, os olhos sem piscar.

Renzo caminhou à frente, seus passos lentos, mas carregados de uma presença que fazia o barulho ao redor diminuir. Quando ele parou diante do policial, não disse nada por alguns segundos. Apenas olhou.

O policial pigarreou, tentando manter a compostura.

— Com todo o respeito, senhor Pegorino, há um homem morto lá dentro.

— E você acha que meu filho tem algo a ver com isso? — Renzo perguntou, sua voz baixa, controlada.

O policial hesitou.

Renzo inclinou-se um pouco para ele, a bengala ainda firme na mão.

— Por acaso está insinuando que um Pegorino atiraria em um hospital?

Os repórteres seguraram a respiração. Os policiais trocaram olhares. O policial à frente de Renzo umedeceu os lábios, desconfortável.

Renzo então olhou ao redor, como se analisasse o cenário. Seu olhar voltou ao policial, e ele sorriu — um sorriso quase gentil, mas que carregava algo mais profundo.

— Todos esses flashes, essa bagunça... não é bom para ninguém.

O policial desviou o olhar.

— Agora, se vocês não têm nada melhor para fazer... acho que nosso assunto acabou aqui.

O silêncio reinou por um momento.

Então, o policial deu um passo para trás.

— Vamos. — Ele fez um gesto para os outros, e os policiais começaram a dispersar.

Renzo não disse mais nada. Apenas virou-se para Giorgio, que ainda mantinha a mão dentro do sobretudo, e fez um leve movimento de cabeça.

Joe sorriu de canto e relaxou os ombros.

Renzo então olhou para Ferdinand, que ainda parecia atordoado. Colocou uma mão firme no ombro do filho.

— Vamos para casa.

XXVII

Só Um Aviso

A sala tinha paredes de madeira escura, pesadas cortinas cobrindo as janelas, e um leve cheiro de charuto misturado ao aroma amadeirado dos móveis antigos. Era um ambiente fechado, seguro, um escritório privado que exalava a atmosfera de um santuário para negócios entre homens poderosos.

Renzo Pegorino estava sentado à cabeceira de uma longa mesa de mogno polido. Sua presença preenchia o espaço sem esforço; ele não precisava erguer a voz para dominar o ambiente. À sua frente, sentados em cadeiras de couro, estavam os chefes de algumas das mais influentes famílias do crime: Angelo Mancuso, Genco Bellantoni, Mikhail Kramnov da Bratva, Domenico Scarpelli e Bartolo Tizzone.

Os rostos eram duros, marcados pelo tempo e pelas escolhas. Todos sabiam o motivo daquela reunião.

Renzo, que havia passado semanas se recuperando, parecia mais forte do que nunca. Seus olhos, profundos e calculistas, varreram a mesa com calma. Ele inspirou devagar, como se estivesse pesando suas palavras antes de pronunciá-las.

— Meus amigos... — começou ele, com um tom baixo, mas firme. — Eu sou um homem paciente. Um homem razoável. Nunca fui do tipo que se aproveita da posição, ou dos amigos que fez...

Ele inclinou-se para frente, apoiando as mãos na mesa. O peso das décadas estava em seus ombros, mas sua voz ainda carregava o peso de um homem no controle.

— A vida tem uma maneira... curiosa de nos ensinar coisas. Pausa. O gelo que estava dentro do copo de alguém. O som soou mais alto do que deveria.

— Eu poderia ignorar certas conversas. Poderia dizer a mim mesmo que são apenas rumores. Mas um homem na minha posição não pode ignorar certos sinais.

Ele observou os olhares evitarem o seu. Alguns seguravam o copo com mais firmeza do que antes. Outros mantinham as mãos imóveis sobre a mesa.

— Tenho visto coisas que me preocupam. Coisas que não deveriam estar acontecendo. Famílias brigando entre si... Homens esquecendo de onde vieram... meus meninos... no meio dessa guerra sem respeito...

Renzo soltou um leve suspiro. Não de cansaço, mas de frustração.

— Acharam que eu não estava prestando atenção. Acharam que eu estava... alheio a tudo.

Ele se levantou lentamente. Sem pressa. Seus movimentos eram medidos, deliberados.

— Mas eu sempre presto atenção.

O silêncio na sala mudou. Antes, era tenso. Agora, era carregado de medo.

Renzo caminhou ao redor da mesa, seus olhos escaneando cada rosto, sentindo a inquietação dos homens ali sentados.

— Os tempos mudaram. O respeito já não é o mesmo. Talvez alguns de vocês achem que isso significa uma oportunidade.

Uma chance de mudar as regras... de expandir território... de decidir por conta própria como as coisas devem ser feitas.

Ele parou. Seu olhar pousou sobre um dos homens. Um segundo a mais do que o necessário. O sujeito desviou os olhos.

— Mas eu não sou esse tipo de homem.

Ele inspirou lentamente, deixando que cada palavra fosse absorvida.

— Eu sou um homem de valores. Um homem de palavra. Sempre fui.

Ele tocou o encosto de uma cadeira. Seus dedos apertaram levemente a madeira.

— Então, quero que saibam...

Ele olhou para cada um ali, os olhos varrendo a mesa com calma.

— Se, por um capricho do destino, meu filho, o único que me sobrou — Ele fez uma pausa respirando fundo — tropeçasse na escada e não levantasse...

Ele fez outra pausa.

— Se um carro perdesse o controle e subisse na calçada... se ele, de repente, deixasse de respirar enquanto dorme...

Ele balançou a cabeça levemente, como se lamentasse até a possibilidade.

— Eu entenderia. Eu entenderia que o destino pode ser moldado por certas... decisões.

Ele voltou ao seu lugar e se sentou. Pegou o copo novamente. Girou o líquido âmbar devagar.

— E eu olharia para esta mesa. E encontraria essas decisões. O silêncio agora era diferente. Não era apenas medo. Era a certeza de que, a partir daquele momento, qualquer escolha errada teria consequências definitivas.

Renzo tomou um último gole de sua bebida e pousou o copo com um giro na mesa, satisfeito.

— O que aconteceria depois... não estaria mais nas mãos do destino. Estaria nas minhas.

Ele recostou-se, sem precisar dizer mais nada.

O silêncio na sala era cortante. Renzo Pegorino observava os homens ao seu redor sem pressa, sem revelar nada. Apenas esperava.

Angelo Mancuso foi o primeiro a falar, escolhendo as palavras com cautela.

— Don Pegorino... sabemos que essa perda pesa sobre o senhor. Nenhum homem deveria passar por isso.

Renzo não reagiu de imediato. Pegou o copo, girou o uísque âmbar e tomou um pequeno gole.

— Perda... — murmurou, pousando o copo. — Uma palavra curiosa. Como se fosse obra do acaso.

Genco Bellantoni assentiu, sorrindo de leve.

— O senhor sempre foi um homem de visão, Don Pegorino. Sempre entendeu que negócios são negócios. É por isso que está sentado aí, e nós estamos aqui.

Renzo soltou um pequeno suspiro, sem responder.

Mikhail Kramnov, que ouvia com os braços cruzados, finalmente se inclinou para frente.

— Renzo... — Sua voz era baixa, mas firme. — Sei que o senhor não acredita em coincidências. Nem eu. Mas também sei que o senhor sempre entendeu o jogo. Isso aqui... — Ele gesticulou, abrindo as mãos. — Não é sobre sentimentos.

Ele fez uma pausa, observando a expressão impassível de Pegorino.

— O senhor me entende?

Renzo olhou para ele, medindo as palavras.

— Eu entendo muita coisa, Mikhail. E também aprendi algo nos últimos tempos.

Mikhail assentiu lentamente, esperando que ele continuasse.

— Meu filho... meu Ferdinand — Renzo disse, pausadamente.
— Vocês não vão ouvir mais nada sobre ele. Até que tudo esteja resolvido.

Um silêncio se espalhou pela mesa. Ninguém perguntou o que aquilo significava. Não precisavam.

Bartolo Tizzone coçou o queixo, olhando para os outros antes de falar.

— Don Pegorino... todos nós queremos que isso seja resolvido da melhor maneira possível. O senhor sabe disso.

Renzo olhou para ele, depois para todos os outros.

— Então, me digam... como pretendem consertar isso?

A tensão na sala era palpável. Ninguém queria ser o primeiro a responder. Mas Renzo sabia que eles estavam prestes a mostrar suas verdadeiras intenções. Ele só precisava esperar.

Genco Bellantoni limpou a garganta.

— Don Pegorino... há maneiras de resolver isso sem... sem criar mais problemas.

Renzo não respondeu de imediato. Pegou o copo, girou o líquido dentro dele e pousou na mesa sem beber.

— Problemas. — Sua voz era baixa, quase um murmúrio. — Quando foi que eu criei problemas?

Genco sorriu, um sorriso tenso.

— Ninguém está dizendo isso. O senhor sempre foi um homem justo. Nós respeitamos isso.

Mikhail Kramnov descruzou os braços e se inclinou para frente.

— O senhor quer que a gente fale como pretende resolver isso? Certo. Vamos falar. — Sua voz era firme, sem rodeios. —

Não adianta fingir que não sabemos o que está acontecendo. O equilíbrio mudou. As coisas mudaram.

Renzo ficou olhando para ele, imóvel.

— Mudaram? — perguntou calmamente.

Mikhail assentiu.

– Mudaram. E o senhor precisa aceitar isso. O tempo passa. E quando o tempo passa, certas coisas precisam mudar.

Angelo Mancuso interveio, levantando uma das mãos.

– O que Mikhail está dizendo, Don Pegorino... é que ninguém quer que isso vire uma guerra.

– Guerra? – Renzo repetiu, olhando para ele.

Angelo forçou um sorriso.

– Claro que não queremos isso. O senhor sabe como são as coisas. Quando há negócios, há atritos. Mas isso não significa que precisamos resolver com violência.

Renzo respirou fundo, lentamente.

– Vocês querem que eu aceite. Que eu finja que não estou vendo.

Domenico Scarpelli, que até então não tinha falado, deu um meio sorriso.

– Não é questão de aceitar, Don Pegorino. É questão de entender os tempos. De saber se adaptar. O senhor sempre foi um homem sensato. Sempre soube quando recuar, quando ceder.

Renzo observou cada um deles por um momento.

– E vocês sempre souberam que sou um homem paciente.

O silêncio se instalou.

– Mas nunca fui um homem estúpido.

O clima na sala ficou mais pesado. Bartolo Tizzone olhou ao redor, tentando medir as reações.

Mikhail sorriu, mas sem humor.

– Se o senhor acha que somos estúpidos, diga logo.

Renzo o encarou por um longo momento. Depois, se inclinou ligeiramente para frente.

– Se eu achasse que vocês são estúpidos, não estaríamos tendo essa conversa.

Os homens trocaram olhares. Ninguém ali era burro. Todos sabiam o que estava acontecendo.

— Meu filho não será um problema para vocês. — Renzo disse, voltando a se recostar na cadeira. — Não vão ouvir falar dele.

Genco Bellantoni inclinou a cabeça.

— O que isso significa?

Renzo pegou o copo, girou o líquido mais uma vez e tomou um pequeno gole.

— Significa que não haverá segundas chances.

O silêncio voltou, ainda mais denso que antes. Mikhail cruzou os braços, observando Renzo com atenção.

— E o senhor acha que pode resolver tudo assim?

Renzo o olhou, sem pressa.

— Eu não acho nada. Eu sei.

A tensão estava no ar. Todos ali sabiam que o jogo tinha mudado. O silêncio se estendeu, até que Renzo se levantou devagar.

— Se alguém aqui tiver algo mais a dizer, que diga agora.

Ninguém falou.

Renzo olhou para cada um deles, um por um. Depois ajeitou o paletó e saiu da sala, sem olhar para trás.

XXVIII

Meu Filho...

O escritório de Renzo Pegorino estava mergulhado no silêncio. Ferdinand sentava-se diante do pai, os ombros tensos, as mãos inquietas no colo. Joe, sempre presente, permanecia encostado na parede, observando.

Renzo olhava para o filho, sem pressa. Seus olhos estavam pesados, não de julgamento, mas de algo mais profundo. Algo que Ferdinand não conseguia decifrar completamente.

Renzo pegou um lenço do bolso e limpou a testa, pensativo.

— Você comeu hoje? — Sua voz era rouca e arrastada.

Ferdinand hesitou.

— Não estou com fome.

Renzo balançou a cabeça devagar.

— Eu sei.

O silêncio se estendeu. Joe permaneceu encostado na parede, soltando a fumaça do cigarro, sem pressa.

— Você não deveria ter passado por isso — disse Renzo, sem raiva, sem reprovação.

Ferdinand respirou fundo.

— Mas o Paulie se foi.

Por um instante, Renzo desviou o olhar.

— Eu sei.

Outro silêncio. Mais pesado.

— Eu passei a minha vida tentando proteger vocês disso — Renzo continuou, mais para si mesmo do que para o filho. — Anthony nunca teve escolha. Mas você e Paulie...

Ele fechou os olhos por um instante.

— Achei que ficariam a salvo.

Ferdinand sentiu um nó na garganta.

— Mas eu estava errado.

Joe tragou o cigarro.

— Quando o Paulie morreu... eu entendi.

Renzo apertou o lenço nas mãos.

— Não há salvação. Não para nós.

Ferdinand não disse nada.

— Poderia ter te mandado embora, te dado outro nome, outra vida. Mas o mundo não funciona assim.

O jovem ergueu os olhos.

— Você acha que eu sou fraco?

Renzo inclinou-se para frente.

— Acho que você cresceu num mundo que tentei fingir que não existia.

Ferdinand cerrou os punhos.

— Eu puxei o gatilho.

Renzo assentiu devagar.

— Sim.

— Isso te decepçiona?

— Me parte o coração.

O silêncio se tornou sufocante.

— Mas pelo menos agora sei que você não vai ser destruído pelos outros.

Ferdinand franziu a testa.

— Você queria que eu fizesse isso?

Renzo o olhou fundo nos olhos.

— Eu queria que você nunca precisasse.

Ferdinand sentiu o peito apertar.

— Mas então por quê...?

Renzo se recostou na cadeira.

— Porque preferi que fosse assim do que um dia receber uma ligação dizendo que você morreu por não saber o que precisava ser feito.

Joe soltou a fumaça.

— Seu pai tentou impedir isso o quanto pôde, garoto.

Renzo passou a mão no rosto.

— Eu queria que você tivesse filhos. Que nunca precisasse se preocupar se sair de casa era seguro.

Ele ergueu os olhos.

— Mas isso não existe. Não pra nós.

Ferdinand viu ali algo além da tristeza. Resignação.

— Então o que eu faço agora?

Renzo se inclinou para frente.

— Você aprende. Você fica forte. Um dia, vai entender.

Ele se levantou, caminhou até o filho e colocou a mão firme sobre seu ombro.

— Eu te amo, meu filho.

Ferdinand abaixou a cabeça.

— Eu sei.

Renzo tocou levemente o rosto do filho, um gesto raro.

— Vai descansar. Amanhã é outro dia.

Ferdinand lançou um último olhar ao pai antes de sair.

Joe observou Renzo, que ficou parado por um longo tempo, encarando o vazio.

— Você acha que ele está pronto?

Renzo pegou um charuto, girou-o entre os dedos e colocou-o sobre a mesa.

— Ninguém nunca está pronto.

Olhou para a porta por onde o filho havia saído.

— Mas ele vai aprender.

XXIX

HardFellas Part I

Joe pegou Ferdinand de manhã cedo. O carro estava limpo, discreto. Nenhum luxo, nenhuma extravagância. Uma carruagem de respeito. Aquele carro falava mais do que qualquer palavra. Não precisava de mais nada. Ferdinand entrou, a porta se fechou com um *click* seco, e eles seguiram em frente. Joe, com a calma que sempre teve, dirigia sem pressa. O trânsito da cidade não parecia afetá-lo. Era tudo parte do jogo.

— Primeira coisa que você tem que entender — começou Joe, olhando para a frente, sem desviar os olhos da estrada — é que este mundo não tem glamour. Não existe nada de bonito no que a gente faz. O que a gente faz é necessário, porque as coisas não funcionam sem isso. As leis não funcionam, a polícia não funciona. É assim que as coisas são.

Ferdinand só ouviu. Não perguntou nada. Sabia que seria assim. Joe era o tipo de homem que só falava quando queria que você ouvisse.

O primeiro lugar que visitaram foi um café simples, nada que chamasse a atenção. O tipo de lugar onde as pessoas entram e saem como se não houvesse nada de especial. O dono, um italiano gordo, sorria com dentes amarelos e desbotados.

Apertou a mão de Joe, e logo passou um envelope grosso debaixo do balcão. O gesto foi quase imperceptível, mas Ferdinand viu. O cheiro de café misturado com o cheiro de dinheiro sujo. Aquele homem, apesar de simples, sabia o que fazer.

Joe pegou o envelope, deu uma olhada, e então guardou no bolso.

— Esse cara é nosso parceiro. Administração de apostas. Não no papel, mas é assim que funciona. O que ele não sabe é que o dinheiro dele também passa pelas nossas mãos — explicou Joe enquanto saíam do café.

Ferdinand não perguntou nada. Estava absorvendo tudo.

A cada nova parada, Joe ia explicando as nuances, os detalhes pequenos, mas fundamentais. Uma garagem de fachada, onde o que parecia ser apenas mais um mecânico era, na verdade, o ponto de distribuição de cigarros e eletrônicos. As coisas iam e vinham, mas ninguém falava muito sobre elas. Na alfândega, eles sabiam o que fazer. No depósito, ninguém perguntava de onde vinham as caixas. O resto era só seguir o fluxo.

— E o que acontece se alguém se meter onde não deve? — perguntou Ferdinand, com os olhos fixos em Joe.

Joe olhou de lado, como se ponderasse a pergunta por um momento, antes de responder.

— Aí o homem aprende da maneira mais difícil. Ou ele aceita as regras, ou se junta aos que se deram mal. Não existe meio termo. — Joe fez uma pausa. — Vou te mostrar.

Eles seguiram para o próximo ponto: uma loja de penhores. O homem, um velho com o rosto marcado pelo tempo e pelos erros, estava esperando atrás do balcão. O olhar dele dizia que sabia que Joe não estava ali por uma joia velha ou um relógio quebrado. Joe não precisou falar muito. Apenas pegou o

envelope, olhou para o homem e então o entregou com uma calma que fazia o ar pesado.

— Esse é nosso fornecedor. De onde vem o material, é melhor nem perguntar. O que importa é que ele vai entregar tudo no prazo. E se não entregar... Bem, ele vai entender as consequências — disse Joe, sem levantar a voz.

Ferdinand notou como tudo era tão natural para Joe. O jogo era simples. Tinha suas regras, seus operadores e suas consequências. Não havia espaço para fraqueza.

Depois, uma parada em um bar vazio. O tipo de lugar que parecia abandonado, mas onde o poder nunca dormia. O homem ali, de terno escuro, olhou para Joe com um olhar que tinha medo e respeito misturados. Joe apenas pegou uma mala cheia de dinheiro e, sem mais nem menos, entregou para o homem.

— Este é nosso advogado. Ele cuida dos problemas de quem não consegue mais pagar as dívidas. Com ele, a gente tem tudo resolvido. Ele garante que nossos amigos de dentro não se mexem. Quando a polícia sente o cheiro, ele faz ela sumir. O resto... bem, é tranquilo.

Ferdinand olhou para Joe. Não conseguia entender totalmente, mas via que Joe estava em controle de tudo. Não havia emoção, não havia raiva. Apenas o trabalho. Era isso que ele estava começando a entender. Aquele mundo não tinha espaço para falhas.

— Agora, vamos ver o que acontece quando alguém não cumpre com o combinado — disse Joe, sem pressa, ao sair do bar.

A noite estava começando a cair quando eles chegaram ao próximo destino: um prédio decadente, com portas de madeira escura e escadarias rangendo. Subiram até o terceiro andar. O apartamento estava abafado e mal iluminado. O

homem estava lá, sentado na beira da cama, um copo de uísque na mão e uma expressão de desespero nos olhos.

Ele olhou para Joe e então para Ferdinand. Seu corpo tremia.

— Eu já falei, Joe... Eu estou com a grana, só preciso de mais tempo... mais tempo!

Joe, sem hesitar, se aproximou dele e, com uma calma perturbadora, agarrou sua mão, puxando para o lado. O homem tentou resistir, mas Joe, com um movimento rápido e preciso, quebrou um dos dedos do homem. O som do osso estalando foi claro como vidro quebrado. O homem gritou e caiu no chão, agarrando a mão com a dor excruciante.

Ferdinand sentiu o estômago revirar. Não podia olhar para o homem caído, mas Joe, com a frieza de um profissional, simplesmente observava. Não houve um pinga de emoção.

Joe olhou para Ferdinand, que não sabia o que pensar, o que sentir.

— Na próxima vez, vai ser você — disse Joe, a voz ainda suave, mas cortante. Ele virou-se e começou a sair, como se nada tivesse acontecido.

Ferdinand, ainda com o estômago revirado e o corpo tenso, apenas seguiu. O homem no chão estava agora em um estado de dor e medo, mas ninguém se importava. Esse era o preço do jogo.

Ferdinand saiu do prédio sentindo o cheiro da rua suja misturado com o suor frio que escorria pelo seu rosto. Joe acendeu um cigarro encostado no carro, esperando.

— Você vai vomitar? — perguntou sem desviar os olhos do trânsito.

Ferdinand respirou fundo e negou com a cabeça.

— Boa. Vamos continuar.

Ele não teve tempo de processar. Joe dirigiu para o sul da cidade, onde os prédios eram velhos e as ruas pareciam

abandonadas. O tipo de lugar onde ninguém fazia perguntas. O carro parou na frente de uma loja de penhores.

— Aqui é simples — disse Joe. — O velho Al nos deve uma grana. Mas ele é esperto. Sempre paga um pouco, sempre atrasa um pouco. Nunca o suficiente pra gente arrancar a pele dele, mas também nunca de forma respeitosa.

Entraram na loja. O cheiro de mofo, madeira velha e cigarro impregnava o lugar. Atrás do balcão, um homem magro, de cabelo branco ralo e óculos sujos, empilhava relógios e correntes.

— Joe, meu amigo... — começou ele, sorrindo amarelo.

— Corta essa merda, Al. Cadê o dinheiro?

O velho coçou a nuca e desviou o olhar.

— Você sabe como tá difícil, Joe. Os caras tão comprando menos... A polícia tem aparecido...

Joe suspirou. Pegou uma corrente de ouro do balcão e jogou no chão.

— Isso aqui é lixo. Você devia saber melhor.

Al se encolheu.

— Eu vou conseguir, Joe. Juro por Deus...

Joe olhou para Ferdinand.

— Você acredita em Deus, Ferdinand?

— Acho que não.

— Então me diz, Al... Por que caralho eu ligaria pra um juramento desses?

O velho começou a tremer.

— Por favor... Só mais uns dias...

Joe agarrou o cara pelo colarinho e o puxou por cima do balcão. Os óculos caíram.

— Você tem dois dias, Al. Se eu tiver que voltar aqui, você não vai conseguir mais segurar essas merdas de relógios com as mãos quebradas.

Soltou o velho, que caiu de joelhos, tentando recuperar o fôlego.

Saíram sem dizer mais nada. No carro, Ferdinand engoliu seco.

— Você sempre faz isso?

— Só quando é necessário. O velho Al precisa lembrar de quem ele depende. Se a gente perdoa um, tem que perdoar todos. E isso nunca vai acontecer.

No começo da noite, pararam em um clube de jazz no centro da cidade. Lugar chique. Homens de terno, mulheres de vestido justo e perfume caro. O tipo de lugar onde dinheiro sujo se mistura com a elite.

Joe e Ferdinand passaram direto pela entrada sem falar com ninguém. O segurança abriu caminho. Subiram uma escada de madeira escura e entraram em uma sala reservada, cheia de fumaça de charuto.

Sentado em um sofá de couro, um homem gordo, careca, vestindo um terno branco. Ao lado dele, uma loira que parecia entediada.

— Joe, meu amigo! — O gordo abriu os braços.

— Tommy. Como tá o jogo?

Tommy riu e pegou um copo de uísque na mesa.

— Os cavalos ainda correm e os otários ainda apostam. Tudo como sempre.

Joe se sentou e indicou para Ferdinand fazer o mesmo.

— Tommy, meu garoto aqui tá aprendendo. Tá vendo como tudo funciona. E eu queria que ele soubesse como você faz as coisas aqui.

Tommy bebeu um gole e sorriu para Ferdinand.

— Ah, então esse é o aprendiz? Sabe, garoto, se tem uma coisa que aprendi nesse ramo é que a casa sempre ganha. Não importa se o apostador acha que tá levando vantagem, no final, a gente sempre leva um pedaço.

Ferdinand assentiu, observando tudo.

— Agora, Joe... — Tommy continuou. — Eu ouvi um boato. Dizem que um policial tá fazendo perguntas demais.

Joe ficou sério.

— Que tipo de perguntas?

— Do tipo errado. Ele esteve no restaurante do Louie ontem.

Perguntou sobre o cassino no porão.

— O que ele sabe?

— Ainda não sei. Mas posso descobrir.

Joe se levantou, ajeitou o paletó.

— Faça isso. E me avise.

Eles saíram do clube sem olhar para trás. No carro, Ferdinand quebrou o silêncio.

— E se esse policial souber demais?

Joe sorriu de canto.

— A gente o faz esquecer.

Ferdinand entendeu o que isso significava. E, pela primeira vez, percebeu que não havia mais volta.

XXX

HardFellas Part II

A cidade nunca dormia. Não como as pessoas pensavam. Em alguns lugares, as luzes piscavam, a música tocava alto, os otários gastavam dinheiro achando que estavam no controle. Mas nos bastidores, era sempre a mesma coisa: dinheiro trocando de mãos, dívidas sendo cobradas, promessas sendo quebradas.

Joe dirigia sem pressa, fumando um cigarro enquanto Ferdinand olhava pela janela. Ele já começava a entender como as coisas funcionavam, mas ainda não tinha sujado as mãos de verdade. Joe sabia disso.

— Vamos fazer mais uma parada — disse ele.

Ferdinand não perguntou. Aprendeu rápido que era melhor ouvir do que falar.

Eles pararam em frente a uma loja de penhores. Um lugar pequeno, com um letreiro piscando meio apagado, cheio de relógios, joias e eletrônicos usados na vitrine. Joe saiu do carro devagar, ajeitou o paletó e olhou para Ferdinand.

— O dono daqui, o Richie, sempre foi um cara esperto. Ele sabia que a grana que pegava com a gente vinha com juros. Sempre pagou direitinho. Mas, de uns tempos pra cá, ele anda se achando mais esperto que todo mundo.

Ferdinand assentiu.

Entraram na loja. Lá dentro, Richie, um cara baixo, careca, com óculos grandes e uma barriga flácida, estava atrás do balcão, contando dinheiro. Quando viu Joe, sua expressão endureceu.

— Joe... Eu ia te ligar amanhã...

Joe pegou uma correntinha de ouro da vitrine e girou entre os dedos.

— Amanhã? Eu tô aqui agora.

Richie forçou um sorriso nervoso.

— O negócio tá devagar, Joe. Os caras que costumavam empenhar coisa sumiram... Não tem entrado muito dinheiro. Joe olhou em volta, viu uma TV de plasma no canto, ainda na caixa.

— Negócio devagar, né? Mas essa TV aqui... custou quanto?

Richie não respondeu.

Joe pegou a TV e derrubou no chão. O vidro estilhaçou. Richie deu um pulo para trás.

— Negócio devagar o caralho. Você acha que eu sou idiota?

Richie começou a suar. Ferdinand observava em silêncio.

— Eu vou conseguir o dinheiro, eu juro. Só mais um tempinho...

Joe puxou um taco de beisebol que estava encostado perto do balcão. Girou o bastão na mão, testando o peso.

— Tempo? Richie, você tá me pedindo tempo?

Ele girou o taco e acertou a prateleira atrás do balcão, derrubando relógios e joias no chão.

— Você tem dois dias. Depois disso, a próxima coisa que quebra não vai ser uma prateleira.

Saíram sem pressa, deixando Richie recolhendo os cacos.

No carro, Ferdinand finalmente falou:

— Você não acha que ele vai correr pra polícia?

Joe riu.

— Richie? Não. Ele sabe que a polícia não pode proteger ele. Ele vai se virar. Vai pedir dinheiro emprestado, vai tirar do próprio bolso, vai se foder de algum jeito, mas vai pagar.

Ferdinand respirou fundo.

— E quando alguém realmente não pode pagar?

Joe olhou para ele.

— Aí a gente faz um exemplo.

Ferdinand entendeu na hora o que isso significava.

Dirigiram para um bairro mais afastado, onde as ruas eram escuras e as casas tinham janelas fechadas. Pararam em frente a um pequeno prédio caindo aos pedaços. Joe apagou o cigarro, virou-se para Ferdinand.

— Tá na hora de você mostrar que não é um turista.

Subiram as escadas estreitas, com o cheiro de mofo e cigarro impregnado no carpete sujo. No terceiro andar, Joe bateu na porta. Uma vez. Depois duas.

Nada.

Joe olhou para Ferdinand.

— Arromba.

Ferdinand hesitou, mas viu que não tinha escolha. Respirou fundo e deu um chute forte na fechadura. A porta cedeu.

Lá dentro, um homem magro, de olhos fundos e aparência acabada, se encolheu no sofá. Havia latas de cerveja espalhadas pelo chão, bitucas de cigarro e um cheiro

O apartamento cheirava a cigarro, suor e comida velha. O homem no sofá era um desgraçado magro, de olhos fundos e aparência acabada. Ele olhou para Joe e depois para Ferdinand, sem entender direito.

— Joe... que porra é essa, cara?

Joe não respondeu. Foi direto até a mesinha de centro, cheia de latas de cerveja amassadas, pegou uma e jogou no chão, espalhando cinzas e bitucas. Olhou ao redor, balançou a cabeça.

— Você mora nessa merda?

O cara gaguejou, tentou se ajeitar no sofá.

— Tô passando por uns problemas, Joe... Mas eu vou conseguir o dinheiro, cara. Eu juro.

Joe não gostava de ouvir promessas. Ele pegou um cinzeiro de vidro pesado e o bateu com força contra a cabeça do sujeito. O som seco do impacto fez Ferdinand se encolher. O cara gritou, caiu de lado no sofá, segurando a testa, o sangue escorrendo pelos dedos.

Joe virou-se para Ferdinand.

— Fecha a porta.

Ferdinand hesitou por um segundo, mas obedeceu. Joe pegou o cara pela camisa e o puxou para o chão.

— Você acha que eu sou palhaço? Acha que eu tô brincando com você?

O homem choramingava, tentando falar algo. Joe chutou suas costelas.

— Não, Joe... Por favor...

Outro chute. O som era de carne e osso se comprimindo. Ferdinand assistia sem piscar, sentindo o coração bater na garganta.

Joe se abaixou, puxou uma faca da cintura e jogou para Ferdinand.

— Sua vez.

Ferdinand ficou segurando a faca, sem saber o que fazer.

— Eu... eu nunca...

Joe suspirou. Pegou a faca de volta e, sem hesitar, enfiou no peito do homem. O cara gritou, cuspiu sangue, tentou segurar a lâmina, mas Joe puxou e enfiou de novo, de novo, de novo. A sala ficou em silêncio. O único som era a respiração pesada de Ferdinand. Ele sentia o cheiro metálico do sangue, via o corpo contorcido no chão. O peito do cara subia e descia rápido, depois foi parando... até não se mexer mais.

Joe limpou a faca na camisa do morto e olhou para Ferdinand.

— É assim que se faz.

Ferdinand queria vomitar. Ele virou de costas, respirou fundo.

— Você vai se acostumar — disse Joe, pegando o cadáver pelos braços. — Agora me ajuda a carregar essa merda.

Desceram as escadas do prédio aos tropeços, carregando o corpo embrulhado num lençol sujo. As ruas estavam vazias, ninguém viu nada. Jogaram o corpo no porta-malas do carro e bateram a tampa.

Joe acendeu outro cigarro e olhou para Ferdinand.

— Eu sei que tá sentindo merda agora. Mas te garanto: da próxima vez, vai ser mais fácil.

Ferdinand não respondeu. Ele só olhava para as mãos sujas de sangue, sentindo o cheiro impregnado na roupa. Sua respiração estava pesada, seus pensamentos confusos.

Joe deu um tapa no ombro dele.

— Agora você faz parte disso. Sem volta.

Ferdinand engoliu em seco. Ele sabia que Joe estava certo.

A tampa do porta-malas bateu com um estrondo seco. Ferdinand ficou parado, encarando a lataria do carro, sentindo o sangue pulsar nos ouvidos. Ele respirava rápido, sentia o cheiro do lençol sujo, o ferro do sangue impregnado no ar.

Joe deu um puxão no ombro dele.

— Anda, entra no carro.

Ferdinand obedeceu. O motor ligou com um ronco baixo, discreto, e Joe puxou o carro para a avenida. As luzes dos postes passavam pelo vidro, cortando sombras no rosto de Ferdinand. Ele olhava para as mãos, ainda sujas de sangue. Tentava afastar a náusea.

Joe olhou para ele de canto de olho e bufou.

— Respira, garoto. Você parece que vai desmaiar.

Ferdinand esfregou o rosto, tentando se recompor.

— Eu... Eu nunca fiz isso, Joe.

Joe soltou uma risada curta e balançou a cabeça.

— Você acha que eu nasci sabendo? Que seu pai nasceu sabendo? Todo mundo começa assim. Você aprende, e um dia nem pensa mais nisso.

O nome do pai fez Ferdinand encará-lo.

— Meu pai... Ele... Ele já fez isso?

Joe ficou em silêncio por um instante. Então assentiu.

— Fez. E foi muito pior que isso.

Ferdinand engoliu em seco e olhou para a estrada.

Joe suspirou.

— Escuta... Eu te conheço desde que você usava fralda. Vi você crescer. E se eu tô te colocando nisso, é porque eu sei que você aguenta.

Ferdinand respirou fundo. Sentia um nó no peito, mas sabia que Joe falava a verdade.

O carro deslizava pelo asfalto, cortando a noite sem pressa. Então, de repente, um clarão azul e vermelho refletiu pelo retrovisor.

— Merda — murmurou Joe, olhando pelo espelho.

Uma viatura da polícia.

Ferdinand sentiu o coração disparar.

— O que a gente faz?

— Relaxa — disse Joe, sem tirar os olhos da estrada. Ele pisou no freio, puxando o carro para o acostamento.

A viatura parou atrás. A lanterna varreu o interior do carro. Ferdinand tentou controlar a respiração, mas sentia o suor escorrendo pela nuca.

O policial se aproximou. Batidas na janela.

Joe abriu um sorriso largo e abaixou o vidro.

— Boa noite, oficial. Algum problema?

O policial, um sujeito de bigode grosso e olhar cansado, olhou para dentro do carro.

— Licença e registro.

Joe pegou os documentos no porta-luvas e entregou com calma.

Ferdinand olhava para frente, sem piscar. O carro estava limpo, os papéis estavam em ordem. Tudo deveria estar bem.

Então veio o som.

Tum. Tum. Tum.

Ferdinand gelou.

O policial franziu a testa.

— O que foi isso?

Joe não piscou.

— O quê?

Tum. Tum. Tum.

O policial apontou o farolete para o porta-malas.

— Esse barulho.

Ferdinand sentiu o ar sumir. Ele viu a mão do policial ir até o coldre da arma. Sentiu que era o fim.

Mas Joe apenas riu.

— Ah, isso? Droga solta no porta-malas. Acabei de pegar uma encomenda de bebida pro meu bar, e o filho da puta do entregador nem amarrou direito.

O policial hesitou. Olhou para Joe. Depois para Ferdinand.

— Abra o porta-malas.

O sangue sumiu do rosto de Ferdinand.

Mas Joe nem piscou. Pegou a chave e saiu do carro, caminhando com calma. Ferdinand sentia o coração no pescoço.

Joe abriu o porta-malas com um estalo.

O policial apontou a lanterna.

Caixas de bebida. Uísque.

Joe deu de ombros.

— Viu? Eu falei.

O policial estudou Joe por um momento. Então bufou e guardou a lanterna.

— Dirija com cuidado.

Joe fez uma saudação zombeteira e voltou para o carro.

A viatura se afastou.

Ferdinand não conseguia respirar.

Joe deu uma risada baixa e olhou para ele.

— Acha que eu sou burro? Eu sempre trago alguma merda no porta-malas. Nunca se sabe.

Ferdinand não conseguiu responder.

Joe acelerou.

Eles dirigiram até uma área afastada, sem luzes, sem movimento. Joe encostou o carro na beira da estrada de terra. Saiu sem pressa. Ferdinand hesitou, mas seguiu.

Joe abriu o porta-malas.

O corpo se mexeu.

Ferdinand deu um passo para trás, o estômago revirando. O homem estava coberto de sangue, os olhos arregalados de puro terror. Ele tentava falar, mas só saía um chiado.

Joe jogou a faca para Ferdinand.

— Agora você tem que terminar.

Ferdinand olhou para a faca, depois para o homem.

— Joe... Eu...

— Se não for você, vai ser eu. Mas se eu fizer, você nunca vai ser um de nós.

Ferdinand olhou para o homem.

Os olhos dele suplicavam.

— Por favor... — sussurrou o homem, a voz fraca.

Ferdinand tremeu. Ele fechou os olhos.

E esfaqueou.

A lâmina entrou na carne com um som surdo. O homem gemeu.

— Por favor... — ele repetiu.

Ferdinand esfaqueou de novo.

E de novo.

As lágrimas escorriam pelo rosto. Ele chorava enquanto afundava a faca na carne quente, ouvindo o som pegajoso do sangue.

— Por favor... — Ferdinand soluçava. — Me perdoa... Me perdoa...

O corpo finalmente parou.

Ferdinand largou a faca e caiu de joelhos.

Joe colocou um cigarro na boca, acendeu e soltou a fumaça.

— Agora acabou.

Ferdinand chorava.

Joe deu um tapinha na cabeça dele, quase carinhoso.

— Eu falei que na próxima ia ser mais fácil.

XXXI

Um Pegorino

Ferdinand acordou com um pulo.

O quarto estava escuro, e por um instante ele teve certeza de que ainda estava no carro, com as luzes vermelhas e azuis refletindo no retrovisor, com o som pegajoso da lâmina afundando na carne. Ele respirou fundo. O lençol grudava no corpo, suado, pesado. Ele sentia o cheiro do sangue.

Ele olhou para as mãos. Estavam limpas. Mas ele sabia que não estavam.

Levantou-se da cama e caminhou até o banheiro. Cada passo parecia mais pesado que o outro. Ele abriu a torneira do chuveiro e entrou debaixo d'água antes mesmo de tirar a cueca.

A água quente bateu na pele, e ele fechou os olhos.

O sangue escorria. Ele conseguia ver. Vermelho, espesso, sujo. Descia pelo ralo como se nunca fosse acabar. Ele esfregou os braços, o peito, o rosto. Esfregou com força, até a pele arder. Mas não adiantava.

Ele virou a cabeça para o lado e bateu com o punho fechado contra o azulejo.

Ele já sabia. Nunca sairia.

Ferdinand ficou ali por mais alguns minutos, sentindo a água cair. Seu corpo tremia.

Então ouviu uma batida na porta.

— Filho.

A voz era baixa, firme, carregada pelo peso dos anos.

Ferdinand desligou o chuveiro e enrolou uma toalha na cintura. Saiu do banheiro ainda molhado, e lá estava ele.

Renzo Pegorino.

O Don.

Seu pai.

Ele estava sentado na poltrona do quarto, vestindo um terno escuro, os cabelos penteados para trás, a expressão serena.

Havia uma gravidade em sua presença. Algo absoluto.

Ferdinand parou na porta do banheiro.

Renzo o olhou por um instante antes de falar.

— Joe me contou o que aconteceu ontem.

Ferdinand abaixou a cabeça.

Renzo suspirou e abriu os braços.

— Filho... Vem cá.

Ferdinand ficou parado por um momento. Então caminhou até ele.

Renzo o abraçou.

— Está tudo bem, filho. Está tudo bem.

Ferdinand sentiu o cheiro do perfume do pai, do charuto que ele fumava todas as manhãs. Sentiu as mãos pesadas apertando suas costas. Ele não aguentou.

Ele chorou.

Renzo permaneceu ali, segurando-o, como se estivesse segurando o próprio destino do filho.

— Se você me disser que não consegue... Se você me disser que quer sair disso... Eu paro com toda essa merda. Eu compro uma passagem para você. Um nome falso. Te mando para Cuba, para o Brasil, para qualquer lugar. Mas eu te tiro

daqui. Você nunca mais vai precisar levantar a mão contra ninguém. Nunca mais vai precisar se preocupar com nada. Renzo afastou um pouco o filho, segurando seu rosto entre as mãos.

— Mas precisa me dizer. Precisa me dizer se está tudo bem.

Ferdinand engoliu o choro e se afastou.

Ele caminhou até o espelho.

E olhou.

Por um instante, não se reconheceu.

Não era ele. Não era mais o garoto que olhava para o pai com olhos esperançosos. Não era o jovem que sonhava com uma vida longe daquela.

O que viu no reflexo foi outra coisa.

O que viu foi **Renzo Pegorino**.

O mesmo olhar. O mesmo peso no rosto.

Era como se seu pai sempre estivesse ali, dentro dele, esperando para tomar o controle.

Ferdinand limpou o rosto, respirou fundo e se virou.

— Está tudo bem.

Renzo Pegorino olhou para ele.

E sorriu.

Ele se levantou e colocou as mãos nos ombros do filho.

— Está certo.

Ele deu um leve tapinha no rosto de Ferdinand, um gesto de carinho e aprovação.

— Joe está te esperando. Há mais alguns serviços para você hoje. Mais alguns ensinamentos.

Ferdinand assentiu.

Renzo Pegorino apertou o ombro dele uma última vez antes de sair do quarto.

Ferdinand ficou ali, olhando para o espelho.

Ele nunca mais se veria da mesma forma.

conversando entre si, sem prestar muita atenção nos que entravam e saíam. Joe desceu do carro com a tranquilidade de um homem que sabia que ninguém ousaria impedi-lo. Ferdinand o seguiu, sentindo o peso do revólver no paletó. Joe caminhou até a entrada, ajeitando o paletó com um puxão rápido. Os policiais ergueram os olhos.

— Boa tarde, cavalheiros — Joe disse, dando um tapinha no ombro de um deles.

Os dois acenaram de volta e não fizeram menção de pará-los. Eles passaram direto pela recepção, o som dos sapatos ecoando no mármore brilhante. As secretárias olharam, algumas nervosas, outras apenas curiosas. Ferdinand sentia seu coração acelerar. Estavam entrando no território do governo, no meio do dia, como se fossem os donos do lugar. E de certa forma, eram.

Joe abriu a porta do escritório do promotor distrital sem bater.

— Charlie, meu velho! — disse, abrindo um sorriso largo.

Charles Hendricks, um homem de uns cinquenta e poucos anos, cabelos grisalhos e terno bege, olhou para eles com o pavor estampado no rosto. Seu charuto caiu do canto da boca.

— O qu-que vocês estão fazendo aqui? — gaguejou, se levantando da cadeira.

Joe fechou a porta atrás de si, trancando-a.

— Precisamos conversar, Charlie. — Joe andou calmamente até a mesa, pegou um peso de papel e começou a girá-lo na mão. — Você anda falando umas coisas que não devia.

Ferdinand ficou perto da porta, observando. Ele não sabia exatamente o que Hendricks tinha feito, mas sabia que era grave. Ninguém invadia um gabinete de promotor se fosse por pouca coisa.

— Eu não... eu não sei do que você está falando — Hendricks disse, tentando manter a compostura.

Joe suspirou, balançando a cabeça.

— Charlie, Charlie... — Ele apoiou as mãos na mesa e olhou nos olhos do promotor. — Você acha que pode abrir uma investigação contra a nossa família sem que a gente perceba? Você acha que os seus amigos na promotoria vão te proteger? Hendricks suava. Tentou pegar o telefone na mesa, mas Joe foi mais rápido. Pegou o peso de papel e bateu com força na mão do promotor. O homem gritou de dor e segurou os dedos quebrados.

Joe pegou Hendricks pelo colarinho e o puxou por cima da mesa.

— Eu vou te dizer como isso vai acabar. Você vai retirar cada uma daquelas acusações. Vai queimar cada maldito papel que tenha nosso nome. E, se eu ouvir falar que você abriu a boca de novo... — Joe puxou Hendricks para mais perto, até seus narizes quase se tocarem. — Vão encontrar pedaços seus espalhados pelo East River.

O promotor acenou freneticamente com a cabeça, o rosto vermelho, os olhos cheios de lágrimas.

Joe o soltou e deu um passo para trás, ajeitando o paletó como se nada tivesse acontecido.

— Ótimo. Você é um bom homem, Charlie. Não me faça voltar aqui.

Ferdinand abriu a porta, e Joe saiu na frente, caminhando pelo corredor como se estivesse saindo de um almoço de negócios. Eles passaram pelos policiais na porta.

— Tenham um bom dia, rapazes — Joe disse.

Os dois apenas assentiram.

No carro, Ferdinand estava calado, ainda absorvendo o que acabara de acontecer.

Joe ligou o motor e olhou para ele.

— Tá vendo, garoto? O governo pode ter as leis, mas nós temos as pessoas certas no bolso. E no final do dia, é isso que importa.

Ele sorriu, acendendo um cigarro.

Ferdinand olhou pela janela.

Ele sabia que algo dentro dele já tinha mudado.

Capítulo XVI – O Salão do Poder

O Buick deslizou suavemente pela longa estrada que levava à mansão dos Pegorino. O portão de ferro se abriu devagar, como se soubesse exatamente quem estava chegando. A propriedade era enorme, um casarão clássico em estilo italiano, com colunas brancas e uma entrada imponente, cercada por ciprestes e uma fonte no meio do pátio.

Joe dirigia com uma mão no volante e a outra segurando um cigarro, enquanto Ferdinand olhava para a casa onde crescera. Não importava quantos anos se passassem, aquele lugar sempre teria um peso diferente para ele. Não era apenas uma casa, era um trono.

Eles saíram do carro e entraram pela porta principal, sendo recebidos por empregados que os cumprimentaram com respeito. No salão principal, o grande candelabro dourado refletia a luz do meio-dia nas paredes de madeira escura. O cheiro de tabaco e couro dominava o ambiente.

– Seu pai quer ver você – um dos homens de confiança da casa disse a Ferdinand.

Joe assentiu.

– Vamos lá, garoto. Tá na hora da sua primeira lição de verdade.

Ferdinand seguiu Joe pelo corredor até chegarem à sala de Renzo Pegorino.

A porta se abriu, e lá estava ele.

Renzo Pegorino, o Don.

Sentado em uma cadeira de couro marrom atrás de uma mesa de mogno imensa, ele segurava um charuto entre os dedos grossos e envelhecidos. O rosto, marcado pelo tempo, era sereno, mas os olhos eram cortantes. Ele vestia um terno preto

de corte impecável, sem gravata, o colete abotoado. O ar ao redor dele parecia pesar mais.

Joe e Antonio Basílio, um dos conselheiros mais antigos da família, estavam ao seu lado. A sala estava escura, as cortinas pesadas filtravam a luz do sol, criando uma penumbra acolhedora.

No canto, um homem de terno esperava de pé, chapéu na mão, com uma expressão tensa.

Renzo olhou para Ferdinand e fez sinal para que se sentasse ao seu lado.

— Meu filho... hoje você vai aprender como lidamos com os negócios da família.

Ferdinand sentiu um frio na espinha. Sabia que esse dia chegaria. Ele se sentou.

Renzo voltou sua atenção para o homem de pé.

— Diga-me, qual é o seu problema?

O homem pigarreou e abaixou a cabeça, respeitoso.

— Don Pegorino... eu venho aqui hoje porque minha loja, aquela que eu tenho há vinte anos... uns caras têm ido lá toda semana, dizendo que eu tenho que pagar pra eles agora. Eles dizem que trabalham pro senhor, mas eu sei que não é verdade. Eu pago meus tributos pra família Pegorino desde que abri as portas.

Renzo respirou fundo, como se carregasse o peso do mundo nos ombros.

— Isso é uma falta de respeito. — Ele olhou para Ferdinand.

— O que você acha que eu deveria fazer, meu filho?

Ferdinand hesitou. Não esperava ser chamado tão cedo para opinar.

— Eu... eu acho que precisamos descobrir quem são esses homens.

Renzo deu um pequeno sorriso.

— Certo. Mas e depois?

Ferdinand olhou para Joe, depois para Antonio Basílio. Ambos estavam quietos, observando.

— Depois... nós damos um exemplo. Para que ninguém mais tente isso.

Renzo assentiu lentamente.

— Está aprendendo.

Ele fez um gesto com a mão, e um dos capangas no canto da sala se aproximou.

— Descubra quem são esses homens e traga eles até mim. Amanhã de manhã. — Ele olhou para o lojista. — Seu problema será resolvido.

O homem suspirou de alívio, apertando as mãos de Renzo.

— Obrigado, Don Pegorino. Eu sou leal à família. Sempre fui. Renzo apenas acenou com a cabeça, e o homem foi escoltado para fora.

O próximo a entrar foi um jovem com um corte de cabelo curto e uma expressão desesperada. Assim que ele se ajoelhou diante de Renzo, Ferdinand soube que aquilo seria diferente.

— Don Pegorino... eu imploro. Meu irmão fez uma besteira. Ele jogou e perdeu dinheiro que não tinha. Ele devia ter pago há semanas, mas não tem como. Eu sei que ele errou, mas por favor, eu posso pagar no lugar dele, só me deem um tempo.

Renzo cruzou as mãos, pensativo.

— Seu irmão... ele sabia as regras?

O jovem hesitou, mas assentiu.

— Sabia, senhor...

— E mesmo assim, ele não pagou.

— Ele... ele queria pagar, Don Pegorino! Ele só...

Renzo levantou a mão, interrompendo.

Ele olhou para Ferdinand.

— E então? O que você faria, meu filho?

Dessa vez, Ferdinand não hesitou tanto.

— Se perdoarmos todos que pedem, ninguém mais vai nos pagar.

Renzo sorriu, satisfeito.

Ele olhou para o jovem ajoelhado.

— Você vai pagar a dívida do seu irmão. Até o último centavo.

Mas ele... ele precisa aprender a respeitar os compromissos.

O jovem engoliu em seco, os olhos enchendo de lágrimas.

Renzo fez um gesto com a cabeça, e dois capangas se aproximaram.

— Levem ele para casa e tragam o irmão.

O jovem quis protestar, mas sabia que não havia nada que pudesse fazer.

A cada pessoa que entrava naquela sala, Ferdinand aprendia mais sobre o que significava estar na posição de seu pai. Não era apenas violência e poder. Era controle. Era respeito.

No final da tarde, quando os últimos visitantes foram atendidos, Renzo se levantou e colocou uma mão no ombro do filho.

— Agora você entende, não é?

Ferdinand olhou para o pai.

Ele viu um reflexo de si mesmo naquele rosto cansado, nas mãos firmes, na voz que fazia homens adultos tremerem.

Ele apenas assentiu.

Renzo sorriu.

— Amanhã, você vem comigo. Tem mais coisas para aprender.

Joe se aproximou, colocando um braço ao redor de Ferdinand, com um sorriso orgulhoso.

— Tá indo bem, garoto. Tá indo bem.

Ferdinand sabia.

Ele estava se tornando um Pegorino de verdade.

XXXII

Um Don

A manhã estava fresca. O jardim da mansão Pegorino era silencioso, exceto pelo leve farfalhar das folhas sob a brisa suave. Pássaros cantavam em algum lugar próximo, mas o som era distante, insignificante diante do que estava prestes a acontecer.

Renzo Pegorino estava sentado em uma cadeira de madeira, vestindo um terno cinza-claro, o paletó desabotoado, a camisa branca aberta no colarinho. O charuto queimava entre os dedos grossos e calejados. Ele olhava para a esquerda, para as colinas, para o verde do passado.

Ferdinand sentou-se ao lado dele, mais rígido, mais jovem. Ele olhava para a direita, para a cidade no horizonte, para o futuro.

Por alguns instantes, não trocaram palavras. Apenas o som da natureza preenchia o espaço entre pai e filho.

Até que Renzo quebrou o silêncio com um suspiro profundo.

— Quando eu era jovem, pensava que a coisa mais importante para um homem era ser temido... Ser respeitado. — Ele pausou, girando o charuto entre os dedos. — Mas com o tempo, aprendi que respeito sem amor... não vale nada.

Ferdinand manteve os olhos no horizonte.

— Eu trabalhei duro a vida toda... construí isso para vocês, para a família. — Renzo gesticulou vagamente, indicando a mansão, o império, tudo que haviam conquistado. — E fiz coisas que não me orgulho. Fiz porque era necessário.

Ele virou-se para o filho, o olhar sério, mas não duro.

— Mas agora, eu vejo você, Ferdinand... e vejo algo que eu não esperava ver.

Ferdinand franziu a testa, curioso.

Renzo sorriu de canto.

— Você tem um bom coração, meu filho. Um coração que eu não via antes. E, pra falar a verdade... fico feliz por ver isso.

Ferdinand permaneceu calado.

Renzo deu uma tragada no charuto e soltou a fumaça devagar.

— Mas um bom coração... um bom coração é um peso, Ferdinand. — Ele suspirou. — Um homem como eu... um homem frio... toma decisões difíceis, mas ele nunca sente nada. Ele nunca se questiona. Ele nunca perde o sono.

Ele se inclinou levemente para frente, os olhos analisando o rosto do filho.

— Você, meu filho... você vai perder o sono.

Ferdinand desviou o olhar por um instante.

— Você vai ter que tomar decisões duas vezes mais difíceis do que um homem frio tomaria. — Renzo continuou, sua voz mais baixa, quase um sussurro. — Porque você não é como eu. Você sente. Você se importa.

O silêncio voltou por um momento, e Renzo apenas olhava para o filho, vendo a sombra da sua própria juventude refletida ali.

— Eu nunca quis que você fosse como eu. — Ele finalmente disse. — Mas, Ferdinand... eu preciso que você seja forte.

Ferdinand engoliu em seco.

Renzo recostou-se na cadeira novamente, fechando os olhos por um instante.

— Você tem que ser esperto... Tem que ser respeitado, mas nunca odiado. Um homem que é apenas temido, um dia será derrubado. Mas um homem que é respeitado e amado... esse dura para sempre.

Ele abriu os olhos e encarou o filho.

— Eu nunca tive esse luxo, Ferdinand. Nunca me deram escolha. Mas você... você pode ser diferente.

O vento soprou suavemente pelo jardim, balançando as folhas das árvores.

Ferdinand olhou para a cidade ao longe. Ele entendia agora.

Ele entendia o peso que carregava.

E sabia que não poderia voltar atrás.

O vento soprava morno pelo jardim da mansão Pegorino, carregando consigo o cheiro sutil das oliveiras e da terra úmida. Renzo Pegorino ainda estava recostado em sua cadeira de madeira, o charuto já menor entre os dedos calejados. Ferdinand, sentado ao lado, observava o pai com atenção, os olhos escuros e contemplativos.

Renzo respirou fundo, como se estivesse reunindo forças para continuar.

— Um dia... você será o homem que todos vão procurar quando precisarem de um favor. — Sua voz era baixa, quase um sussurro, mas carregada de peso. — E quando esse dia chegar, você precisa estar preparado. Precisa saber o que dizer, quando dizer... e, mais importante... quando não dizer nada.

Ele virou o rosto levemente, observando o filho.

Ferdinand não respondeu de imediato. Ele apenas assentiu devagar, como se estivesse processando cada palavra. Depois, levantou a mão e passou os dedos pelos cabelos, penteando-os para trás num gesto distraído.

Renzo notou, mas não comentou.

— Pai... — Ferdinand começou, sua voz mais controlada, mais contida. Ele fez uma pausa breve e gesticulou com a mão enquanto falava, de um jeito que não costumava fazer. — Você acha que é possível... governar sem medo?

Renzo inclinou ligeiramente a cabeça, como se estivesse avaliando a pergunta.

— Medo é uma ferramenta, Ferdinand. — Ele disse calmamente. — Mas um homem que governa apenas pelo medo... nunca dorme em paz.

Ferdinand assentiu lentamente, os olhos ainda fixos no pai.

— E o respeito? — Ele perguntou.

Renzo sorriu de leve, apertando os olhos.

— O respeito... o respeito, meu filho, vem de saber ouvir... e de saber o que os outros precisam antes mesmo que eles saibam. — Ele moveu a mão vagarosamente, como se estivesse esculpindo as palavras no ar. — Um homem que compreende os desejos dos outros... nunca precisa levantar a voz.

Ferdinand ficou em silêncio por um momento. Ele inclinou-se levemente para frente, imitando inconscientemente a postura do pai.

— Eu entendo. — Disse, a voz firme, mas baixa.

Renzo o observou por um instante mais longo desta vez. Depois, balançou a cabeça devagar, satisfeito.

— É... — Ele exalou a fumaça do charuto e olhou para as oliveiras. — Você está começando a entender.

Ferdinand desviou o olhar para o chão por um instante, pensativo.

Ele passou a mão pelos cabelos de novo, ajeitando-os para trás com um movimento lento.

Renzo notou de novo.

Desta vez, ele sorriu.

XXXIII

Tal Don Tal Filho

O escritório de Renzo Pegorino era um santuário de poder. A madeira escura, os móveis pesados, a luz baixa filtrada pelas cortinas grossas... tudo ali tinha um propósito, uma atmosfera que fazia os homens falarem menos e ouvirem mais.

A reunião estava em andamento.

Antonio Basilio, Giorgio Calabrese, Raffaele Bellucci, Marco Leone, Carlo Santorelli, Santoro Ruggieri e Joe estavam sentados ao redor da mesa. O som dos relógios de bolso sendo abertos e fechados, o leve tilintar do gelo nos copos de uísque, o farfalar de charutos sendo manuseados—todos ruídos insignificantes diante da única voz que importava.

Renzo Pegorino estava sentado à cabeceira, os dedos grossos entrelaçados no colo, o olhar baixo, pensativo. Quando ele finalmente falou, sua voz saiu calma, baixa, mas com um peso que fez todos os outros se calarem.

— Meu filho vai ficar à frente das negociações com *ele*.

Os homens se entreolharam.

Antonio Basilio ajeitou o paletó, cruzando as pernas lentamente. Giorgio Calabrese exalou a fumaça do charuto pelo nariz, observando Ferdinand pelo canto dos olhos.

Santoro Ruggieri inclinou-se para frente, os dedos tamborilando no tampo da mesa.

Mas Ferdinand... Ferdinand permaneceu inalterado.

Sentado ao lado do pai, sua postura era ereta, o rosto impassível. Ele não reagiu de imediato, não demonstrou surpresa, nem hesitação. Apenas um movimento mínimo: seus olhos moveram-se levemente na direção de Renzo, absorvendo a decisão.

Renzo olhou para o filho e então soltou um longo suspiro pelo nariz antes de continuar:

— A exportação para Cuba é uma oportunidade... *e um teste*. Não apenas para nós, mas para aqueles que dizem ser nossos amigos. Eu passei a minha vida inteira aprendendo que os negócios precisam de equilíbrio... e o equilíbrio exige homens capazes.

Ele fez uma pausa.

— Agora... agora chegou a vez do meu filho.

Os olhares discretos voltaram-se para Ferdinand.

Joe sorriu de leve, assentindo devagar. Os outros fizeram o mesmo.

Ferdinand piscou lentamente, moveu os olhos para Renzo, depois para os outros. Não sorriu. Não agradeceu.

Ele apenas *aceitou*.

Santoro Ruggieri pigarreou e falou com cautela:

— O *outro lado* pode querer testar a... firmeza... do nosso jovem amigo.

Dessa vez, Ferdinand se inclinou levemente para frente, apoiando os cotovelos na mesa. Seu olhar encontrou o de Santoro.

Por um breve momento, ninguém falou.

E então Renzo riu.

Um riso curto, quase um resmungo. Ele se inclinou para trás, girando o charuto nos dedos.

— Santoro, meu amigo... *todos* os homens são testados um dia. *Eu* fui testado. *Você* foi testado. *Todos* nessa mesa já tiveram que mostrar a força do próprio nome.

Ele olhou para Ferdinand, estudando o filho.

— Mas tem uma coisa... algo que eu não vi no meu filho por muito tempo... e que agora eu começo a ver.

Renzo expirou pesadamente, fechando os olhos por um instante. Quando os abriu de novo, olhou diretamente para Ferdinand.

— Você tem um coração bom. Melhor do que o meu, melhor do que qualquer homem aqui. Isso é uma maldição e uma bênção. Porque um homem frio toma decisões difíceis... mas um homem com coração tem que tomar decisões *duas vezes* mais difíceis.

A sala ficou em silêncio.

O tempo passou devagar.

Ferdinand piscou. Moveu a mão para trás, ajeitando os cabelos com os dedos. Depois, respirou fundo e falou baixo, sem pressa, gesticulando suavemente com a mão aberta.

— Eu entendo, *papà*.

Renzo observou esse gesto. Pequeno, sutil... mas revelador.

Ele sorriu.

— Está certo. O Fausto Giordano está esperando. Você vai fazer isso direito.

Ferdinand assentiu, seus dedos tocando o tampo da mesa uma única vez.

Ele não precisou dizer mais nada.

XXXIV

Negociador

O Mirante era o mesmo de sempre. O mármore polido, a madeira escura, o brilho dourado dos lustres refletindo no couro dos sofás. Mas, naquela noite, algo estava diferente.

No centro da suíte privativa, sentado à cabeceira da mesa de mogno, estava Ferdinand Pegorino. O terno escuro assentava-se perfeitamente sobre seus ombros, e a luz baixa projetava sombras duras em seu rosto. Seus olhos, fundos e frios, não piscavam.

Do outro lado da mesa, Fausto Giordano entrou com um sorriso. Vestia um paletó branco bem cortado, o charuto cubano preso entre os dedos. Ele parou por um instante, olhando ao redor como se procurasse algo.

— Ehh... — Fausto fez um gesto teatral, abrindo os braços. — Eu esperava ver seu pai aqui esta noite.

O sorriso era o mesmo de sempre: calculado, pretensioso. Ferdinand não sorriu. Apenas o observou por um momento. Depois, muito lentamente, inclinou-se para frente, pousando os antebraços na mesa.

— Meu pai não está aqui.

O tom de voz era baixo, direto. Sem inflexão.

O sorriso de Fausto não desapareceu de imediato, mas algo nos olhos dele mudou. Ele puxou a cadeira e se sentou, cruzando as pernas com um ar casual exagerado.

— Não me entenda mal, Ferdinand... só achei que negócios desse nível ainda fossem resolvidos pelo chefe da casa. — Ele levou o charuto à boca e tragou.

Ferdinand piscou devagar. Depois, moveu a mão e penteou os cabelos para trás, um gesto sem pressa, sem tirar os olhos de Fausto.

— Você veio falar sobre os negócios. Estou ouvindo.

Fausto soltou a fumaça pelo nariz e inclinou-se para frente.

— Os negócios estão ótimos. O transporte, o contrabando... tudo funcionando como um relógio suíço. Os lucros nunca foram tão bons. Seu pai, Deus o abençoe, soube montar um sistema impecável.

Ferdinand não se mexeu.

— Eu sei.

Fausto sorriu. Depois, ajeitou a lapela do paletó branco e continuou.

— Justamente por isso acho que podemos expandir ainda mais. O mercado está crescendo, há demanda... e eu pensei que poderíamos ajustar alguns detalhes nos preços para acompanhar esse crescimento.

Ferdinand continuou olhando para ele.

Fausto girou o charuto nos dedos.

— Quarenta centavos por unidade.

O tempo pareceu se alongar.

Ferdinand inclinou levemente a cabeça para o lado. Um movimento quase imperceptível.

— Você quer mais.

— Não, Ferdinand, eu quero que *nós* tenhamos mais. — Fausto apontou para ele com o charuto. — Um preço menor

significa mais vendas, mais circulação. No fim, todo mundo sai ganhando.

O silêncio pairou na sala.

Joe, que estava de pé atrás de Ferdinand, cruzou os braços. Antonio Basílio, perto da janela, desviou o olhar da cidade e focou em Fausto.

Ferdinand permaneceu imóvel. Apenas tragou o cigarro lentamente, depois soltou a fumaça em um sopro controlado.

— Cinquenta centavos.

Fausto soltou uma risada baixa, balançando a cabeça.

— Vamos lá, Ferdinand. Seu pai... ele sabia como fazer concessões.

Ferdinand não piscou.

— Meu pai está aposentado.

Fausto mexeu-se na cadeira.

— Claro, claro... — Ele respirou fundo. — Mas veja bem... estou apenas sugerindo algo que pode ser bom para ambos.

Ferdinand ajeitou o cigarro entre os dedos.

— Eu já disse o preço.

Fausto forçou um sorriso.

— E se eu insistir?

Ferdinand olhou diretamente para ele. A voz saiu calma, baixa.

— Então você não vai gostar do que vem depois.

O sorriso de Fausto sumiu.

A sala ficou em silêncio.

Ele tragou o charuto uma última vez e soltou a fumaça devagar. Depois, balançou a cabeça e ergueu as mãos em rendição.

— Cinquenta centavos.

Ferdinand não reagiu. Apenas olhou para ele.

Fausto se levantou, ajeitou o paletó e pegou o chapéu.

— Quando posso esperar a primeira remessa?

Ferdinand não precisou olhar para Joe.

— Dez dias.

Fausto colocou o chapéu na cabeça e tentou recuperar um pouco do sorriso.

— Foi bom conversar, Ferdinand.

Ferdinand apagou o cigarro no cinzeiro de cristal.

— Boa noite, Fausto.

A despedida foi um aviso.

Fausto hesitou por um instante. Depois, virou-se e saiu.

A porta se fechou atrás dele, e o silêncio se prolongou.

Joe exalou devagar.

— Ele testou você.

Ferdinand ajeitou os cabelos para trás de novo.

— Agora ele sabe que foi um erro.

E então, voltou ao silêncio.

A porta da suíte privativa se fechou suavemente atrás de Fausto, e o silêncio permaneceu no ar, pesado, carregado de significados que ninguém ali precisava explicar.

Ferdinand permaneceu sentado por mais alguns segundos. Moveu a mão devagar, ajeitando os cabelos para trás, depois pegou o cigarro do cinzeiro e tragou uma última vez antes de apagá-lo com um giro lento no cristal.

Joe descruzou os braços e olhou para Antonio, que continuava perto da janela. O mais velho inspirou fundo, como se fosse dizer algo, mas apenas assentiu para si mesmo.

Ferdinand se levantou. Os movimentos eram calmos, sem pressa. Puxou o paletó, ajustando-o nos ombros, e caminhou até a porta. Joe e Antonio o seguiram em silêncio.

O elevador os esperava no corredor acarpetado. Quando entraram, Joe pressionou o botão do térreo e o painel brilhou em dourado.

As portas se fecharam, e o reflexo dos três se formou no espelho. Ferdinand, no centro, imóvel, olhando para frente.

Joe, ao lado, lançou um olhar rápido, quase discreto. Antonio, encostado na lateral, observou o mais jovem por um instante antes de desviar o olhar.

Ninguém falou.

O elevador desceu suavemente, o som abafado dos andares passando no visor digital. Quando chegaram ao térreo, Ferdinand saiu primeiro, com Joe e Antonio logo atrás. Os funcionários do hotel mantinham-se discretos, olhos baixos, como se já soubessem que aqueles homens não eram clientes comuns.

A porta giratória os levou ao ar frio da noite. Do outro lado da calçada, um Lincoln preto os esperava.

Joe caminhou até a lateral do carro e segurou a porta aberta. Antes que Ferdinand entrasse, ele finalmente falou:

— Você fez um bom trabalho lá em cima.

Ferdinand parou por um momento. Virou levemente a cabeça para Joe, mas não disse nada. Apenas o observou.

Joe segurou a porta por mais um segundo, depois balançou a cabeça, como se tivesse acabado de entender algo.

Antonio, que já estava do outro lado do carro, acendeu um cigarro e tragou, os olhos acompanhando Ferdinand entrando no veículo. Depois, entrou também.

O Lincoln deslizou suavemente pela avenida, as luzes da cidade refletindo nos vidros escuros.

O silêncio permaneceu.

Joe olhou para Ferdinand de canto de olho, esperando alguma reação. Alguma palavra.

Ferdinand apenas encarava a estrada. Os dedos entrelaçados sobre o colo. O rosto impassível.

Joe soltou um suspiro leve, quase imperceptível.

Antonio tragou o cigarro e soltou a fumaça devagar, olhando pela janela.

— Seu pai teria feito o mesmo.

Ferdinand não reagiu.

Apenas seguiu olhando para frente.

O Lincoln deslizou suavemente até a entrada da propriedade. O sol da tarde lançava sombras longas sobre o caminho de cascalho, e o calor fazia as folhas das árvores balançarem preguiçosamente. O portão de ferro já estava aberto, como sempre, e os jardins bem-cuidados se espalhavam até a imponente casa de pedra, cuja fachada antiga parecia intocada pelo tempo.

Ferdinand desceu do carro sem pressa. Ajustou o paletó nos ombros e olhou ao redor. O cheiro de grama cortada e terra úmida ainda pairava no ar. O barulho distante da cidade mal chegava ali. Só o canto ocasional de um pássaro quebrava o silêncio.

No fundo do jardim, próximo a um canteiro de tomates, Renzo Pegorino estava curvado, tesoura de poda em mãos, aparando folhas secas com gestos lentos e meticulosos. Camisa de linho clara, suspensórios gastos, um chapéu de palha inclinado sobre a testa. O corpo um pouco curvado, mas os movimentos firmes. Poderia passar por um velho comum cuidando de seu jardim. Mas os olhos... os olhos observavam tudo.

Ferdinand seguiu pelo cascalho, os passos abafados pela terra fofa. Renzo continuou podando. Só ergueu a cabeça levemente, sem se virar.

— Como foi?

A voz era baixa, sem pressa. Como se já soubesse a resposta. Ferdinand parou ao lado dele. Olhou para as mãos do pai, os dedos marcados pelo tempo segurando os galhos com delicadeza, mas sem hesitação.

— Foi bem. — A voz saiu calma, firme. — Ele tentou me passar a perna.

Renzo cortou mais uma folha, soltando-a no chão.

— E o que você fez?

Ferdinand esperou um momento antes de responder.

— Fiz ele entender o erro.

Renzo assentiu levemente.

— Você foi justo?

Ferdinand inclinou um pouco a cabeça, os olhos se estreitando.

— Fui preciso.

O velho Pegorino soltou um pequeno suspiro pelo nariz, quase um riso abafado. Depois, ajeitou o chapéu e se sentou no banco de madeira próximo à horta, gesticulando para que Ferdinand fizesse o mesmo.

O filho sentou-se ao lado dele. As mãos unidas sobre os joelhos, o olhar fixo no nada.

O vento balançava as folhas das árvores. O farfalhar soava como um sussurro distante.

Renzo girou a tesoura nos dedos.

— Quando eu era jovem... achava que um homem só precisava ser forte. Se fosse forte, se fosse temido, venceria qualquer coisa.

Ele pausou, olhando para as plantas à sua frente.

— Mas não é tão simples.

Ferdinand esperou.

O velho cortou mais algumas folhas secas.

— Um homem forte impõe respeito. Mas um homem que vê além das palavras... esse é mais perigoso.

Renzo olhou para o filho.

— Eu olhava pra você e não via isso.

Ferdinand piscou devagar.

— Achava que você tinha um coração mole.

O jovem virou lentamente a cabeça para o pai.

Renzo observou o filho por um momento. Depois, sorriu. Um sorriso breve.

— Mas agora vejo que você entendeu.

Ferdinand não piscou.

— Isso significa que eu era fraco?

Renzo balançou a cabeça.

— Significa que você é diferente. E, por isso, tem um fardo maior.

Ele girou a tesoura entre os dedos outra vez.

— Um homem frio toma decisões difíceis. Mas um homem que sente... ele tem que tomar decisões duas vezes mais difíceis.

Os dois ficaram em silêncio.

O vento balançou as folhas outra vez.

Renzo olhou para o filho.

— Você acha que fez o certo hoje?

Ferdinand demorou um instante.

Depois, disse:

— Fiz o necessário.

Renzo assentiu devagar.

Depois, voltou a podar as plantas, como se a conversa tivesse terminado.

Ferdinand permaneceu sentado por alguns instantes. Olhou para o pai. Depois, levantou-se e seguiu para dentro da casa.

Renzo continuou podando, os gestos precisos, sem pressa. O silêncio entre os dois era confortável, mas carregado de algo mais profundo, algo que Ferdinand sabia que o pai acabaria colocando em palavras.

O velho Pegorino girou a tesoura de poda entre os dedos, como se organizasse os pensamentos.

— Um homem sem família não é nada — começou, a voz tranquila, mas firme. — E um homem que não protege a sua família... não merece chamá-la de sua.

Ele cortou outra folha seca e a deixou cair no chão.

— O mundo está cheio de homens que se dizem líderes. Homens que comandam, que fazem fortuna, que impõem respeito. Mas se um homem não pode garantir que os seus estão seguros, de que adianta todo o resto?

Ferdinand não disse nada. Apenas observou.

Renzo ajeitou o chapéu e continuou.

— Um chefe, um pai, um irmão... Não importa o título que lhe deem. Se você aceita o amor de sua família, aceita também o dever de mantê-los protegidos. E esse dever não é uma escolha. É um fardo. Um que pesa nos ombros até o último suspiro.

Ele ergueu o olhar para o filho.

— Você está pronto para carregar isso?

Ferdinand não desviou o olhar.

Renzo girou a tesoura nos dedos outra vez.

— Porque um homem pode perder tudo. Pode perder dinheiro, poder, até a própria vida. Mas se perder o respeito da própria família... então ele nunca foi um homem de verdade.

Ferdinand manteve-se imóvel, absorvendo as palavras.

Renzo assentiu levemente, como se já soubesse a resposta que o filho daria, mesmo sem ouvi-la.

Depois, voltou a podar as plantas, como se a conversa tivesse terminado.

Renzo continuou podando, seus gestos pacientes, como se cada folha cortada fosse parte de um raciocínio ainda em construção. Ferdinand manteve-se imóvel, ouvindo. O silêncio não era vazio; era carregado de significado, como se cada palavra dita antes precisasse de tempo para ser absorvida.

Renzo suspirou pelo nariz, girando a tesoura entre os dedos calejados.

— Você acha que sabe o que significa proteger uma família?

Ferdinand inclinou levemente a cabeça.

— Acha que é só garantir que tenham dinheiro? Que ninguém lhes faça mal? Que as portas da casa fiquem trancadas e os homens certos sejam pagos para vigiá-los?

Ele cortou outra folha seca, os olhos fixos no trabalho, como se as palavras que dizia não fossem dirigidas a ninguém em particular.

— Isso é o mínimo — continuou. — O que qualquer um pode fazer. Mas proteger uma família... isso vai além do que se vê. Ferdinand esperou.

Renzo levantou o olhar para o filho, seus olhos escuros, fundos, marcados pelo tempo e pela vida que viveu.

— Um homem precisa saber quem pode entrar e quem deve ficar do lado de fora. Não importa o quanto alguém pareça um amigo, um aliado. Se um dia ele se vira contra você, isso significa que ele sempre foi capaz de fazê-lo.

Ferdinand permaneceu impassível, mas havia algo em seu olhar, uma faísca de compreensão.

Renzo assentiu para si mesmo e voltou a podar, o ritmo de seu trabalho constante, metódico.

— Quando eu era jovem, cometi um erro — disse, como se falasse sozinho. — Acreditei que, se eu protegesse os meus, se eu tomasse cada decisão pensando neles, então estariam seguros. Mas eu esqueci de um detalhe.

Ele cortou outra folha e a deixou cair ao chão.

— Não basta proteger por fora. Você tem que proteger por dentro.

Ferdinand estreitou levemente os olhos.

Renzo continuou, sem pressa:

— Um pai que não ensina os filhos a serem fortes... os condena a serem fracos. Um homem que poupa sua família da verdade... a condena à ignorância. E um chefe que deixa os seus agirem por emoção... os condena ao erro.

Ele ergueu a cabeça e olhou para Ferdinand.

— Você sabe por que está sentado aqui hoje?

O mais jovem não respondeu.

Renzo sorriu de leve, quase imperceptivelmente.

— Porque eu ensinei você a ver as coisas como elas são, não como gostaria que fossem.

Ele girou a tesoura nos dedos mais uma vez antes de continuar.

— O dia em que você deixar de enxergar a verdade, Ferdinand... será o dia em que perderá tudo.

O silêncio se estendeu entre os dois, mas Ferdinand não desviou o olhar.

Renzo assentiu levemente, satisfeito com a reação do filho.

Então, sem mais uma palavra, voltou à sua jardinagem, como se a conversa nunca tivesse acontecido.

XXXV

O Fim de uma Era

O escritório exalava poder e tradição. As cortinas pesadas filtravam a luz do entardecer, lançando sombras sobre os móveis escuros e os rostos dos homens presentes. O aroma do couro e do tabaco impregnava o ambiente.

Ferdinand Pegorino estava sentado atrás da grande mesa de madeira maciça, seus dedos entrelaçados sobre o tampo polido. O jovem chefe observava tudo com a calma de quem sabia que o tempo estava ao seu favor.

Renzo Pegorino, seu tio, estava encostado na poltrona ao lado, as mãos descansando nos braços do assento. Não dizia nada, mas seu olhar era penetrante, avaliando Ferdinand em silêncio. Ele já vira essa cena muitas vezes antes, com o pai do garoto, e antes disso, com seu avô. O ciclo se repetia.

Joe, o velho conselheiro da família, estava próximo, mordendo o charuto apagado entre os dentes, sem pressa, apenas ouvindo. Ao redor do escritório, os outros homens do círculo interno da família Pegorino mantinham-se atentos, cada um com sua postura característica. Giorgio Calabrese ajustava os punhos da camisa. Antonio Basilio girava um anel de ouro no dedo. Carlo Santorelli tamborilava os dedos contra

o braço da poltrona. Marco Leone exibia um meio sorriso, relaxado como sempre.

A porta se abriu lentamente.

O primeiro visitante entrou hesitante, retirando o chapéu da cabeça com um gesto respeitoso. Era um homem de meia-idade, o rosto marcado pela preocupação. Suas mãos, ásperas pelo trabalho braçal, seguravam o chapéu com força, como se aquilo lhe desse coragem.

— Senhor Pegorino... — sua voz tremia um pouco.

Ferdinand apenas indicou a cadeira à sua frente com um leve movimento da cabeça. O homem engoliu seco antes de se sentar, segurando o chapéu no colo.

— Meu irmão... ele tem uma dívida. Uma dívida grande. Se não pagar até o fim da semana... eles vão matá-lo.

Ferdinand não respondeu de imediato. Seus olhos escuros apenas o analisaram, frios e calculistas.

— E por que veio a mim? — perguntou, a voz calma, sem pressa.

O homem hesitou. Seu olhar foi até Renzo, depois Joe, e por fim voltou a Ferdinand.

— Meu pai... meu pai dizia que seu pai era um homem justo. Renzo permaneceu imóvel, mas seus olhos pareciam se estreitar por um breve instante.

Ferdinand inspirou lentamente pelo nariz antes de virar-se para Antonio Basilio.

— Descubra com quem ele tem essa dívida — ordenou. — Se for um problema nosso, resolva. Se não for, negocie. Mas isso não pode acontecer de novo.

Antonio assentiu, e Ferdinand voltou o olhar para o homem.

— Seu irmão fez escolhas. Escolhas têm consequências. Espero que ele aprenda com isso.

O homem assentiu rapidamente. Seus ombros relaxaram ligeiramente, e ele se levantou.

– Obrigado, senhor Pegorino. Obrigado.

Ele saiu, ainda segurando o chapéu como se fosse um amuleto.

O silêncio voltou, mas não durou muito.

A porta se abriu novamente.

Dessa vez, um comerciante entrou. Era um homem mais velho, vestido com um terno barato. O suor em sua testa deixava claro seu nervosismo. Ele limpou a garganta antes de falar.

– Senhor Pegorino, me perdoe por incomodá-lo, mas estou desesperado. Minha loja... estão roubando minha loja. Não sei mais o que fazer.

Ferdinand inclinou a cabeça levemente.

– Você paga por nossa proteção. Quem está roubando?

O comerciante passou a mão pelo rosto, ansioso.

– Não sei ao certo... são jovens, mas eles falam o nome de um homem. Um tal de Ricci. Dizem que trabalham para ele.

Ferdinand olhou para Giorgio Calabrese.

– Resolva. Se for Ricci, mande um recado. Se ele não entender, faça com que entenda.

Giorgio sorriu de leve e fez um aceno discreto. O comerciante abaixou a cabeça em agradecimento, aliviado, e saiu.

Poucos minutos depois, outro visitante entrou.

Dessa vez, um jovem. Não deveria ter mais de vinte anos. Seu olhar era inquieto, carregado de medo. Suas mãos tremiam levemente.

– Meu irmão foi preso. – Sua voz era baixa, como se temesse até mesmo falar. – Preciso garantir que ele saia vivo da cadeia.

Ferdinand observou-o por um longo momento antes de virar-se para Carlo Santorelli.

— Descubra quem ele é. Se for alguém confiável, garanta que nada aconteça com ele. Se não for... então ele está por conta própria.

O jovem assentiu rapidamente e saiu.

Houve uma breve pausa antes que o último visitante do dia entrasse.

Dessa vez, era um empresário bem vestido, seguro de si, mas com algo na expressão que indicava frustração. Ele se sentou e ajeitou os punhos da camisa antes de falar.

— Meu concorrente... está ultrapassando os limites. Ele está invadindo o meu mercado, fazendo ofertas que não pode cumprir, difamando meu nome. Eu preciso que isso pare.

Ferdinand escutou em silêncio.

— Se essa disputa continuar, ambos vão perder dinheiro. E dinheiro perdido não interessa a ninguém.

Ele fez um gesto sutil para Marco Leone.

— Diga a ele que venha falar comigo. Se ele for razoável, encontraremos uma solução. Se não for... então não haverá mais disputa.

Marco sorriu com um brilho malicioso nos olhos e assentiu. O empresário assentiu com respeito e se retirou.

O silêncio caiu sobre a sala quando o último visitante saiu.

Ferdinand se recostou na cadeira, inspirando fundo. Por um instante, tudo o que se ouvia era o leve farfalhar das cortinas.

Renzo, que havia permanecido em silêncio todo o tempo, finalmente falou.

— Você se saiu bem.

Ferdinand olhou para ele, mas não respondeu.

Renzo cruzou os braços e inclinou-se ligeiramente para frente. Sua voz estava calma, mas carregada de um peso antigo.

— Mas um dia... — Ele pausou, escolhendo as palavras com cuidado. — Vai perceber que quanto mais você dá, mais as pessoas esperam.

Seus olhos encontraram os de Ferdinand.

— E quanto mais esperam, mais se sentem no direito de pedir. Ferdinand manteve-se impassível.

— E quando pedem e você não dá... — Renzo fez uma pausa, deixando que o silêncio falasse por si — ...elas esquecem tudo que você já fez por elas.

O escritório ficou em silêncio.

Joe desviou o olhar, mordendo o charuto. Os outros homens permaneceram quietos.

Ferdinand respirou fundo, então se levantou.

— Tenho trabalho a fazer.

Renzo assentiu, como se já soubesse que aquela conversa não teria resposta agora.

Ferdinand olhou para os homens na sala e saiu.

Renzo permaneceu onde estava, os olhos distantes, como se enxergasse o futuro antes mesmo de ele acontecer.

O escritório continuava em silêncio depois que Ferdinand saiu. Renzo Pegorino permaneceu sentado, imóvel, olhando para a mesa. Seu rosto estava sério, sem pressa. Joe, ao seu lado, pegou o charuto e o girou entre os dedos antes de falar.

— O garoto fez um bom trabalho.

Renzo manteve os olhos na mesa.

— Ele ainda tem muito a aprender.

Joe assentiu, esperando que ele continuasse.

— Ele acha que basta dar ordens e tudo se resolve. Mas comandar é mais do que isso. Um homem precisa saber quando falar, quando esperar e quando agir.

Renzo pegou um copo de uísque e o girou lentamente na mão.

— Ele acredita que, se tomar as decisões certas, manterá tudo sob controle. Mas as coisas nunca funcionam assim. O problema nunca acaba. Você resolve um, outro aparece. As pessoas sempre voltam com mais pedidos.

Joe tomou um gole de seu próprio uísque antes de perguntar:

— Você acha que ele não está pronto?

Renzo olhou para ele com calma.

— Ele pensa que está. Mas ele não conhece as consequências de um erro de verdade.

Joe respirou fundo e disse:

— Ele vai aprender com o tempo.

Renzo balançou a cabeça.

— O tempo ensina, mas também cobra. A questão é se ele vai aprender antes que seja tarde.

O silêncio se instalou por um momento. Joe tragou o charuto e soltou a fumaça devagar.

— Então o que fazemos?

Renzo olhou para ele e respondeu com firmeza:

— Vamos testar a lealdade de quem está perto dele. Ele precisa ver como as pessoas mudam quando acham que você não pode mais ajudá-las.

Joe assentiu lentamente.

— Se ele não perceber isso sozinho, vai acabar confiando em quem não deve.

Renzo recostou-se na cadeira.

— E isso pode custar caro.

Joe apagou o charuto, terminou seu drink e se levantou.

— Eu vou cuidar disso.

Renzo assentiu. Joe saiu, deixando-o sozinho no escritório. Ele pegou uma foto antiga da mesa e ficou olhando por alguns segundos. Depois, colocou de volta e ficou em silêncio, pensando.

Renzo Pegorino ficou sentado em silêncio por mais alguns instantes. A luz suave do entardecer se espalhava pela sala, refletindo no mogno polido da mesa. Ele deslizou os dedos sobre a madeira lisa e então soltou um suspiro lento e profundo. Com um movimento tranquilo, se levantou.

Os ombros estavam levemente curvados pelo peso da idade, mas ele não demonstrava fragilidade. Ajeitou o paletó, alisando as lapelas com os dedos calejados, e pegou do bolso um pequeno lenço branco, passando-o discretamente sobre a testa.

Caminhou sem pressa até uma prateleira de madeira escura, onde objetos antigos repousavam. Seus dedos percorreram a superfície da velha caixa de charutos antes de abri-la. Pegou um com cuidado, fechou a tampa e virou-se em direção à porta.

Ao sair do escritório, percorreu o longo corredor. O ar da casa era pesado, carregado de um silêncio que parecia ter se instalado ali fazia tempo. As paredes estavam decoradas com quadros antigos e fotos de família, mas os rostos nas imagens pertenciam a um tempo que não voltaria.

Quando chegou à sala de jantar, parou na entrada.

Emilia estava sentada à mesa, de costas para ele. Não comia. Não lia. Apenas ficava ali, imóvel, as mãos pousadas sobre o colo, os dedos entrelaçados com força. O vestido preto que usava parecia maior do que seu corpo magro. O cabelo, preso de qualquer jeito, deixava escapar alguns fios desalinhados. Sobre a mesa, um prato intocado. A comida já estava fria.

Renzo não disse nada. Ficou parado por um instante, observando-a. O silêncio dela era mais pesado do que qualquer palavra.

Ele deu um passo à frente, pegou uma laranja da fruteira e começou a descascá-la com as mãos. O cheiro cítrico se espalhou pelo ar. Emilia não reagiu. Nem mesmo ergueu os olhos.

Renzo cortou um pedaço e o mastigou devagar. Depois, colocou uma fatia no prato dela.

— Você deveria comer.

Ela permaneceu imóvel.

Ele esperou alguns segundos, mas não insistiu. Apenas deixou a laranja ali e continuou seu caminho.

Saiu para o quintal. O ar frio da tarde trouxe um breve alívio. Os homens que estavam por perto se ajustaram instintivamente ao vê-lo, endireitando-se.

Renzo ignorou isso. Caminhou até a velha cadeira de madeira sob a grande árvore e sentou-se com calma.

Acendeu o charuto, levando-o à boca com movimentos lentos e precisos. A fumaça subiu devagar, dissolvendo-se no ar.

Ficou ali, observando o céu mudar de cor. Não havia crianças brincando no quintal, não havia risos ou vozes alegres. Apenas o vento, apenas o silêncio.

E no silêncio, Renzo Pegorino esperava.

Renzo ficou sentado sob a grande árvore, sentindo a brisa fresca da tarde tocar seu rosto. A fumaça do charuto subia lentamente, dissipando-se no ar. Ele gostava daquele momento de calma, longe das preocupações, longe das decisões que pesavam sobre seus ombros. Ali, naquele instante, ele não era Renzo Pegorino, o homem que comandava tantas vidas. Era apenas um velho em seu quintal, desfrutando do pouco que lhe restava.

OuvIU passos leves se aproximando e reconheceu o ritmo. Joe. Sempre ele. Sempre por perto, como uma sombra silenciosa. Joe apareceu ao lado dele, com um pequeno sorriso no rosto, segurando uma laranja.

— Trouxe uma coisa pro senhor, Renzo. Sei que gosta dessas. Renzo olhou para a fruta com um brilho discreto no olhar. Pegou-a com cuidado, sentindo o peso na palma da mão.

— Ah... uma boa laranja — murmurou, começando a descascá-la devagar. A casca se soltava em espirais longas, e o cheiro cítrico logo encheu o ar.

Joe puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dele, observando em silêncio enquanto Renzo cortava a fruta em pedaços.

— Você devia descansar mais, Renzo. Não pode carregar tudo sozinho.

Renzo soltou um riso curto, sem humor.

— Quem mais vai carregar, Joe? Ferdinand? O garoto é forte... mas não sei se o bastante.

Joe ficou em silêncio.

Renzo pegou um pedaço da laranja e mastigou lentamente. O suco doce e fresco se espalhou pela boca, mas não lhe trouxe o mesmo prazer de antes. Seu olhar se perdeu no horizonte.

— Já enterrei Paulie. Já enterrei Anthony. Agora só me resta Ferdinand... — sua voz saiu baixa, quase um sussurro.

A lembrança dos filhos que já haviam partido pesava no peito como uma pedra. O tempo não havia amenizado a dor. Apenas a tornara parte dele.

Joe cruzou os braços, pensativo.

— Ferdinand é esperto. Ele aprende rápido.

Renzo balançou a cabeça, levando outro pedaço da laranja à boca.

— Não é sobre ser esperto. É sobre sobreviver. O mundo não tem piedade, Joe. Não teve com Paulie. Não teve com Anthony. Vai ter com Ferdinand?

O silêncio que se seguiu foi espesso, quase palpável.

Renzo suspirou, terminando de comer a fruta. Limpou os dedos lentamente no lenço do bolso e inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos por um momento.

— Joe... vá ver como estão as coisas dentro de casa.

Joe hesitou por um instante, mas assentiu.

— Certo, Renzo.

Ele se levantou e entrou na casa, deixando o velho sozinho debaixo da árvore.

Renzo ficou ali, sentindo o vento esfriar conforme o sol descia no horizonte. Seu coração batia pesado no peito. Uma

pontada veio, súbita, como uma lâmina cravada entre as costelas.

Ele engoliu seco, levou a mão ao peito, os dedos pressionando o tecido do paletó.

Outra pontada. Mais forte.

Seu corpo perdeu força. A cadeira pareceu afundar sob ele. Tentou inspirar, mas o ar não vinha.

Seus olhos se arregalaram, buscando algo, alguém. Mas não havia ninguém ali.

Seus lábios se entreabriram, como se quisesse chamar por Emilia, por Ferdinand, por Joe... mas nenhum som saiu.

Seus dedos escorregaram para o braço da cadeira, depois para o colo. Sua cabeça pendeu levemente para o lado. O charuto caiu da mão, rolando para o chão.

O vento soprou mais uma vez, sacudindo as folhas da grande árvore.

E Renzo Pegorino se foi. Não como um chefe. Não como um homem temido.

Apenas como um velho, sentado em seu quintal, sob a sombra de uma árvore.

XXXVI

Destino Siciliano

A catedral estava repleta, mas o ar era de formalidade, não de luto genuíno. Políticos, juizes, empresários e mafiosos estavam ali não apenas para prestar homenagem ao homem dentro do caixão ornamentado, mas para reafirmar suas posições dentro da estrutura de poder que ele deixava para trás.

O incenso queimava nos altares, enchendo o ambiente com um aroma pesado, quase sufocante. Emilia Pegorino, coberta pelo véu negro do luto, mantinha-se firme, apesar das rugas de cansaço e tristeza em seu rosto. Ao seu lado, Ferdinand Pegorino, vestido com um terno preto impecável, sentava-se com as mãos entrelaçadas, os olhos fixos no caixão. Sua expressão era impassível.

O padre subiu ao púlpito, abriu as Escrituras e começou a leitura:

— “Senhor, ensinaí-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos um coração sábio.”

A voz dele ecoou por toda a igreja.

E lá fora, em outras partes da cidade, os dias de certos homens estavam contados.

A chuva fina umedecia a calçada diante do Mancuso Social Club, um restaurante tradicional e ponto de encontro dos

homens de respeito. Angelo Mancuso, um dos últimos resquícios da velha guarda, mexia seu café expresso, a colher tilintando na borda da xícara de porcelana.

A porta se abriu. Dois homens entraram, encharcados pela garoa, e caminharam em silêncio até a mesa de Mancuso.

— Fechamos, rapazes. Voltem amanhã.

Nenhuma resposta. Apenas um olhar frio.

Mancuso já sabia o que estava por vir. Ele abriu a boca para falar algo, mas antes que pudesse emitir um som, sentiu algo frio ao redor de seu pescoço.

O arame estrangulador foi puxado com força.

O velho tentou resistir, chutando a mesa, derrubando pratos e talheres. O café se espalhou, misturando-se ao sangue que começava a escorrer de sua boca. Seu corpo se debateu por alguns instantes, os olhos vidrados e saltados, até que finalmente parou.

O clube estava silencioso novamente.

A cidade estava mudando.

O padre virou a página da Bíblia.

Emilia Pegorino estava sentada na primeira fila, um véu negro cobrindo seu rosto. Suas mãos tremiam levemente enquanto segurava um lenço branco, agora encharcado de lágrimas silenciosas. Desde a morte do marido, sua presença parecia a de um fantasma. O luto não era apenas uma roupa preta ou um choro contido — estava nela, no modo como olhava para o nada, no modo como sua respiração se tornava curta e irregular, como se seu corpo não tivesse mais razão para continuar ali.

Quando o padre terminou sua prece, Emilia se levantou. Seu corpo parecia frágil dentro do vestido escuro. Ela caminhou até o púlpito e parou ali, respirando fundo antes de falar.

— Meu marido... — Sua voz vacilou. Ela fechou os olhos por um instante, tentando reunir forças. — Meu marido era um

homem maravilhoso. Ele amava sua família mais do que tudo. Nunca quis nada além de paz para nós... e, mesmo assim, a vida nunca o deixou descansar.

Ela apertou o lenço em suas mãos.

— Eu o vi enterrar nossos filhos. Eu vi seu coração se partir, mas ele nunca demonstrou. Ele sempre foi forte, por nós. Agora ele se foi... e eu me pergunto como vou continuar sem ele.

O silêncio na catedral era absoluto.

Emilia baixou a cabeça e desceu do púlpito, voltando para seu lugar, onde se encolheu, abraçando a si mesma.

Enquanto ela falava, em outra parte da cidade, o vapor quente de uma sauna começava a se misturar com o cheiro de carne queimada.

Genco Bellantoni sempre dizia que ninguém morria relaxado. A sauna do Centro Esportivo Bellantoni estava cheia de vapor. Genco, de olhos fechados e braços cruzados sobre a barriga, desfrutava do calor enquanto respirava profundamente.

Ele só percebeu que não estava mais sozinho quando sentiu uma mão firme em sua nuca, pressionando seu rosto contra a grade metálica incandescente.

Seu grito foi abafado pelo vapor. Sua pele chiou e grudou na grade quente, desprendendo um cheiro nauseante.

O segundo homem puxou uma lâmina longa e afiada, deslizando-a de forma precisa pelo abdômen de Genco, que estremeceu antes de tombar no chão.

A cidade continuava mudando.

O padre fazia o sinal da cruz sobre o caixão.

Ferdinand Pegorino permanecia inabalável. Seu pai partira, mas a cidade não ficaria sem um Don.

A guerra estava terminando.

Mikhail Kramnov sabia que precisava sair da cidade.

Na pista privativa do Aeroporto JFK, ele caminhava apressado, segurando uma maleta de couro cheia de dinheiro. Seus dois guarda-costas seguiam ao seu lado, atentos.

Então, os faróis de um carro preto se acenderam.

Tiros ecoaram pela pista molhada.

Os seguranças caíram instantaneamente, cada um com um buraco limpo no meio da testa.

Mikhail tentou correr, mas uma bala atingiu sua perna, jogando-o no chão. A mala se abriu, espalhando notas molhadas pelo asfalto.

Passos se aproximaram lentamente.

Joe parou ao lado dele, sacou uma pistola e apontou para sua cabeça.

— Don Pegorino manda lembranças.

Mikhail ergueu as mãos, como se pudesse argumentar, mas a bala silenciada atravessou sua testa antes que qualquer palavra fosse dita.

Ferdinand se levantou e caminhou até o púlpito.

Seu olhar era firme, sua presença, imponente.

Então, Ferdinand Pegorino se levantou.

Seus passos eram firmes, controlados. Seu rosto não demonstrava dor, não demonstrava tristeza. Ele subiu ao púlpito como se estivesse assumindo um trono. Olhou para os presentes e respirou fundo.

— Meu pai era um homem de honra.

Houve um murmúrio baixo entre os convidados.

— Ele nos ensinou que a família vem antes de tudo. Que lealdade não é uma escolha, mas um dever. Que um homem que não protege os seus... não é um homem.

Ferdinand olhou para os rostos ali. Alguns estavam emocionados. Outros apenas observavam, esperando pelo que viria a seguir.

Ele segurou o microfone com firmeza.

— Hoje, meu pai foi levado de nós. Mas sua memória não será esquecida. Seus ensinamentos não serão abandonados. Ele construiu algo... e eu não vou deixar isso se perder.

Enquanto ele falava, dois homens jantavam no Bronx, sem saber que era sua última refeição.

Domenico Scarpelli e Bartolo Tizzone brindavam ao que acreditavam ser o enfraquecimento da família Pegorino.

A porta do restaurante se abriu.

Os clientes se jogaram no chão quando quatro homens entraram, armados.

O barulho das metralhadoras preencheu o ambiente.

Scarpelli caiu morto sobre a mesa, derrubando pratos e taças.

Tizzone tentou fugir pelos fundos.

E parou.

Giorgio Calabrese estava esperando por ele, uma pistola silenciosa na mão.

Ele olhou para o homem suado e ofegante, os olhos cheios de pavor.

Giorgio suspirou, ajeitou as luvas de couro e atirou.

A bala perfurou sua testa.

Tizzone caiu para trás, morto antes de tocar o chão.

Ferdinand desceu do púlpito e voltou ao seu lugar.

O padre fechou a Bíblia.

— Requiem aeternam dona eis, Domine...

A missa terminou.

Quando saiu da catedral, Joe, Antonio, Santoro, Raffaele e Giorgio esperavam nos degraus.

— Está feito. — disse Joe sem rodeios.

Ferdinand ajustou os punhos do paletó.

— Eu sabia que podia contar com vocês.

O vento frio de Nova York soprava forte. Mas ele não sentia nada.

Seu pai estava morto. Seus inimigos estavam mortos.